



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

MISAEL RODRIGUES OLIVEIRA

**HISTÓRIA (EM)CANTO: O
CANCIONEIRO MARANHENSE COMO
METODOLOGIA PARA O ENSINO DA
HISTÓRIA DO MARANHÃO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

JANEIRO/2023



MISAELO RODRIGUES OLIVEIRA

HISTÓRIA (EM)CANTO: O CANCIONEIRO MARANHENSE COMO METODOLOGIA
PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade Federal do Maranhão. Área de concentração: Ensino de História

Orientadora: Prof^ª. Dra. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida

São Luís
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rodrigues Oliveira, Misael.

HISTÓRIA EMCANTO: O CANCIONEIRO MARANHENSE COMO
METODOLOGIA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO / Misael
Rodrigues Oliveira. - 2023.
123 p.

Orientador(a): Mônica Ribeiro Moraes de Almeida.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Rede - Mestrado Profissional em Ensino de História,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Canção. 2. Cancioneiro Maranhense. 3. Ensino de
História. 4. História do Maranhão. 5. Música. I.
Ribeiro Moraes de Almeida, Mônica. II. Título.

MISAEL RODRIGUES OLIVEIRA

HISTÓRIA (EM)CANTO: O CANCIONEIRO MARANHENSE COMO METODOLOGIA
PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade Federal do Maranhão. Área de concentração: Ensino de História

Aprovada em ___/___/_____

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof^ª. Dra. Júlia Constança Pereira Camelo

Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Dr. Raimundo Inácio Souza Araújo

Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo e de todos, a DEUS. A razão do meu existir, sem o qual, nada faz sentido e nem tem valor, “tudo que tenho e tudo que sou vem de Ti, SENHOR”. *Soli deo gloria!!!*

A Luzenilce, minha querida esposa, a companheira idônea da qual a Bíblia nos fala e que muitos homens conhecem ou conhecerão só de ouvir falar ou pela descrição do Livro Sagrado. Meu amor, sem o seu amor, seu apoio, sua compreensão e o seu companheirismo este trabalho jamais teria se materializado, seria apenas mais um devaneio entre tantos outros que existiram ao longo da história da humanidade. Quero te inspirar como você me inspira. “Te amo mil milhões”

Ao meu filho Misael Rodrigues Oliveira Júnior, apesar de tão pequeno, o seu sorriso em nossos momentos, foi um grande farol que me guiou em todos os momentos dessa longa caminhada, especialmente, naqueles mais gris. Quero te inspirar como você me inspira. “Te amo mil milhões”

À minha família de sangue: meu pai, Valsimar, e minha mãe, Maria, duas pessoas fundamentais, pois, que mesmo não tendo tido a oportunidade de estudar, fizeram o possível e o impossível para que eu prosseguisse nos estudos, eu amo vocês. E aos irmãos: Hélio, Clemilda, Roberto, Reinaldo, Osmar e Francisca que mesmo não avançando sozinhos, hoje, vocês estão aqui comigo nessa conquista.

À minha família de coração: Feliciano, dona Maria Joana (*in memoriam*), eterna saudade. Aos cunhados: Antônio (o mais “de vestido” de todos), Luzia, Nilde, Carlos, Mary, Feliciano, Sônia, Marília (comadre/afilhada), Tiago (tu és sobrinho ou cunhado?) e Magnólia (tu és sobrinha ou cunhada?).

Aos sobrinhos queridos e amados: Mayara, Levi, Emily, Meilin, Vitória, Yasmin, Enzo, Arthur, Heitor, Geovana, Guilherme, Vinicius, Matheus e Juan.

Ao compadre Danilo e minha comadre Marília, jamais esquecerei a generosidade dispensada a mim. Vocês impediram que a viagem parasse bem no meio. Vocês moram em meu coração, “do lado esquerdo do peito”.

Aos companheiros de Mestrado (ninguém larga a mão de ninguém!!!): Adriana (menina prodigiosa), Amnon (o injustiçado), Antônio (o aluno modelo), Bernardo (a calma em pessoa), Carvalho Júnior (o grilo), Cleidmar (amiga desde os tempos em que “Dondon jogava no Andarahy), Daniel, Edilson, Edlayne, Elivaldo (o líder que já chegou com a dissertação de 500 laudas pronta), Gabriela, Kellyenne, Marco (o mago das apresentações), Nayara, Sandra, Teresa (a autêntica).

Aos professores e professoras: Antônia Mota, Washington Tourinho, Marcelo Paglioça, Júlia Constância, Raimundo Inácio, Tiago, Telma Bonifácio e Maria da Glória (a senhora mora em meu coração). Eu afirmo que a convivência com vocês foi uma experiência fantástica e agregadora de conhecimentos que certamente terá repercussão em minha prática docente doravante.

A Professora. Dra. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida, sua valiosa orientação me conduziu e me fez atravessar este mar revolto e se, em muitos momentos, eu não sucumbi foi devido à sua

magistral orientação e o seu companheirismo. O intervalo de tempo em que fiquei sem orientadora me fez lembrar Colombo em sua viagem rumo às “Índias”, visto que, a única certeza que tinha era que estava navegando, contudo, se chegaria a algum lugar ou não, isso ele não sabia. Era assim que eu me encontrava naquele momento, obrigado por aceitar o desafio de conduzir um barco que àquela altura estava à deriva e levá-lo à terra firme.

Aos alunos das turmas de oitavo ano 2021 e 2022 do Colégio Batista Ludovicense, por aceitarem o desafio de participar das oficinas musicais.

Ao cantor e compositor Erasmo Dibell (genial, fantástico, a generosidade em pessoa); ao cantor e compositor Edy Cândido (genial, fantástico e acolhedor), da Banda Guetos; ao cantor Tadeu de Obatalá (extremamente solícito), da Banda Guetos; à banda Antídotos Sociológicos, em especial, Tony Araújo (sempre me respondia, apesar das muitas tarefas do doutorado) e Beto Ehong (tua prontidão em me atender, me constrangeu). Vocês são os mais gentis, humanos e geniais artistas, pois, além de criarem belas canções que tanto nos emocionam, me concederam informações preciosas para o meu trabalho. Além, é claro, de me doarem o seu precioso tempo. Decerto, depois disso tudo, eu me tornei mais fã de vocês.

Ao mestre Joan Botelho (*in memoriam*), sua paixão por ensinar, especialmente, a história do Maranhão, influenciou e continua a influenciar minha prática pedagógica e, certamente, contribuiu para fomentar as inquietações que nortearam este trabalho.

Aos fundamentais Gabriel de Jesus e Samir Souza pela preciosa contribuição na confecção do produto educacional. Sem vocês, o blog ainda estaria no mundo das ideias.

Ao único programa de rádio que só toca música maranhense e todo dia, o Santo de Casa, da Rádio Universidade FM, na pessoa da produtora e apresentadora Gisa Franco, pois, todas às vezes em que ouvia as músicas que me atraíam, eu anotava um trecho ou o refrão e enviava para lá, e, no mesmo instante, o programa gentilmente me respondia.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse sonho que parecia tão distante, mas ora torna-se realidade.

“A música expressa o que não pode ser dito em palavras, mas não pode permanecer em silêncio”.

(Vitor Hugo)

RESUMO

Parto da premissa de que a música é uma expressão presente em todas as culturas e em todos os períodos históricos da humanidade e também que essa linguagem funciona como uma espécie de potencializador de memórias a ela associadas, visto que, ao ouvirmos determinadas canções novamente, mesmo depois de muitos anos, conseguimos reviver fatos, emoções ou situações vivenciadas no momento em que ela foi lançada ou quando tivemos contato com tal canção. Sendo assim, esta dissertação tem como proposição a utilização do cancioneiro maranhense como metodologia para o ensino da História do Maranhão. A ideia é utilizar as múltiplas possibilidades que a canção como documento pode oferecer no ambiente da sala de aula, dentre as quais, que ela possa tornar o aprendizado da história simultaneamente lúdico, prazeroso e eficaz. Este trabalho além de criar um produto, como propõe o PROFHISTÓRIA, culminou com a aplicação do mesmo em sala de aula através de oficinas realizadas no Colégio Batista Ludovicense.

Palavras-chaves: História; História do Maranhão; Ensino de História; Música; Canção; Cancioneiro Maranhense

ABSTRACT

Starting from the premise that music is an expression present in all cultures and in all historical periods of humanity and also that this language functions as a kind of potentiator of memories associated with it, since, when we hear certain songs again, even after many years, we were able to relive facts, emotions or situations experienced at the time it was released or when we had contact with such a song. Thus, this dissertation has as its proposition the use of the *cancioneiro* maranhão as a methodology for teaching the History of Maranhão. The idea is to use the multiple possibilities that the song as a document can offer in the classroom environment, among which, that it can make the learning of history simultaneously playful, pleasurable and effective. This work, in addition to creating a product, as proposed by PROFHISTÓRIA, culminated in the application of it in the classroom through workshops held at the Ludovicense Baptist College.

Keywords: History; History of Maranhão; History Teaching; Song; Song; Maranhense Songbook

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Show em homenagem ao centenário do mestre Antônio Vieira. A música Balaio das Balaiadas na voz do George Gomes.....	62
Figura 2 - foto de Antônio Vieira	64
Figura 3 - Capa do LP de Nicéas Drumont	73
Figura 4 - Banda Antídotos Sociológicos.....	74
Figura 5 - Atividade 1- Oficina “Eita povo invocado: a participação popular na Balaiada” ...	88
Figura 6 - Atividade 2 - Tem chicote na feira: o desafio de ser negro no Maranhão 134 anos depois do fim da escravidão”.	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
LABORARTE – Laboratório de Expressões Artísticas
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC Ministério da Educação
PAES Programa de Acesso ao Ensino Superior
PCN's Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE Plano Nacional de Educação
PNLD Programa Nacional do Livro Didático
PROFHISTORIA Mestrado Profissional em Ensino de História
UEMA Universidade Estadual do Maranhão
UFMA Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1 “🎵EU TE TOCO, TU ME TOCAS CÁ NAS CORDAS DE UM VIOLÃO🎵”: INTRODUÇÃO.....	11
2 “🎵 QUAL É A PARTE DA TUA ESTRADA NO MEU CAMINHO? 🎵”: O LUGAR DA DISCIPLINA HISTÓRIA DO MARANHÃO NA HISTÓRIA E NO COLÉGIO BATISTA LUDOVICENSE.	23
2.1 O lugar da história do Maranhão na história e nos documentos oficiais.....	24
2.2 Análise do material didático utilizado no colégio Batista Ludovicense e o lugar da história do Maranhão nesta instituição	30
3 “🎵 AH QUE HORIZONTE BELO DE SE REFLETIR 🎵”: USO DA MÚSICA NO ENSINO DA HISTÓRIA.....	39
3.1 Que história é essa de música na educação?.....	39
3.2 “Escutando o passado”: a história da música e a música na história do Maranhão	46
4 “🎵 EU VOU CANTAR NUM BAIÃO MINHA HISTÓRIA PRÁ O SENHOR, SEU MOÇO, PRESTA ATENÇÃO🎵”: DA COMPOSIÇÃO À APLICAÇÃO DO BLOG “O SOM NOSSO DE CADA DIA”.....	50
4.1 “Se tu não quer tem quem queira”: um blog em tempos de <i>Instagram</i> ?.....	50
4.2 “Pois hoje não se consente esperar”: a escolha do repertório.....	53
4.3 “E diga sim a quem nos quer acolher”: as propostas de atividades.....	58
4.3.1 ATIVIDADE 1- EITA POVO “INVOCADO”: A PARTICIPAÇÃO POPULAR NA BALAIADA	59
4.3.2 ATIVIDADE 2- TEM CHICOTE NA FEIRA: O DESAFIO SER NEGRO NO MARANHÃO 134 ANOS DEPOIS DO “FIM” DA ESCRAVIDÃO.....	67
4.3.3 ATIVIDADE 3- NOS AZULEJOS DA CIDADE REPOUSAM A MISÉRIA E A CRUELDADE.....	82
4.3.4 ATIVIDADE 4- OS FILHOS DA PRECISÃO: O PREÇO DA DESIGUALDADE AUMENTA TODO SANTO DIA NO MARANHÃO	83
4.4 “E tudo então se faz canção às cordas de um violão”: as oficinas no colégio batista ludovicense	84
5 “🎵MEU BEM, EU JÁ VOU ME EMBORA, PEÇO QUE NÃO VÁ CHORAR🎵 ”: CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFÊRENCIAS	106
apêndices	110

1 “JEU TE TOCO, TU ME TOCAS CÁ NAS CORDAS DE UM VIOLÃO¹”: INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por objetivo a utilização da canção maranhense como metodologia para a transmissão dos conteúdos de história do Maranhão no Colégio Batista Ludovicense. Este viés constitui-se em uma nova abordagem, a despeito de outros autores já tratarem dessa temática anteriormente² em livros e dissertações. A novidade reside, primeiramente, no foco deste estudo ser a canção composta, produzida e vivenciada no Maranhão, bem como aquela feita por maranhenses não radicados no Maranhão, neste aspecto, a abordagem ora proposta é diferente de Parreão (2017) que, apesar de ser um pesquisador maranhense, se vale de canções já consagradas nacionalmente em seu estudo; outro aspecto inovador é o teor das canções que, neste caso, são aquelas que têm como mote a denúncia social e neste sentido difere da abordagem de Nascimento (2019), que é pautada na questão da cultura e da identidade como forma de ensinar arte no ensino médio e que, por conta disso, fundamenta sua pesquisa basicamente em torno do cd “Bandeira de Aço”³, lançado em 1978, por Papete.

E, por fim, entre os aspectos inovadores deste trabalho, este, difere também da abordagem de Alencar (2006) em seu estudo sobre a censura na música maranhense, pois, este pesquisador usa a canção como forma de comprovar a existência desse aparato repressivo na produção musical do Maranhão. Além disso, a análise de Alencar (2006) está fundamentada em apenas um dos elementos constituintes da canção, a letra. Enquanto a abordagem ora apresentada nessa dissertação propõe explorar os vários elementos da canção, ou seja, ela é a fonte histórica e foi a partir dela que se deu a produção e a difusão do conhecimento e não foi usada apenas para ilustrar um conteúdo ou como paródia, como geralmente muitos autores fazem, inclusive, este que vos escreve outrora fez. Sendo assim, como forma de demarcar ainda mais a minha proposta, assevero que todas as vezes que me reportar a metodologia neste trabalho estou me referindo claramente à canção maranhense como sendo o documento histórico e este sendo usado para transmitir os conteúdos de história do Maranhão.

¹ Ilha Magnética, de César Nascimento. Álbum: Ilha Magnética, 1989.

² Dentre estes autores estão Miriam Hermeto com a obra Canção popular e ensino da história: palavras, sons e tantos sentidos. E Marcos Napolitano com algumas publicações sobre a temática, em especial, História & música – história cultural da música popular.

³ Embora tenha sido lançado por Papete, este emblemático disco é composto basicamente pelas canções da chamada geração do LABORARTE, a saber, Josias Sobrinho, César Teixeira e Sérgio Habibe. Este grupo de compositores também é conhecido pelo epíteto de MPM na mídia local.

E como “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho.” (CERTEAU, 1982, p.81). É necessário afirmar que apesar das muitas potencialidades da canção enquanto documento histórico, ela é como todo e qualquer documento histórico, visto que, é fruto de uma produção histórica de um determinado povo ou cultura em um dado recorte temporal, ou seja, está inscrita em um lugar físico e social. Sendo assim, ela resulta de uma seleção operada por determinada sociedade que decide o que deve ou não ser lembrado em tempos vindouros. Neste sentido, a canção maranhense aqui usada como fonte histórica é, pois, um documento/monumento de que nos fala Le Goff (1990). Sendo assim, ela precisa passar pelo processo de construção e desconstrução para que possa ser utilizado como fonte na sala de aula. Neste caso, ao professor cabe perguntar “Quem compôs? Qual o lugar social do compositor? Em que contexto histórico esse compositor escreve? Perguntas que o historiador/professor deve fazer às suas fontes.” (PARREÃO, 2017, p.23)

E, neste instante, em que trilho a tênue e perigosa linha que separa a tão propalada e a impraticável neutralidade científica, eu considero apropriado que este escrito comece pelas razões ou motivações que movem o autor do mesmo, ou seja, sobre qual tipo de solo ele pisa ao longo de seu trajeto e por que ele escolheu trilhar por este viés. Um dos escritores pioneiros sobre o uso da canção como documento histórico no Brasil, Napolitano (2002), afirma que “Afiml, todo pesquisador, jovem ou experiente, é um pouco fã do seu objeto de pesquisa. Em se tratando de música, essa relação deliciosamente perigosa se multiplica por mil” (NAPOLITANO, 2002, p.7). E, além disso, alinhado com aquilo que Certeau (1982) chama de *Lugar Social* do autor, desejo justificar a escolha do meu objeto de estudo e sem mais delongas, eu vou logo afirmando que esta repousa sobre a minha relação com a música e ela é bem anterior à minha formação em história, inclusive, por longo tempo tive a música como única profissão.

Em função disso, durante a minha graduação em história começou a se estabelecer uma forte e natural relação entre história e música, visto que, por muitas vezes, o meu objeto de estudo em vários seminários, especialmente, nas cadeiras ministradas pela professora Maria da Glória Guimarães, era a música. E já na monografia essa relação veio a confirmar-se e agora, no mestrado, aconteceu uma reafirmação desta forte relação com o acréscimo de um novo ingrediente, a canção maranhense aquela de cunho mais social. Mas, apesar do feliz reencontro entre história e música, o motivo promotor do tal reencontro não é nem um pouco animador e nada festivo. Afiml, a razão por trás deste trabalho deve-se ao momento delicado vivenciado pela história do Maranhão, enquanto disciplina que já não é mais ensinada nas escolas maranhenses, quer sejam elas públicas ou particulares. Sendo assim, apesar dos riscos que essa

tarefa pode oferecer, esta dissertação também visa promover essa disciplina através do uso da canção maranhense na sala de aula durante as aulas de história.

Esta tarefa à qual me referi no parágrafo anterior, por si só já seria hercúlea e ela foi agravada ainda mais pela pandemia da covid19. Ela abateu-se sobre a humanidade a partir de 2020 e ainda está em curso e, de forma indelével, afetou a execução de meu trabalho. As marcas dela estão por toda parte, senão vejamos: a ideia inicial era aplicar o produto em duas instituições de ensino nas quais trabalho, uma privada, o Colégio Batista Ludovicense e a outra pública, a Dom José Delgado de Medeiros, que acabou sendo excluída do processo em face da covid19. Além disso, apesar de ter selecionado sete canções que se harmonizam perfeitamente com esta proposta de trabalho, só foi possível aplicar três delas, mais uma vez, por conta da pandemia que restringiu o tempo de aplicação e o universo de minha pesquisa que ficou restrito ao Colégio Batista Ludovicense, além, é claro, de ter precarizado ainda mais a educação pública, a ponto de as aulas só terem voltado presencialmente no corrente ano.

Originalmente, o projeto de pesquisa previa que a aplicação do produto seria em duas instituições nas quais trabalho, uma de caráter particular, o Colégio Batista Ludovicense, no centro e a outra, uma escola pública na zona rural de São Luís, a UEB Dom José Delgado, na Vila Cascavel. A proposta seria que no segundo semestre de 2021, as aplicações aconteceriam simultaneamente nestas duas instituições. Essa proposição estava fundamentada no indicativo de que, depois de dois anos de pandemia, finalmente, as aulas voltariam presencialmente. Mas, como sabemos, as nossas expectativas não se confirmaram, ou seja, as aulas continuaram como estavam sendo desde março de 2020. No Colégio Batista Ludovicense, por exemplo, permaneceram no formato híbrido, enquanto na UEB Dom Delgado, por sua vez, aulas somente on-line.

Este cenário associado a um fatídico acontecimento, forçou-me a uma alteração nos planos. Primeiro, porque, no caso da escola pública, o acesso à internet era extremamente precário, os alunos, em sua maioria, não conseguiam assistir as nossas aulas via *google meet*. E, além disso, uma contingência do destino terminou por inviabilizar a aplicação por completo no Dom Delgado, uma vez que nessa instituição, nós éramos quatro professores de história, sendo que cada um ficava lotado em uma série para o cumprimento de sua carga-horária. Desde 2020, eu sou lotado no 6º ano, assim para aplicar a metodologia, logicamente, iria precisar da colaboração da professora titular do 8º ano. Contudo, por conta de um acidente no trânsito, ela veio a falecer precocemente. Infelizmente, até a presente data, não foi convocado nenhum professor(a) para suprir aquela vacância.

Além disso, é necessário dizer ainda que, um estudo comparativo entre as duas instituições demandaria muito tempo. E, neste caso, em que ainda estamos em meio a uma pandemia, combinado à burocracia do município de São Luís que tem dificultado o preenchimento da vaga deixada e tudo isso circunscrito em um curto intervalo de tempo em que ocorre o presente mestrado, terminou por inviabilizar a participação da Dom Delgado neste estudo, para a minha tristeza. Digo isso com o mais profundo pesar, pois, sempre almejei contribuir com o oferecimento de um ensino público de qualidade, visto que, sou fruto dele durante toda a minha escolar até o atual mestrado. Uma última coisa ainda relacionada à exclusão do Dom Delgado precisa ser dita é que esta alteração afetou sobremaneira este trabalho, pois reduziu a quantidade hora/aula de aplicação e também o universo discente envolvido, uma vez que, a turma da escola pública era bem maior e tornaria o contraponto com a instituição particular mais interessante.

Contudo, um fato inusitado ligado a isso também ocorreu, é que a mesma contingência que dificultou a execução do trabalho, com o transcorrer do tempo revelou-se uma excelente oportunidade, isso porque, uma das estratégias de continuar o embate em defesa da História do Maranhão era alimentar o meu produto, o blog *O Som Nosso de Cada Dia* após a defesa da dissertação com novas canções e atividades geradas a partir delas. Então, por mais estranho que possa soar, a mesma pandemia que atrapalhou profundamente a execução de meu trabalho, a ponto de quase inviabilizá-lo devido à dificuldade de fazer a aplicação, acabou gerando a possibilidade de poder continuá-lo, uma vez que, ainda restam quatro canções que alimentarão o *blog* a curto prazo e o meu desejo é que isso continue sendo feito com novas canções e, principalmente, que essa continuidade surja a partir da interação com outros professores que fizerem uso do blog com suas sempre bem-vindas críticas e sugestões.

E assim, apesar das frustrações decorrentes destas limitações de execução do trabalho, imbuído por um sentimento de dever para com a história do Maranhão, apliquei as atividades que foram possíveis no Colégio Batista Ludovicense, na turma do 8º ano, anos 2021 e 2022, a fim de perceber simultaneamente a eficácia e os impactos deste produto nos educandos naquela instituição. A série escolhida não podia ser outra, senão 8º ano, afinal, é nessa série que, por enquanto, ainda constam os cada vez mais raros assuntos referentes a história do Maranhão. Essas turmas, 2021 e 2022, nas quais apliquei minha metodologia eram compostas, respectivamente, de 31 e 26 alunos, com os quais já trabalho desde 2019 e 2020, quando à época fizeram o sexto ano. Na verdade, com relação a essas duas turmas, eu só tenho que agradecer, afinal, desde quando ficaram sabendo que eu aplicaria uma metodologia com eles referente ao

meu mestrado, todos ficaram felizes e eufóricos em poder contribuir e as suas participações demonstraram isso claramente.

Dito isso, é necessário dizer ainda que tipo de canção foi utilizada neste trabalho, tendo em vista que, o Maranhão é um Estado que apresenta grande riqueza cultural, especialmente, no tocante à música. A minha opção foi trabalhar com canções que enaltecem o protagonismo de um segmento geralmente marginalizado pela historiografia mais tradicional na construção de nossa história, a saber, o povo⁴. Portanto, trata-se de uma clara proposta de deixar de lado aquele entendimento cristalizado de que ao longo do tempo, pelo fato do Brasil ter sido historicamente dirigido por uma elite e segundo os interesses desta classe, o povo não teria participado das transformações políticas ocorridas em nosso país e que, por conta disso, tão somente assistiu a tudo “bestializado⁵”. Considero salutar esclarecer que essa cristalização da visão acerca da participação do povo na vida política como sendo simplesmente bestializado ou alienado é resultante de um longo e deliberado processo de construção.

E para corroborar com esta assertiva, eu menciono aqui um dos episódios mais emblemáticos da historiografia maranhense, a Balaiada, que não por acaso, foi o assunto escolhido para dar início à etapa de intervenção na escola, ou seja, a aplicação do produto. Segundo Mateus (2018), a imagem tanto da guerra da Balaiada como de seus líderes que é reproduzida pela historiografia de viés mais tradicional foi cunhada por dois autores ainda no século XIX. Uma imagem que, diga-se de passagem, é profundamente negativa e preconceituosa, pois, para estes autores todos os revoltosos são “bandidos, bando de sediciosos, salteadores, vindos da mais baixa ralé da sociedade, pessoas brutas e ignorantes.” (MATEUS, 2018, p.77). E, curiosamente, esta visão profundamente negativa a respeito dessa revolta e de seus líderes cunhada por estes dois autores pioneiros concorreu para a construção e consolidação de uma narrativa oficial, na qual, os balaios são, por natureza, delinquentes, facínoras e vadios, MATEUS (2018).

Esta dissertação parte da concepção de que a História do Maranhão tem vivido um processo acelerado de silenciamento/esquecimento, ou seja, vem desaparecendo dos livros

⁴ Alude-se abertamente à camada da população que não possuía direitos políticos, a massa dos não-cidadãos, isto é, portanto, cidadão seriam aqueles que tinham direitos políticos, os chamados “homens bons” (MATEUS 2018)

⁵ Na transição do sistema político brasileiro de monarquia para República, Aristide Lobo, teria proferido a famosa frase de que o povo teria assistido a este acontecimento totalmente alheio e distante, por isso, a expressão “bestializados”. É comum a generalização da fala de Aristide Lobo quanto à participação popular na história política do Brasil, contudo, essa é uma leitura rasa e equivocada da história, pois, como se explica a Setembrada e Balaiada, ocorridos aqui no Maranhão e ambos movimentos liderados pelo povo? Citando apenas estes casos, mas, sabendo que muitas outras revoltas se não foram lideradas pelo povo, certamente, contaram com a forte presença deste segmento Brasil a fora.

didáticos e dos sistemas de ensino e sequer existe como disciplina na grade curricular estadual e isso, por si só, já é bem assustador e atrelado a esta dificuldade, as poucas referências de nossa história que tendem a emergir afloram pelo viés mais conservador e tradicional da história como este que vos apresentei. Por isso, como forma de pleitear melhores dias para a História do Maranhão e ao mesmo tempo dar voz àqueles que geralmente são relegados ao silenciamento na já silenciada história do Maranhão, o povo, optei por trabalhar assuntos como, por exemplo, a Balaiada e outros assuntos de nossa história, a partir do cancionero maranhense. No caso específico da primeira atividade, que foi sobre a Balaiada, esta foi desenvolvida a partir da canção *Balaio das Balaiadas*, de um compositor maranhense, negro, interpretada por outro cantor também negro, no ritmo que geralmente é associado aos negros, o samba.

Assim, ao propor o uso da canção maranhense, não qualquer tipo de música, mas aquela de viés mais contestatório ou de denúncia, como metodologia para a transmissão de conteúdo de história do Maranhão, além das motivações já elencadas, a ideia era que pudesse potencializar simultaneamente o ensino e o aprendizado da história do Maranhão através da ludicidade que a canção contém. Por isso, no último capítulo desta dissertação, eu apresento o resultado de minha experiência na escola na qual apliquei esta metodologia. E foi pensando por este viés mais lúdico que chamei esta dissertação de HISTÓRIA (EM)CANTO: O CACIONEIRO MARANHENSE COMO METODOLOGIA DE ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO. Trabalho com duas possibilidades de escrita e de entendimento para este título. A primeira escrita assim EM CANTO sugere a própria utilização da canção na sala de aula como metodologia, ou seja, a canção é meio de acessar e de transmitir o conteúdo de História do Maranhão.

Já a segunda possibilidade de escrita e de entendimento é ENCANTO, esta, por sua vez, traz a ideia que sempre procuro atingir em minhas aulas, qual seja, que o aprendizado aconteça de forma eficaz, lúdica e apaixonante. Sendo assim, entendo que a essência dessa metodologia proposta aqui resulte fundamentalmente em uma prática de ensino cujo significado e a escrita das palavras EM CANTO e ENCANTO possam fundir-se, formando uma espécie de amálgama no ambiente da sala de aula, de forma que, não seja possível distinguir uma palavra da outra e que tal fato possa produzir um aprendizado lúdico, verdadeiro e, acima de tudo, transformador. Obviamente sei que tal proposição possa soar um tanto romântica e, por isso, impraticável aos olhos e ouvidos de alguns, mas, se nós educadores que somos não acreditarmos na transformação que a educação pode promover, quem o fará? Os políticos em seus aconchegantes gabinetes? A sociedade cada vez menos empática com nossa categoria e com nossa luta?

Eu, particularmente, creio que seja possível lograr êxito nesse empreendimento de grande envergadura, afinal, tenho razões para isso, visto que, utilizei o rico, vigoroso e belo cancionário maranhense e este, como bem sabemos, é repleto de lindas músicas e estas, por sua vez, estão prenhes de história do Maranhão. Além disso, devo confessar que a escolha da canção maranhense se deu também por outros motivos: primeiro, por conta da riqueza da cultura maranhense, especialmente, da música, que mescla elementos europeus, indígenas e africanos; segundo porque o documento-música é polissêmico, visto que, proporciona muitas possibilidades de utilização, podendo ser explorado um único elemento como a letra, como muitos estudos na área da música fazem. Mas, também pode-se usar a melodia, o ritmo, a performance do intérprete separadamente ou todos estes elementos juntos; e terceiro devido a motivos de ordem pessoal da parte do autor da pesquisa, pois, tenho uma forte relação com a música antes mesmo dos estudos históricos e que em função desta relação que eu já tenho levado a música para a sala de aula há algum tempo.

Bem, depois de discorrer sobre o tipo de música empregada neste estudo e como se deu a utilização dela nas aulas de história e explicar o significado do título, bem como, as razões motivadoras deste trabalho. Julgo ser necessário definir a categoria *Canção*, visto que, é um conceito basilar para esse trabalho. Ora, sempre que usar a categoria canção aqui neste escrito, me refiro à junção de dois elementos indissociáveis na conformação deste gênero musical, qual seja, a letra e a melodia. Este tipo de música surgiu no final do século XIX, mas consolidou-se somente nas décadas de 1920 e 1930, do século XX. Além disso, está ligado ao surgimento de classes populares e à urbanização, como nos fala Napolitano (2002, p. 8-9):

Sua gênese, no final do século XIX e início do século XX, está intimamente ligada à urbanização e ao surgimento das classes populares e médias urbanas. Esta nova estrutura socioeconômica produto do capitalismo monopolista, fez com que o interesse por um tipo de música, intimamente ligada à vida cultural e ao lazer urbanos, aumentasse. A música popular se consolidou na forma de uma peça instrumental ou cantada, disseminada por um suporte escrito-gravado (partitura/fonograma) ou como parte de espetáculo de apelo popular, como a opereta e o music-hall (e suas variáveis). A estas duas formas de consumo de música popular, que se firmaram entre 1890 e 1910 (C LARKE, 1995), não podemos esquecer uma função social básica que a música sempre desempenhou: a dança. Elemento catalisador de reuniões coletivas, voltadas para a dança, desde os empertigados salões vienenses ao mais popularesco “arrasta-pé”, passando pelos saraus familiares e pelos não tão familiares bordéis de cais-de-porto, a música popular alimentou (e foi alimentada) pelas danças de salão.

Napolitano (2002, p.8) conceitua a canção assim:

Aquilo que hoje chamamos de música popular, em seu sentido amplo, e, particularmente, o que chamamos “canção” é um produto do século XX. Ao menos sua forma “fonográfica”, com seu padrão de 32 compassos, adaptada a um mercado

urbano e intimamente ligada à busca de excitação corporal (música para dançar) e emocional (música para chorar, de dor ou alegria...). A música popular urbana reuniu uma série de elementos musicais, poéticos e performáticos da música erudita (o lied, a chançon, árias de ópera, bel canto, corais etc.), da música “folclórica” (danças dramáticas camponesas, narrativas orais, cantos de trabalho, jogos de linguagem e quadrinhas cognitivas e morais e do cancionero “interessado” do século XVIII e XIX (músicas religiosas ou revolucionárias por exemplo).

Em posicionamento similar a Napolitano (2002), Tatit (2004, p.70), afirma que:

A canção brasileira, na forma que que a conhecemos hoje, surgiu com o século XX e veio ao encontro do anseio de um vasto setor da população que sempre se caracterizou por desenvolver práticas ágrafas⁶. Chegou como se fosse simplesmente uma outra forma de falar dos mesmos assuntos do dia-a-dia, com uma única diferença: as coisas ditas poderiam ser então reditas quase do mesmo jeito e até conservadas para a posteridade. Não é mera coincidência, portanto, que a canção tenha se definido como forma de expressão artística no exato momento em que se tornou praticável o seu registro técnico. Ela constitui, afinal, a porção da fala que merece ser gravada.

Ainda no concernente à canção, Napolitano (2002), chama a atenção para uma questão de que três relevantes fatores – de ordem tecnológico e comercial – concorreram para a consolidação dela, são eles: o desenvolvimento do cinema sonoro (1928 a 1933), a invenção das gravações elétricas (1927) e a expansão da radiofonia comercial no Brasil nos anos que vão aproximadamente de 1930 a 1933. Já Tatit (2004), por sua vez, destaca o fato de a canção ter surgido a partir de duas matrizes bem distintas, o lundum e a modinha. O primeiro gênero musical apontando para os terreiros e batucadas dos negros e de seus descendentes, marcados pela forte presença da percussão e do gingado. E o segundo gênero, este, associado a um grupo social com maior poder econômico e que acontece essencialmente nos salões requintados em meados do século XIX. A estes dois gêneros fundadores acrescentou-se um elemento fundamental, a letra, e, assim brotou a canção brasileira.

Desse modo, o conceito de canção adotada neste trabalho ficou assim definido: é um tipo de música popular, surgido no século XX, resultante do encontro indissociável entre a letra e a melodia e herdeira direta de dois gêneros basilares, o lundum e a modinha. Ela está vinculada a uma nova realidade socioeconômica proporcionada pelo chamado capitalismo monopolista vivenciado pelo surgimento das classes populares e médias urbanas e pelo aumento da urbanização de nosso país. Além disso, é necessário dizer ainda que, a canção em seu processo de consolidação, beneficiou-se de avanços tanto nas áreas tecnológicas e comerciais, a saber, o cinema, as gravações e o fabuloso e indispensável rádio. Ouso dizer que essa conjunção da qual resultou a canção brasileira/ maranhense a tornaram uma incrível e deliciosa fonte histórica e

⁶ Apesar da utilização do autor pelo fato de ser uma referência na questão da música, não concordo com o uso desta expressão para se referir a comunidades pautadas pela oralidade, visto que, denota uma visão hierarquizada e sugere inferioridade por parte dessas populações pelo simples fato de não usar a escrita.

se usada corretamente pode tornar as aulas mais dinâmicas, divertidas e profundamente ricas por conta da própria historicidade que ela já carrega em si.

Considero relevante mencionar que este trabalho que ora apresento está ancorado em uma concepção de ensino que defendo até porque eu já pratico, pois, utilizo a música em sala de aula há algum tempo na modalidade paródia, ou seja, partindo de uma música já existente na qual é posta outra letra, neste caso, o conteúdo, visando a apropriação do aluno do que fora ensinado de forma mais lúdica e dinâmica. Este apego à ludicidade a que tenho me referido insistentemente em minhas aulas está alicerçado em uma clara tentativa de fugir da metodologia de um antigo professor que insistia em tornar as aulas de história somente um eterno diálogo com os mortos. Este ilustre professor de história dividia o “quadro negro” (como a lousa era chamada na década de 1980) em três partes, depois preenchia a giz tudo, apagava e escrevia novamente, deixando a explicação para outra ocasião e, às vezes, isso nem acontecia. E para resolver tudo, antes da prova, ele, é claro, aplicava o famoso questionário de vinte questões do qual retiraria dez para prova. Pronto, era só decorar as questões e garantir a boa nota que necessariamente não significava que os alunos haviam se apropriado do conteúdo.

Ora, agindo dessa forma, ele não somente provocava a antipatia, como também o desinteresse em uma parcela significativa da turma, para não dizer toda. Mas, para fazer justiça com tantos outros excelentes professores de história que estão por aí comprometidos com o ensino crítico e transformador que essa disciplina pode proporcionar, eu confesso que naquela época não somente as aulas de história não eram interessantes, mas, também as outras matérias. Felizmente, essa insistência na ludicidade é também uma tentativa de me aproximar de uma professora que lecionava história de uma forma mais vigorosa e que a cada aula despertava a paixão pela disciplina pelo simples fato de propor o debate, a discussão e a inserção dos alunos, ou seja, a construção do conhecimento se dava de forma diferente. Contudo, a verdade é que ao longo de minha vida estudantil encontrei mais professores que trilhavam o caminho do primeiro professor do que o da professora.

Em função disso tudo, ao abraçar a profissão, eu já sabia que tipo de professor eu queria ser e, principalmente, o que não desejava ser em hipótese nenhuma. Indubitavelmente, esta é uma das razões para a utilização da música em sala de aula. Além disso, como alguém apaixonado por música que sou, eu bem sei que esta linguagem tem o poder de nos “transportar” no tempo, ou seja, ela nos fazer recuar a épocas bem distantes da atual, eu demonstro isso no capítulo em que falo da profícua relação entre a música e a história. Por conta disso, decidi levar esta metodologia para o Colégio Batista Ludovicense, mais adiante, no último capítulo apresento os resultados desta aplicação metodológica. Aplicação esta, sempre pautada na crença

que, ao adotar esta metodologia, a escola possa tornar-se um ambiente mais atraente e embora soe muito presunçoso, o meu sincero desejo é contribuir para a diminuição da evasão escolar – um dos gargalos da educação pública brasileira.

Além dessa questão de ordem mais pessoal, é necessário citar também o aspecto legal em torno da educação, a LDB⁷, no artigo 13º, inciso III, determina que o docente deve “zelar pela aprendizagem dos alunos⁸” e que o ensino deve ocorrer em um ambiente de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;⁹” e para que isso venha acontecer é necessário que haja “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber¹⁰” e, é claro, uma “valorização da experiência extraescolar¹¹”; visando a “garantia de padrão de qualidade¹² no ensino. Obviamente que a implementação desse viés mais lúdico passa necessariamente pelo ensino de “artes visuais, a dança, a música e o teatro¹³”, visto que, são linguagens essencialmente regidas pela ludicidade e é nesse contexto no qual se insere a presente dissertação com a utilização da música, neste caso, o cancionário maranhense como metodologia nas aulas de história do Maranhão.

Outrossim, a Base Nacional Comum Curricular, (BNCC), assinala como uma de suas competências gerais:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2017, p.9)

Embora, a palavra lúdico não apareça escrito no texto acima, eu entendo que essa competência dialoga claramente com a questão da ludicidade, visto que, ela já começa com recomendação de se utilizar diferentes linguagens, dentre as quais, está a sonora e apesar dessa palavra não significar exclusivamente música, ela assinala para a utilização dessa linguagem. Além disso, as demais linguagens arroladas, a saber, a verbal, a corporal, a visual e a digital, bem como a sonora, se não são totalmente norteadas pela ludicidade, com certeza, exige-se uma boa dosagem dessa atitude para que possam ser utilizadas. Ademais, estabelece ainda o conhecimento das linguagens artística, matemática e científica como condição para que o aluno

⁷ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 08/12/2022, às 23:00 horas.

⁸ Art. 13º, inciso III, Lei nº 9.394/1996.

⁹ Art. 3º, inciso I, Lei nº 9.394/1996.

¹⁰ Art. 3º, inciso II, Lei nº 9.394/1996.

¹¹ Art. 3º, inciso X, Lei nº 9.394/1996.

¹² Art. 3º, inciso IX, Lei nº 9.394/1996.

¹³ Art. 26º, § 6º, Lei nº 9.394/1996.

consiga se expressar e, ao mesmo tempo, possa compartilhar conhecimento, vivências, conceitos e anseios em realidades variadas e a partir disso tudo ele consiga gerar significado que promova o mais amplo entendimento.

Além disso, vários autores advogam a necessidade do uso do lúdico na educação, dentre estes, vale destacar Aguiar (2020), pois, segundo ela, o lúdico é:

um importante instrumento pedagógico, constituindo uma potente ferramenta para o desenvolvimento da aprendizagem e para a promoção da expressão, da comunicação e da socialização. Associado ao educar, o brincar oferece grande eficácia para a assimilação de informações, dados e conteúdos. (AGUIAR, 2020, p.11)

Assim, quer seja por razões de ordem mais pessoal, qual seja, de fugir daquele modelo de educação mais tradicional¹⁴, prefigurado em certo professor que tive, que sempre escrevia e escrevia muito e, às vezes, nem explicava o conteúdo lecionado. Acreditando que o “questionário mágico” de vinte questões das quais ele retiraria as dez da prova, resolveria tudo. Ou então uma tentativa de me aproximar de certa professora que propunha uma aula que nos desafiava a cada encontro com ela, pois, estava sempre nos questionando ao mesmo tempo em que ia nos inserindo nas aulas através de excelentes contextualizações. Ou ainda por conta das leis que norteiam a educação brasileira, a saber, a LDB e a BNCC, que também apontam para princípio da ludicidade, este trabalho está pautado neste viés através do uso do cancionário maranhense como metodologia para o ensino da história do Maranhão por entender que este princípio se constitui em um excelente meio para alcançar, prender a atenção e promover o aprendizado do aluno.

Por fim, é necessário ainda um último esclarecimento e este diz respeito, mais uma vez, ao título deste trabalho, bem como ao restante do trabalho, visto que, tudo está relacionado. Então vejamos, como já foi dito anteriormente, esta dissertação versa sobre a utilização do cancionário maranhense como metodologia para o ensino de história do Maranhão, ou seja, a música é o meio pelo qual o conhecimento é acessado e ensinado aos alunos. Por conta disso, cada título de capítulo faz alusão a uma canção maranhense e o nome do capítulo ou seção pode ser um fragmento ou próprio nome da canção maranhense. Sendo assim, a introdução, que

¹⁴ A minha vida escolar se iniciou quando a ditadura militar brasileira já havia acabado, contudo, na pequena e pacata cidade de Coelho Neto, no interior do Maranhão, nos idos de 1986, as coisas mudavam muito lentamente. Ainda existia fortes resquícios deste período, era algo tão marcante que as lembranças que tenho deste período é que todos os dias, impreterivelmente, nós perfilados em um pátio cantávamos: o Hino Nacional Brasileiro, o Hino do Maranhão, o Hino da Bandeira, o Hino da Independência e rezávamos o pai nosso. Um inspetor passava entre as filas e se percebesse que alguém estava cantando errado, este permaneceria lá até cantar correto. No aspecto pedagógico, o professor era o detentor de todo o conhecimento, cabendo a ele ensinar e a nós, alunos, aprendermos, sem questionar, é claro. Além disso, eu não tinha nome, era sempre um número.

constitui o capítulo 1, foi intitulada de “EU TE TOCO, TU ME TOCAS CÁ NAS CORDAS DE UM VIOLÃO” faz menção a Ilha Magnética, do cantor e compositor, César Nascimento. O capítulo 2, foi denominado de “QUAL É A PARTE DA TUA ESTRADA NO MEU CAMINHO? Em referência à canção do cantor e compositor, Zeca Baleiro, Quase Nada. Neste capítulo, eu discuti desde o surgimento da disciplina História do Maranhão até o seu atual momento de ocaso. Além disso, analisei o material didático utilizado no Colégio Batista Ludovicense, o Sistema PH de Ensino, a fim de descobrir qual é o lugar ou importância da História do Maranhão naquele material e também naquela instituição.

Já o capítulo 3, por sua vez, foi intitulado de “AH QUE HORIZONTE BELO DE SE REFLETIR”, mais uma vez, refere-se à música Ilha Magnética, de César Nascimento. Este capítulo trata do uso da música no ensino da história, por isso, nele tracei um breve panorama no qual é possível perceber o uso da canção na educação ocidental, partindo da Grécia Antiga, passando pela Idade Média e, logicamente, chegando ao Brasil. E, por fim, proponho o ensino da história do Maranhão através do rico, belo e apaixonante cancionista maranhense. E, finalmente, o capítulo 4, que foi denominado de “EU VOU CANTAR NUM BAIÃO MINHA HISTÓRIA PRÁ O SENHOR, SEU MOÇO, PRESTA ATENÇÃO” faz referência à música do cantor e compositor, João do Vale, *Minha História*. Este último capítulo, tem uma particularidade, qual seja, apesar de ocupar a parte final deste trabalho, não obstante, constitui-se no clímax desta dissertação, ele foi totalmente dedicado ao produto, desde a concepção à sua aplicação na escola.

E falando especificamente do produto, este, fazendo uso de uma linguagem mais linguagem mais musical, eu diria que ele seria o solista de uma orquestra¹⁵, visto que, em um mestrado profissional o produto é condição *sine qua non* para obtenção do grau. Ele foi intitulado de O SOM NOSSO DE CADA DIA. Este nome resulta da junção de duas ideias que se alimentam mutuamente: a primeira é que “O SOM NOSSO DE CADA DIA” faz alusão à oração que Cristo nos ensinou, o Pai Nosso, especificamente ao trecho que diz “o pão nosso de cada dia nos dai hoje” como sendo algo do qual necessitamos diariamente para viver. Já a segunda ideia está relacionada à rica, secular e apaixonante cultura maranhense, notadamente, a produção musical procedente de nosso Estado, a qual foi denominada aqui de cancionista maranhense. Ou seja, este trabalho tem como cerne a canção maranhense e nessa lógica, obviamente, ela é o alimento cultural que nos nutre e nos constitui simultânea e diariamente, sendo, portanto, imprescindível para todos nós maranhenses.

¹⁵ Indivíduo que executa um solo que pode ser vocal, instrumental ou até mesmo parte da dança de determinada composição. Geralmente, são os mais famosos e que têm maior destaque dentro de uma orquestra.

2 “♪ QUAL É A PARTE DA TUA ESTRADA NO MEU CAMINHO¹⁶? ♪”: O LUGAR DA DISCIPLINA HISTÓRIA DO MARANHÃO NA HISTÓRIA E NO COLÉGIO BATISTA LUDOVICENSE.

Neste capítulo, discuti a historicidade da disciplina História do Maranhão desde sua origem no começo do século XX ao atual estágio vivenciado pela disciplina, qual seja, de esquecimento potencializado pela exclusão de Terra das Palmeiras do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 2007 e acelerado a partir de 2009 quando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) passou a ser a porta de acesso ao ensino superior em nossas universidades, no caso do Maranhão, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Além disso, através da análise do material didático adotado pelo Colégio Batista Ludovicense desde 2014, o sistema PH de ensino, analisei o lugar da História do Maranhão naquela instituição de ensino e quais seus desdobramentos nessa comunidade escolar e, de certa forma, lançar um olhar sobre São Luís, tendo em vista que, ao longo destes anos em que existe como escola esta instituição tem contribuído na formação de cidadãos ludovicenses.

A instituição escolhida por mim para aplicar o meu produto foi o Colégio Batista Ludovicense, ou simplesmente CBL, como a comunidade escolar carinhosamente o chama. É uma escola de caráter confessional e particular, está localizada na Avenida Guaxenduba, nº 300, centro de São Luís. Foi fundado no ano de 1991, naquela ocasião começou com cinco turmas: Maternal (13 alunos), Jardim I (14 alunos), Jardim II (10 alunos), Alfabetização (7 alunos) e 1ª série do 1º grau (alunos), totalizando 50 alunos. A partir do ano de 2003 começou a oferecer também o ensino médio, chegando a figurar entre as principais instituições no quesito aprovação no vestibular da UFMA e UEMA. Contudo, por conta de problemas advindos especialmente da crise global¹⁷ associada a uma elevada taxa de inadimplência que crescia a cada ano, fez com que a escola encerrasse o ensino médio no ano de 2019. Hoje, em função dos problemas supracitados, a escola conta com apenas 321 alunos.

O meu ingresso nessa instituição deu-se no ano de 2010, na época, recém saído da graduação de história da UFMA. Iniciei, com as turmas do 6º ao 8º ano e já em 2011, assumi o 9º ano. A partir de 2012, comecei a lecionar também no ensino médio, no 1º e 2º ano e no segundo semestre de 2013, eu assumi também a terceira série do ensino médio, acumulando assim toda a carga-horária da disciplina história da instituição, do 6º ano do fundamental II à 3ª

¹⁶ Quase Nada, de Zeca Baleiro. Álbum: Líricas, 2000.

¹⁷ Surgida inicialmente no setor imobiliário em 2008, nos EUA, espalhou-se para os demais setores e afetou o mundo capitalista como um todo.

do ensino médio até o momento em que a instituição deixou de oferecer a etapa final da educação básica. O CBL desfruta de uma estrutura que considero boa, apesar de não ser uma escola de grande porte. No total, são 15 turmas, todas climatizadas e com internet individualizada em cada uma delas. Além, é claro, de quadra para prática esportiva, que, inclusive, está passando por reforma para dar mais conforto e segurança; uma boa biblioteca, um pátio razoável para a recreação e o lazer da comunidade escolar.

Por fim, faz-se necessário afirmar algo muito claro para este pesquisador que vos escreve, qual seja, que entendo que a utilização da canção como metodologia para o ensino de história deva ser aplicada, primordialmente, no ensino fundamental. A justificativa para o meu posicionamento está pautada em minha vivência escolar, apesar de não ser longa, e esta me diz que é nesta etapa que geralmente conquistamos e/ou “perdemos” o aluno com muita facilidade e nós bem sabemos o quanto é difícil conquistar ou reconquistar aquele aluno que não gosta de história. O fato de defender a utilização da música nas aulas de história nos anos finais do fundamental não significa que entendo que esta metodologia não possa ser aplicada no ensino médio ou em qualquer outra etapa do ensino, longe disso, este posicionamento tão somente reflete a minha área de atuação no momento em que estou elaborando este produto.

2.1 O lugar da história do Maranhão na história e nos documentos oficiais

A fim de entendermos como chegamos ao atual estágio vivenciado pela disciplina História do Maranhão é necessário que embarquemos rumo aos seus primórdios, antes, eu gostaria de propor alguns questionamentos para começarmos: o que você, enquanto professor de história, responderia se um de seus alunos perguntasse: “nós não temos história, pois, eu praticamente não estudei história do Maranhão?” Ou: “Por que eu preciso estudar a história da região sudeste como sendo a história do Brasil?” Ou ainda: “Por que eu devo aprender a história europeia, especialmente, a francesa e a história do resto do mundo onde está?” Ou quem sabe, a pergunta dele seja como ele dará conta de todo aquele conteúdo de história do Maranhão exigido no processo seletivo da UEMA nos cursos mais concorridos daquela instituição e que jamais foi estudado?

Para tentar responder a tais questionamentos e outros que, eventualmente, pudessem surgir, foi necessário fazermos um recuo no tempo a fim de percebermos a historicidade da disciplina História do Maranhão para que possamos entender como é que chegamos, inclusive,

a este estágio atual de esquecimento/silenciamento¹⁸ experimentado pela disciplina História do Maranhão. Bem, segundo Martins (2014) em função de reforma na educação implementada por Benedito Leite,¹⁹ em 1902, surge a disciplina de História do Maranhão como uma matéria separada da História do Brasil. E três anos depois, no dia 13 de abril de 1905, a disciplina já foi incluída no currículo oficial do Estado através do decreto nº 47, assinado por Alexandre Collares Moreira Júnior.²⁰ A nascente disciplina estava pautada na crença redentora de que ela despertaria nos discentes sentimentos de patriotismo, de orgulho e de pertencimento a esta terra como podemos ver neste trecho do diário oficial a seguir:

Art. 2º - O ensino de História do Maranhão que abrangerá todo o período desde a conquista do Maranhão até a sua adesão à república, sendo graduada a sua intensidade de acordo com a categoria d'esses institutos. Terá como o de Noções de História Universal, de História dos povos americanos e História do Brasil, objectivo especial de despertar o mais possível o sentimento patriótico, sendo apreciados os acontecimentos mediante o estado de suas causas e da influência que tiveram na civilização local e destacados os personagens que concorreram para o engrandecimento e progresso do Maranhão. (apud MARTINS, 2014, p.74)

Por sua vez, Gomes (2017) afirma que desde quando surgiu até à chamada Era Vargas, a História do Brasil e, por extensão, a História do Maranhão continuaram pautadas na exaltação da cultura regional, ou seja, nada mais que um imenso desfile de eventos e datas que retratavam apenas a memória de um seleto grupo, a saber, a elite. “Cabe ressaltar, no entanto, que mesmo com uma política nacionalista forte no início da chamada ‘Era Vargas’, o ensino de História do Brasil continuou sem maiores alterações em seu currículo.” (GOMES, 2017, p.60). Contudo, um acontecimento marcante começou a mudar o rumo das coisas, é que no ano de 1964 foi instaurado no Brasil a ditadura militar e em função deste regime ditatorial deu-se uma alteração no currículo escolar brasileiro. Entrava em vigor a educação tecnicista alinhada ao nacional-desenvolvimento dos militares. “As alterações propiciadas pelas reformas do governo militar atuavam como justificativa à ação repressiva do Estado contra qualquer tipo de questionamento da ordem política vigente.” (MARTINS, 2014, p.126)

Entre as mudanças promovidas por esta nova realidade está o alinhamento da educação com a segurança visando tão somente a não-criticidade do educando. Foi por conta disso que as ciências humanas sofreram o impacto significativo, como por exemplo, foram retiradas as

¹⁸ Categorias usadas por Gomes (2017) para caracterizar o estado de abandono em que se encontra a disciplina História do Maranhão.

¹⁹ Natural de Rosário, de abastada família, mas sem projeção política. Cursou Direito em Recife exercendo cargo de promotor no interior do estado e ingressando na política a partir do apoio de Gomes de Castro (VIVEIROS, 1957, p. 04).

²⁰ Então vice-governador do Maranhão durante o governo de Manuel Lopes da Cunha, de 1902 a 1906.

disciplinas filosofia e sociologia; e a história, por sua vez, teve a carga-horária reduzida e ainda foi fundida à geografia virando uma nova disciplina, Estudos Sociais. Além disso, incluiu-se disciplinas de cunho moralizantes como: Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Um tipo de conhecimento sem base científica como nos ensinam Bittencourt (2010) e Gomes (2017). Esta alteração da qual falávamos ocorrida em âmbito nacional também se fez presente cá entre nós, no Maranhão, através da lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971, a História Regional e Local do Maranhão, passou a ser denominada de Estudos Regionais do Maranhão, Martins (2014). Refletindo a respeito desta nova realidade, GOMES (2017), de modo incisivo, afirma que:

De um modo geral, podemos inferir que o estudo da disciplina de História do Brasil até o início da década de 1970, esteve vinculado a uma concepção de “genealogia da nação”, que alternava a valorização de aspectos políticos ou econômicos. O personagem principal dessa história continuaria sendo o Estado-nação, comandado pelas elites.

Neste contexto de autoritarismo na política e de fusão de disciplinas e de outras novidades no campo da educação, por aqui começaram a circular duas obras que foram as principais referências no ensino de História do Maranhão, são elas: Pequena História do Maranhão (1959), de Mário Meireles e Terra das Palmeiras (1977), de Maria Nadir Nascimento e Deuris Moreno Dias Carneiro. Ao analisar estes dois livros, Martins (2014) afirma que Pequena História do Maranhão, de Meireles (1959), adota uma postura tradicional da história, ou seja, ênfase nos personagens famosos e datas “(...) privilegiando as ações de sujeitos históricos do sexo masculino, de origem europeia com predominância da mentalidade branca e urbana.” (MARTINS, 2014, p.135), a obra não apresenta a possibilidade de questionamentos ou problematização aos educandos, cabendo a estes o honroso papel de receptores/reprodutores desta história que em essência não os inclui.

Quanto ao outro livro, o Terra das Palmeiras, a análise já é mais positiva haja visto que esta obra “considera o aspecto cognitivo do aluno no aprendizado e valorizando a relação com o meio em que o mesmo se encontra inserido.” (GOMES, 2017, p.62). Segundo Martins (2014, p.138) “O Terra das Palmeiras tornou-se o livro didático de Estudos Sociais do Maranhão mais difundido na mentalidade popular e nos sistemas de ensino locais nas décadas de 80 e 90 do século XX.” Ao longo dos anos em que foi publicada esta obra realizou alguns feitos consideráveis para uma produção de cunho local, tais como: este livro ficou no mercado durante trinta anos; teve quatro edições pela FTD; foi o primeiro livro de História do Maranhão a constar no Guia de Escolha do livro didático nacional, MARTINS (2014).

A despeito de todo sucesso de Terra das Palmeiras, com a extinção da disciplina Estudos Sociais e a introdução de um novo currículo proposto pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) implementada no ano de 1996, trouxe de volta e de forma separada as disciplinas História e Geografia. E nesta nova conjuntura,

O Guia de Livros Didáticos – 1ª a 4ª séries – PNLD 2004 classifica a referida obra como “recomendada com ressalvas”. Diante disso, aponta a existência de problemas na abordagem, mas que não justificam sua exclusão por caracterizar a única opção didática para o trabalho com história do Maranhão. (MARTINS, 2014, p.157)

Contudo, pouco tempo depois veio a dolorosa derrota:

Mas a singularidade do Terra das Palmeiras não pôde sustentar a inclusão da obra nos guias de escolha do livro didático. A exigência pela melhoria dos livros didáticos como ponto de apoio necessário ao desenvolvimento das propostas curriculares oficiais, culminou com a retirada da obra do PNLD. Assim, o guia da escolha em 2007 não apresentou opções de obras para os conteúdos de História do Maranhão. O documento continha resenhas de livros regionais relacionados a outros Estados Brasileiros, mas nenhuma opção sobre o Maranhão. A obra de Maria Nadir Nascimento havia sido classificada como “não recomendada”. (MARTINS, 2014, p.158)

Este revés de nosso mais emblemático livro de ensino de história local, o Terra das Palmeiras, é bastante sintomático porque a partir deste momento o que estava em curso era um processo que culminaria na não-obrigatoriedade da disciplina de História do Maranhão no currículo estadual daquele momento aos dias atuais. Algo de fato lamentável, pois segundo Gomes (2017) e Martins (2014) entre os de 1971 a 1996, nós tivemos aula de História do Maranhão em nossas escolas e, decerto, esta oferta contribuiu para a formação da identidade de várias gerações de maranhenses, dentre os quais, alguns que hoje lecionam. Contudo, o que mais assusta nisso tudo é a velocidade com que tudo isso aconteceu, pois, a exclusão junto ao PNLD deu-se em 2007 e a partir de 2009, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), veio e substituiu o tradicional vestibular como forma de acesso ao ensino superior e é inegável que a história do Maranhão perdeu espaço, uma vez que, esta nova modalidade avaliativa adota um viés mais generalizante e uniformizador em detrimento do regional/local.

Ora, de maneira geral, já é bem difícil lecionar história, afinal, ela não traz em si o medo da reprovação que a maioria dos alunos têm, por exemplo, da matemática, da química ou da física. E, infelizmente, ela ainda continua sendo tratada como uma disciplina fácil, decorativa e para muitos até mesmo desnecessária. E o que fazer ou dizer quando o poder público chancela a visão achincalhada que as pessoas já têm da história adotando políticas como esta que desqualifica a história local? Nestas horas, sinceramente, eu me pergunto nos moldes de

Certeau, (1982, p.55) “O que fabrica o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? Que produz? (...) O que é esta profissão?”. E respondo a mim mesmo que esta profissão é aquela que nos possibilita o pensar historicamente, embora, não seja o único ramo do conhecimento com esta prerrogativa. Pois, nós temos aprendido com Rüsen (2016) que pensar historicamente é uma constante antropológica, ou seja, é uma ação válida para qualquer ser humano capaz de raciocinar. Ainda assim, ele afirma que:

Pensar historicamente, por conseguinte, consiste na capacidade de o ser humano entender a relação presente-futuro com respeito ao passado. Ao refletir sobre essa tríade - que se articula tanto no contínuo quanto na ruptura- o pensamento histórico institui tanto o sentido do contexto temporal em que se insere o agente quanto a sua identidade mesma. (RÜSEN, 2016, p.50)

Assim, pensar historicamente é mais do que simplesmente dominar o passado de forma ampla, antes, significa ter a capacidade de articular passado, presente e futuro, ou seja, entender que os questionamentos brotam no presente e que são eles que nos “levam” ao passado em busca de respostas e ao identificarmos as possíveis soluções as projetamos em expectativas de transformação do futuro. Não obstante, é necessário dizer que ter a capacidade de articular os três tempos, a saber, passado, presente e futuro, não nos torna capazes de controlar o futuro, mas que podemos caminhar de forma mais segura, evitando cometer erros do passado. Assim, ciente da importância do pensar historicamente e também do nada apreciado caráter preterido da disciplina História do Maranhão, Gomes (2017, p.69), questiona: “Como então contemplar a perspectiva da historicidade dos educandos da rede de ensino se os mesmos não têm acesso a história da sua própria região? Da sua cidade? Do seu bairro?” E referendado por Cerri (2011), ele responde apontando para relevância da historicidade na conformação identitária e, mormente, para a própria condição humana:

A historicidade, como propõe Cerri (2011) é condição própria da existência humana, antes mesmo de ser ensinada ou pesquisada. É o que dá sentido a experiência humana no tempo, nos permitindo evoluir na perspectiva da coletividade aos estabelecermos laços de identidade comuns, que por sua vez vão se solidificando através de um passado/história também comuns. (GOMES, 2017, p.69)

Além disso, afirma que:

Devemos considerar também que tal processo (atribuir sentido a experiência humana no tempo) não é natural, apesar de ser intrínseco a vida humana. Na coletividade, produzimos narrativas históricas que, dependendo das intenções (sociais, políticas, culturais), serão legitimadas ou não. E a escola, através do seu currículo/ensino e transmissão do conhecimento/narrativa para as gerações futuras, tem um papel significativo, cabendo a disciplina escolar de História orientar os indivíduos quanto a relação que os mesmos travam com o tempo histórico. (GOMES, 2017, p.69)

E, por fim, sentença:

Dessa forma, atribuição de sentido a História pelo educando seria mais eficaz quando o mesmo experimentasse discutir com maior frequência narrativas que são próximas da sua realidade. Palpáveis, no sentido de se integrar ao contexto em que compartilham suas vivências e as relacionam com a História do lugar em que se encontram. (GOMES, 2017, p.69)

E nessa mesma linha de pensamento Jörn Rüsen afirma que: “A história não é o passado. é a construção de um sentido na inter-relação do presente com o passado, repleto de significados.” (RÜSEN, 2016, p.8). Ora, diante desta afirmação e do que fora exposto até aqui, é possível afirmar que nossos alunos e o povo maranhense como um todo têm sido prejudicados por conta da ausência do ensino regular de uma disciplina que discuta a realidade na qual estão inseridos, ou seja, que retrate seu povo, suas crenças, sua forma de viver a vida que, embora, em alguns aspectos assemelha-se a outros povos, mas que decerto guarda muitas peculiaridades. Ao fazer esta afirmação não estou defendendo a exclusão dos conteúdos de História Geral, América e Brasil, longe disso, pois, entendo a importância deles na formação de nossos alunos. Mas, também postulo a inclusão da história do Maranhão por entender a necessidade e relevância dela tanto quanto os demais conteúdos, especialmente, “Em uma conjuntura onde a globalização tem influência na circulação de ideias, valores e comportamento através do consumo de massa e das novas tecnologias de comunicação, é importante analisar as relações entre o global, nacional, regional/local.” (GOMES, 2017, pp.70-71)

Esta defesa da História do Maranhão encampada neste trabalho não é aleatória, mas, nós estamos amparados pelos dispositivos ou documentos legais que norteiam a educação no Brasil, tais como, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Estes, preconizam o ensino da história local, como nos afirmam as autoras Gambim e Gonçalves (2016):

Os estudos da história local conduzem aos estudos de diferentes modos de viver no presente em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta dos estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais. Classificando-os como mais evoluídos ou atrasados. (GAMBIM e GONÇALVES, 2016, p.3)

Mas, apesar da importância do estudo da história local destacado pelas autoras em consonância com os PCN's, por aqui tal documento não tem sido suficiente para garantir o ensino de História do Maranhão. A explicação para a ineficácia dos PCN's talvez resida no fato que de eles não gozarem do status de documento de caráter obrigatório. Então, vejamos o que

diz outro documento, este, por sua vez, de caráter obrigatório, me refiro à Lei das Diretrizes e Bases (LDB), a lei maior que rege a educação no Brasil, de 1996, ela determina em seu 26º artigo que:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos” (BRASIL, 1996).

Como podemos ver, mais uma vez, este outro documento deixa claro a necessidade da inclusão do local ou regional na formação dos educandos. Mas, apesar da exigência deste e do anterior, documentos que, por sinal, regem a educação brasileira até a BNCC, no concernente à História do Maranhão, a realidade apresenta-se em total dissonância com o que preconizam tais documentos. Na verdade, o que temos por aqui é uma realidade escolar à parte, ou seja, totalmente desvinculada destes documentos. Em face disso é que Mateus (2018), afirma, de forma categórica, que “A abordagem da História Local e Regional não tem sido contemplada na sala de aula, no processo de ensino aprendizagem.” (MATEUS, 2018, p.20). A seguir, nós analisaremos o material didático adotado no Colégio Batista Ludovicense, o sistema PH de ensino, com o objetivo de percebermos qual é o lugar da História do Maranhão naquele contexto e quais são os seus impactos naquela comunidade escolar e, de certa maneira, em São Luís, posto que, essa instituição tem contribuído na formação de muitos cidadãos ludovicenses ao longo destas três décadas de sua existência.

2.2 Análise do material didático utilizado no colégio Batista Ludovicense e o lugar da história do Maranhão nesta instituição

Desde 2014 até o corrente ano, o material adotado pelo Colégio Batista Ludovicense é o sistema PH DE ENSINO. Esse sistema foi desenvolvido a partir do material didático produzido para o Curso PH que foi fundado no ano de 1987, no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro. Hoje, 34 anos depois, o sistema PH já conta com 330 escolas parceiras espalhadas pelo Brasil, ou seja, instituições que adotam o sistema apostilado como material didático. Pedagogicamente falando, a estruturação do material PH é bastante prática, pois, cada módulo abre com uma seção intitulada de PARA COMEÇAR, ela traz uma contextualização a fim de conectar o conteúdo com a atualidade. A seguir mais uma seção, PARA RELEMBRAR, essa, por sua vez, tem a função de retomar conteúdos anteriores que, de certa forma, dialogam com o que será

ensinado neste novo módulo. E, finalmente, o novo conteúdo é apresentado na seção chamada de PARA APRENDER, e ao longo dessa, aparecem dois “*drops*” intitulados de GOTAS DO SABER e AMPLIANDO HORIZONTES, ambos trazem informações extras acerca do conteúdo estudado, em geral, curiosidades ou pesquisas mais recentes acerca do que está sendo ensinado/estudado.

E, para concluir, aparecem três seções, a SITUAÇÃO-PROBLEMA, ATIVIDADE PRÁTICA e PARA CONCLUIR. A primeira, a SITUAÇÃO-PROBLEMA, conecta o conteúdo com a atualidade através de uma permanência; já a ATIVIDADE PRÁTICA, em geral, propõe uma pesquisa ou confecção de algum objeto, além, é claro, de uma discussão entre os alunos; e, por fim, PARA CONCLUIR, uma retomada dos principais aspectos de forma bem objetiva, em geral, dois ou três parágrafos no máximo. Todos os módulos terminam sempre da mesma forma, qual seja, são propostos três tipos de questões para consolidar o aprendizado: o PRATICANDO O APRENDIZADO, constituídas por quatro questões subjetivas, ligadas aos principais conceitos; o APLICANDO O CONHECIMENTO, também quatro questões subjetivas e mais interpretativas, desenvolvidas a partir de textos e imagens; e, por fim, o DESENVOLVENDO HABILIDADES, composto por quatro questões objetivas, em geral, mais difíceis e quando elas são voltadas para o nono ano, algumas vezes, trazem questões do ENEM.

Além do livro físico supracitado, existe também uma plataforma virtual na qual são oferecidos alguns serviços e ferramentas, tais como: banco de questões, os livros digitalizados, estudos orientados, ambiente de aula on-line, ambiente para formação continuada dos professores etc. Lembrando que o acesso à plataforma é permitido a gestores, professores, alunos e pais, mediante o cadastramento de senhas que servem para direcionar os acessos dos membros da comunidade escolar de acordo com sua função, é claro. Existe ainda na plataforma, um sistema avaliativo semanal voltado exclusivamente para o aluno, chamado de PH's, ele abre toda quarta e fecha na terça para reabrir novamente na quarta. A ideia é que toda semana, o aluno seja avaliado de acordo com os módulos trabalhados. É interessante mencionar ainda acerca da organização deste material, que o mesmo consiste em quatro cadernos anuais que engloba todas as disciplinas oferecidas, à exceção de artes, filosofia e espanhol²¹, sendo um caderno por bimestre.

No caso de história e geografia, da área de humanas, elas têm a mesma carga-horária, é composto por sete módulos nos dois primeiros cadernos e no três e quatro, cinco e cinco,

²¹ Essas disciplinas não oferecidas pelo sistema PH no segmento fundamental II.

respectivamente, totalizando vinte e quatro módulos por cada disciplina ao longo do ano. Sendo assim, no fundamental II, ou seja, do sexto ao nono ano, são noventa e seis módulos no total. Ao longo do ano, os alunos do sexto ao nono estudam, ao todo, noventa e seis módulos. Sendo vinte e quatro em cada uma das séries. Ora, para propalar a ideia de ser um material moderno e atualizado, os cadernos PH's ostentam orgulhosamente o selo alinhado à BNCC²² em todas as suas capas. E se menciono esse aspecto é porque neste quesito, de fato, o sistema PH é fiel à Base Nacional Comum, ou seja, assim como aquele documento, este sistema também negligencia a parte voltada para o local/regional. Segundo Sousa e Cabral (2020), a BNCC estabelece que nas séries que vão do sexto ao nono ano tenham noventa e nove habilidades, distribuídas da seguinte forma: 6ºano, 19; 7ºano, 17; 8ºano, 27; e 9º ano, 36. Dentre estas, apenas cinco fazem menção ao local e o que é mais grave ainda é que, “apenas em uma, o termo ‘história local’ aparece expressamente. Sendo essa, ainda, a única ocorrência da expressão em toda a BNCC.” (SOUSA e CABRAL, 2020, p.4). Sendo assim,

A Base apresentar-se como “[...] um documento plural, contemporâneo, e [que] estabelece com clareza o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito” (BRASIL/BNCC, 2017, p. 05, grifo nosso). Mas, apenas 5% das habilidades dos Anos Finais são voltadas para a abordagem de questões locais. (SOUSA e CABRAL, 2020 p.4).

Esta situação esdrúxula, denunciada por Sousa e Cabral (2020), vai na contramão do que defende outro importante o documento para educação brasileira, os PCN's²³, Parâmetros Curriculares Nacionais, pois para estes:

É no local, conhecendo pessoalmente casas, ruas, obras de arte, campos cultivados, aglomerações urbanas, conversando com os moradores das cidades ou do campo, que os alunos se sensibilizam para as fontes de pesquisa histórica, isto é, para os materiais. sobre os quais os especialistas se debruçam na interpretação de como seria a vida em outros tempos, como se dão as relações entre os homens na sociedade de hoje, como o passado permanece no presente ou como são organizados os espaços urbanos ou rurais. O estudo do meio é, então, um recurso pedagógico privilegiado, já que

²² A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 18/04/2022 às 00:19

²³ No Brasil, os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com o objetivo principal de orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais concernentes a cada disciplina. Esses parâmetros abrangem tanto a rede pública, como a rede privada de ensino, conforme o nível de escolaridade dos alunos. Sua meta é garantir aos educandos o direito de usufruir dos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania. Embora não sejam obrigatórios, os PCNs servem como norteadores para professores, coordenadores e diretores, que podem adaptá-los às peculiaridades locais. Os PCNs nada mais são do que uma referência para a transformação de objetivos, conteúdos e didática do ensino. <https://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-documento-completo-atualizado-e-interativo>. Acesso em 18/04/2022 às 02:23.

possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo. (BRASIL, 1998, p. 94).

Contudo, ao analisarmos o material do sistema PH na questão dos conteúdos e de suas respectivas distribuições nas séries, nós chegamos a percentuais, que, obviamente, não são iguais aos da BNCC, mas, ao mesmo tempo, não estão tão distantes no que se refere ao local/regional. Vejamos então estes alarmantes números: a Ásia aparece em três módulos, ou seja, 3, 12%; a África, por sua vez, aparece em seis módulos, ou seja, 6, 25%; a América, por seu turno, aparece em sete módulos, ou seja, 7, 29%; já o Brasil (que praticamente conta a história da região Sudeste) aparece em trinta e cinco módulos, ou seja, 36, 45%; e, finalmente, o Maranhão que aparece em quatro módulos, ou seja, 4, 16%. Os números comprovam aquilo que nós “já sabemos de cor²⁴”, qual seja, que a história que aprendemos, inclusive, nas universidades e que posteriormente passamos a ensinar nas escolas é, em sua maioria, europeia, 50,91% e praticamente exclui ou reduz de forma drástica o lugar da história local/regional, negligenciando assim as recomendações tanto dos PCN's, como os da LDB.

Dessa forma, ao terminar a etapa I da educação básica que é composta pelo ensino fundamental I e II, logicamente, os nossos alunos mais aplicados na disciplina de História conhecerão bastante a história do continente europeu ocidental, estruturada a partir da lógica francesa. Saberão ainda um pouco sobre a Ásia, na verdade, a parte desta que se relacionou com o Ocidente. Terão acesso a uma pequena porção da História África, neste caso, muito mais por força da lei 10639/2003-11645/2008²⁵ do que qualquer outra coisa. Conhecerão um pouco da história da América ou a história de Incas, Asteca e Maias, como se fossem apenas estas civilizações que por aqui viveram e com um detalhe pitoresco, descrita, a partir do olhar do colonizador e dominador europeu. Saberão ainda da história do Brasil que, na verdade, consiste na história da região sudeste, com pitadas da história de algumas regiões do Brasil, única e exclusivamente, quando estas se cruzam a história daquela. E, praticamente, saberão nada ou quase nada, como diria o poeta, da história de seu Estado, o Maranhão.

Diante desta triste situação, qual seja, do maranhense praticamente não conhecer sua própria história, alguém pode argumentar que o Brasil é um país recente, afinal, em abril, nós fizemos apenas 522 anos e que o Estado do Maranhão, por sua vez, só foi colonizado bem mais tarde, com certo atraso em relação ao próprio Brasil e que, por isso, ambos só aparecem no conteúdo trabalhado a partir do sétimo ano; ou talvez o argumento seja que o sistema PH de

²⁴ Composição de Beto Guedes, Sol de primavera, do LP Sol de primavera, de 1979.

²⁵ Lei responsável pela inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

ensino é do Sudeste, assim como maioria das editoras do Brasil e, que por conta disso, ele não traz a história do Maranhão. Não estou me apresentando aqui como o detentor da verdade, a ponto de desqualificar totalmente a tais argumentos, até porque eles representam o olhar de alguém. Contudo, eu gostaria de compartilhar um fato curioso acerca do material adotado antes do PH, o Sistema Positivo. Ora, este sistema era do Paraná e, apesar disso, ele disponibilizava um livro chamado “regional”, que abordava a história e a geografia do Maranhão até o 5º ano.

Apesar de estar apenas há apenas doze anos em sala de aula, eu sei que não é muito comum a circulação de livros didáticos que versam sobre a realidade maranhense, pelo menos, de geografia e história do Maranhão. Em função disso, as professoras do 4º e 5º ano do fundamental I, do CBL, por entenderem a importância que seus respectivos alunos têm de conhecer a história e a geografia de seu próprio Estado, o Maranhão, continuaram usando o chamado livro regional, do Sistema Positivo, para ministrar aulas referentes a realidade local, de forma paralela e por total conta e responsabilidade delas. Por semelhante modo, era isso que acontecia comigo no tempo em que lecionava no ensino médio e que chegava o momento de preparar os alunos para o PAES, da UEMA, eu precisava “inventar” para poder dar conta do vasto conteúdo de história do Maranhão em função da carência de tempo, bem como de livros e por conta própria e responsabilidade minha, uma vez, não tinha a disciplina e nem o currículo a ser cumprido.

Esta ausência da história do Maranhão nos livros e sistemas de ensino sempre me afligiu. Por conta disso, desde a minha chegada ao Colégio Batista Ludovicense, em 2010, eu me perguntava onde estava a história do Maranhão e por que ela não era ensinada aos alunos? E a cada troca de sistema, o consultor sempre me respondia que novo material não contemplava esta parte, nem mesmo em separado se eu quisesse adotar. Devo admitir que essa negativa ou silenciamento/esquecimento a este respeito me angustiava profundamente. Finalmente, em 2019, brotou uma pequena centelha, não exatamente da forma que eu desejava, mas, graças a questionamentos²⁶ feitos junto à minha coordenadora acerca do desaparecimento da história do Maranhão dos livros didáticos, especialmente, em nosso caso que utilizamos um sistema de ensino que vem do Rio de Janeiro, eu consegui desenvolver, obviamente, juntamente com ela, a mostra cultural daquele ano intitulada de ILHA BELA.

Essa referida mostra cultural desenvolveu-se em torno de uma coleção de história do Maranhão ilustrada, voltada para o público infantil, que mescla episódios históricos e lendas

²⁶ Não foi a primeira vez que o fiz. Na verdade, sempre que nos reuníamos e que surgia a oportunidade, eu externava o meu descontentamento pela não inclusão da História do Maranhão em nosso material.

urbanas, personagens reais e fictícios, do autor Wilson Marques²⁷. A bem da verdade, eu devo dizer que não houve qualquer oposição da parte de minha coordenadora, ela acatou de imediato a minha sugestão por entender a necessidade que nossos alunos têm de estudar também a história do Maranhão, bem como a do Brasil e a Geral. E, além disso, é necessário de dizer que houve um total apoio por parte da diretoria ao empreendimento, inclusive, eles contrataram um músico profissional para ensaiar com os meninos o hino de São Luís e as músicas Ilha Magnética, De Teresina a São Luís e obviamente, a música tema, Ilha Bela. A culminância aconteceu em frente ao Palácio dos Leões, no dia 8 de novembro de 2019, no exato momento em que o sol se punha. Uma experiência marcante para todos os envolvidos, notadamente, para os alunos, que sempre mencionam este acontecimento quando estamos falamos sobre a nossa história.

Assim, especialmente, por relatos como este e por tantos outros, afirmo que a ausência da disciplina História do Maranhão não afeta apenas a escola estudada nesta dissertação. Na verdade, é um problema geral, visto que, em nosso currículo não existe mais essa disciplina. Por conta disso, ocorre um fato bastante inusitado envolvendo essa ausência e a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e se não fosse trágico, com certeza, seria cômico, senão vejamos: acontece que a referida universidade manteve o seu tradicional certame para o ingresso em qualquer um de seus cursos, o Programa de Acesso ao Ensino Superior (PAES), independente do ENEM e é em função disso que ocorre uma situação bem curiosa, pois, é exigido história do Maranhão no conteúdo programático para aqueles que pretendem conquistar uma vaga na UEMA. Contudo, temos visto que a disciplina não é obrigatória, sendo assim, não temos aula de história do Maranhão²⁸ e tampouco os alunos possuem livro de História do Maranhão.

Deste fato curioso brota uma questão: “Como os estudantes podem alcançar um bom desempenho nesse processo seletivo sem acesso ao conteúdo de História do Maranhão?” (GOMES, 2017, p.73). Assim, a Universidade Estadual do Maranhão, cumpre um importante

²⁷ Natural de Caxias, MA. Formou-se em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), atuando em jornais de São Luís e São Paulo. Apaixonado pela arte em suas mais diversas formas, enveredou pela fotografia e pela literatura, produzindo uma série de títulos infantojuvenis inspirados nas ricas tradições folclóricas e culturais da sua região, a exemplo de Quem tem medo de Ana Jansen?, O tambor do Mestre Zizinho (Mercuryo Jovem), A lenda do Rei Sebastião e o Touro Encantado em cordel (Mercuryo Jovem), A menina inhame (Editora SESI-SP), Os dois irmãos e o olu (Editora SESI-SP) e O jovem João do Vale (Nova Alexandria). É redator publicitário e mora em São Luís, onde participa ativamente de atividades voltadas para o incentivo à leitura. <https://www.oagenteliterario.com.br/portfolio/wilson-marques-2/acesso> em 27/07/2021 às 15:01.

²⁸ Uma vez que a disciplina já não é obrigatória e como o conteúdo que precisam dar conta é gigantesco, muitos professores já não lecionam mais história do Maranhão. Além disso, um agravante é que a maioria dos alunos opta pelo ENEM em detrimento do PAES, da UEMA.

papel na defesa da história do Maranhão, uma vez que, exige conteúdo referente à nossa História. Não obstante, aquele aluno que estudou a vida inteira em escola pública, mas que não dispõe de recursos para pagar um cursinho terá um obstáculo a mais em sua caminhada rumo ao ensino superior e gratuito e, por mais estranho que isso possa parecer, ele terá que superar a história de seu próprio Estado, não oferecida, mas exigida, para conquistar a vaga no ensino superior da UEMA. Dessa forma, “Mesmo sabendo que pelo sistema de cotas para as escolas públicas os alunos da rede concorrem entre si, cria-se uma diferenciação quanto ao acesso à História do Maranhão.” (GOMES, 2017, p.73).

Portanto, o não-oferecimento desta disciplina provoca prejuízo de várias ordens, neste caso específico da UEMA, configura-se em uma dupla privação, uma ligada ao desconhecimento de sua própria história e outra de poder realizar uma prova em condições de igualdade em relação aos demais candidatos que disputam a vaga, GOMES (2017). Eis aí a necessidade na qual se insere a presente dissertação em função deste vácuo criado pelo PAES da UEMA e pelos concursos públicos que continuam exigindo história do Maranhão. Então, a partir da intrigante situação em que se exige do aluno o que não lhe é oferecido ao longo de sua vida escolar, ou seja, a história do Maranhão, se configura um espaço privilegiado para a aplicação do produto que é o blog O SOM NOSSO DE CADA DIA, visto que, este por consistir na utilização da música do Maranhão como metodologia para ensinar História do Maranhão, através de sua proposta calcada na ludicidade possa potencializar o ensino e o aprendizado da história do Maranhão.

A despeito da necessidade do ensino de história do Maranhão como tenho apontado ao longo deste trabalho, reconheço a dificuldade dessa valorização do local, visto que, essa diminuição do papel do local faz parte de algo bem maior, um processo iniciado com as grandes navegações europeias lá na Idade Moderna chamado de globalização, um movimento que tem como uma de suas características, a descentralização. Mas, apesar da difundida ideia de descentralização como marca da globalização, no Brasil, no concernente à educação adota-se um viés centralizador, segundo Martins (2014). Sendo assim, mesmo nos Estados menos apaniguados, como é caso do Maranhão ou os mais longínquos como os da região norte, adotam propostas pedagógicas direcionadas pelo Ministério da Educação. E, assim como aconteceu nas demais universidades Brasil afora, depois que a Universidade Federal no Maranhão (UFMA) adotou a nota do ENEM como forma de acesso ao ensino superior, a história do Maranhão tem experimentado um processo de silenciamento/esquecimento bastante acelerado, pois:

(...) os exames nacionais, especificamente, o ENEM são estruturados a partir de conteúdos gerais, vinculados a competências e ilustrados em questões relacionadas à História Geral ou do Brasil. Pelo seu amplo alcance, o ENEM não engloba aspectos da constituição histórica local. No máximo, questões podem apresentar elementos regionais. (MARTINS, 2014, pp.196-197)

A este respeito Mateus (2018) afirma que:

Mais recentemente, com a implementação do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), os conteúdos específicos da História do Maranhão, que ainda eram contemplados no currículo nacional, deixaram de ser exigidos, fazendo com que os estudantes se interessem menos ainda pela história local, assim como muitos docentes diminuíam a já insignificante carga horária dedicada a esses conteúdos. (MATEUS, 2018, p.24)

Tal fato provoca um grande desconforto em nós professores, especialmente, quando precisamos preparar aulas que sejam voltadas para o processo seletivo da Universidade Estadual do Maranhão – que não aderiu ao ENEM – ou mesmo para as séries do fundamental e médio, pois nos percebemos envolvidos em uma árdua tarefa, visto que, nos deparamos sempre com a mesma situação já descrita anteriormente, qual seja, de trabalhar com uma disciplina que, à priori, não existe. Além desta questão, uma outra derivada diretamente dela nos salta aos olhos e diz respeito aos efeitos nefastos provocados por este silenciamento de nossa história não somente nos livros e sistemas, mas, principalmente, na rede escolar do Maranhão, pois:

(...) vem se observando na prática, que o ensino de História do Maranhão se encontra, de certa forma, desvinculado do saber histórico escolar, sem o devido valor entre docentes e discentes, o que contribui para o pouco conhecimento da história e cultura local, esquecimento e desvalorização das mesmas entre os jovens, e o pouco interesse pela disciplina de História de uma maneira geral. (GOMES, 2015, p.1)

Essa precarização vivenciada pelo ensino da história do Maranhão, obviamente, destoa da visão de Gomes (2015), Gomes (2017) e Pinsky (2003), pois, para estes autores vive-se um momento de valorização do ensino da história como meio de formar indivíduos críticos e mais atuantes nas sociedades às quais pertencem, quer sejam elas em escala global, regional ou local. E, por fim, este silenciamento de nossa história nos livros e nos sistemas de ensino – bem como da rede escolar tendo em vista que a história do Maranhão não é obrigatória na grade curricular estadual, como já mencionamos – está em total dissonância com a lei que rege a educação brasileira, a Lei nº 9.394/96, a LDB, visto que, no seu artigo 26 preconiza que:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada

estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.²⁹

Assim, quer seja pelas razões apresentadas até o presente momento ou mesmo por motivação pessoal, ou acima de tudo, por entender: “A importância do ensino de História do Maranhão no que diz respeito à construção de saber histórico escolar e na formação da consciência crítica e da memória histórica coletiva do povo maranhense.” (GOMES, 2015, p.1) que essa dissertação confeccionou um blog como produto intitulado de O SOM NOSSO DE CADA DIA. Este, produzido a partir do cancionário maranhense, ou seja, usa a música maranhense como metodologia para o ensino de história do Maranhão. Um produto que, obviamente, pode ser acessado por todos os interessados em aprender sobre a secular História do Maranhão, contudo, o foco deste trabalho são os professores, pois, afinal, somos nós os mais afetados por este atual estado de abandono em que se encontra a história do Maranhão.

Por tudo o que foi dito até este momento, espero que este trabalho possa contribuir para o preenchimento de parte desta imensa lacuna³⁰ no tocante à história do Maranhão, oferecendo um produto bem sistematizado e acessível a todos em função da metodologia empregada, apesar de, em sua essência, destinar-se aos docentes. Ou, quiçá, possa funcionar como um fomentador de novos trabalhos nesta mesma linha. E quem sabe assim, além da História Geral e do Brasil, o maranhense possa conhecer sua própria história e tenha orgulho disso. E, desta forma, como canta o poeta, nós por conhecermos a nossa história também possamos cantar: “Todo mundo canta a sua terra/ eu também vou cantar a minha/ modéstia parte seu moco/ minha terra é uma belezinha”³¹. No próximo capítulo fiz uma abordagem a respeito da utilização na música na educação, neste caso, nas aulas de história. E, obviamente, em função dessa proposta de estudo, também tratei da possibilidade de uso da chamada canção maranhense ou do cancionário maranhense como metodologia para o ensino de História do Maranhão.

²⁹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=disposto%20neste%20artigo.,Art.,da%20economia%20e%20da%20clientela. Acesso em 04/05/2021, às 20:16.

³⁰ Partimos do pressuposto de que a lacuna a qual nos referimos é resultante do estado de abandono da disciplina História do Maranhão, pois, como sabemos, existe uma produção de livros e artigos voltados para esta área. Contudo, perguntamos como professores e, principalmente, alunos terão acesso a tais produções se nem ao menos existe a matéria de história do Maranhão na qual possamos discutir acerca da realidade?

³¹ Todos cantam sua terra, de João do Vale e Julinho. Artista: Alcione, Álbum: Alerta geral, 1976.

3 “♪ AH QUE HORIZONTE BELO DE SE REFLETIR ³²♪”: USO DA MÚSICA NO ENSINO DA HISTÓRIA.

Neste capítulo tracei um breve panorama da presença da música na educação a fim de mostrar a relevância desta linguagem na formação mais completa e complexa como a que é exigida de nossos educandos hodiernamente. A seguir discuti a possibilidade de uso dessa linguagem no ensino de História do Maranhão. A escolha por essa metodologia aplicada ao ensino de História do Maranhão está vinculada, em primeiro lugar, à ideia de que o uso de uma linguagem tão rica como é o caso do cancioneiro maranhense possa contribuir para revitalização ou ressurgimento dessa matéria que atualmente encontra-se no mais completo ostracismo. Em segundo lugar, entendo que através da utilização do cancioneiro maranhense seja possível fazer aflorar a história daqueles que se convencionou chamar de “marginalizados da história”, a saber, o povo.

Para tanto usei canções compostas, produzidas, vivenciadas e divulgadas aqui no Maranhão, mas também aquelas feitas por maranhenses que viveram ou vivem em outras paragens e que ainda assim transbordaram ou transbordam de suas composições o maranhense comum, ou seja, aquele que apesar de viver na “Atenas brasileira” não é, necessariamente, um poeta, escritor ou dramaturgo, pois, para isso ele precisaria, ao menos, saber ler e escrever. Ou, então, aquele maranhense anônimo que apesar de ser um lutador nato, não aparece nas pomposas histórias de expulsão de franceses e holandeses, batalhas repletas de personagens ilustres, heroicos e até mesmo de santa branca que transforma areia em pólvora. Ou seja, tratei da história daquele maranhense que até mesmo nas batalhas de cunho popular como a Balaiada, por exemplo, é desqualificado diante do personagem branco, bravo, pacificador e duque, Caxias.

3.1 Que história é essa de música na educação?

Em *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche, afirma que “Sem a música a vida seria um erro.” (NIETZSCHE, 2006, p.13). Essa afirmativa proferida por Nietzsche está plenamente alinhada ao pensamento deste que vos escreve. De fato, a música é possivelmente uma linguagem presente em todas as culturas e em todos os períodos, desde o período mais remoto da humanidade aos dias atuais. É uma daquelas linguagens que ousamos dizer que se ela não existisse, nós

³² Ilha Magnética, de César Nascimento. Álbum: Ilha Magnética, 1989.

precisaríamos inventá-la. Façamos agora um pequeno teste: experimente tirar a música de seu filme predileto ou somente daquela cena que você já viu mil vezes, mas que verá tantas vezes quanto tenha oportunidade. Ao realizar esse pequeno exercício, você percebeu que ausência da música provocou certo empobrecimento do filme ou da cena? Sabe me dizer o porquê disso? A resposta é simples, ora a carga emocional do filme quer seja ele comédia, drama, ação ou outros gêneros quaisquer, é configurada na música e pela música. Esta é uma linguagem tão poderosa que, por vezes, consegue nos fazer sorrir, chorar, dançar, lembrar, aprender, ensinar, entre outras coisas.

Entre as várias funções e/ou aplicações da música elencadas no parágrafo anterior figuram duas que poderíamos chamar de especiais para esta dissertação, são elas, o aprender e o ensinar. Algumas sociedades que viveram em períodos anteriores e que, inclusive, são apontadas como responsáveis pela conformação do mundo ocidental tal qual o conhecemos, utilizaram-se dessa linguagem na educação de seus filhos por entenderem o quão necessário ela é para a formação do ser humano como um todo. Dentre tais civilizações está a Grécia antiga, afinal, “Para os gregos, a formação do cidadão estava ligada à formação do espírito e, por isso, intimamente ligada à arte.” (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2019, p.17). Essa afirmativa está em total harmonia com o que nos diz, Jaeger (2001, p.18) “Sem dúvida, os verdadeiros representantes da Paidéia grega não são os artistas mudos – escultores, pintores, arquitetos -, mas os poetas e os músicos, os filósofos, os retóricos e os oradores, quer dizer, os homens de Estado”

Avançando um pouco mais na história chegando à Idade Média, na educação a música gozava de prestígio semelhante a aritmética, geometria e astronomia, formando o *quadrivium*. Ela compunha as chamadas artes liberais que incluía ainda: gramática, lógica e retórica que formavam o *trivium* e todas juntas, as sete, configuravam-se como estudo introdutório do ensino superior nas universidades medievais. Na Idade Moderna, como nos aponta Oliveira e Oliveira (2019), vários compositores, entre eles aqueles considerados grandiosos na história da música universal, foram também professores de instrumento, regência e de composição e:

Seus alunos tornaram-se também excelentes compositores, exímios instrumentistas e "bons de ouvido". Havia uma vontade de realçar o talento inato e, portanto, aprender música ficava restrito apenas a alguns discípulos que possuíam dom e eram selecionados previamente pelo mestre. (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2019, p.17.)

Agora dando mais um salto histórico, este, em direção ao Brasil podemos ver que entre os anos de 1882 e 1883, Rui Barbosa, como alguém do mundo das letras que era, entendia e defendia uma educação mais abrangente, visto que, em “Seus Pareceres sobre Educação

incluíram tanto o desenho quanto a música como conteúdos obrigatórios no ensino primário e secundário.” (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2019, p.17). Ainda segundo estes mesmos autores para Rui Barbosa, a música era realmente um conhecimento indispensável e, por isso, as crianças deveriam ter acesso a ele já nas séries iniciais. Na Era Vargas, houve uma tentativa infausta de tornar o ensino da música obrigatório nas escolas públicas através do decreto 19.890, de 1931. Contudo, “Mesmo sendo criado o SEMA (Superintendência de Educação Musical e Artística) em 1932, chefiada por Villa-Lobos no intuito de suprir toda a mão de obra necessária, essas ações não foram suficientes deixando o ensino de música fragilizado.” (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2019, p.18)

No período da ditadura militar (1964 -1985) criou-se a Educação Artística através da lei 5692/71, a música perdeu mais espaço nesta nova configuração, pois, nessa nova disciplina existia uma clara prevalência das artes visuais. Em 1996, com a aprovação da LDB, ocorreu uma mudança de nomenclatura, agora, em vez de, Educação Artística, somente Artes. Esta, por sua vez, foi dividida em quatro modalidades, a saber, artes visuais, música, teatro e dança. E, apesar da mudança, quem frequentou a escola neste período, especialmente, a pública, sabe que artes visuais continuaram sendo a protagonista nas aulas de Artes. Atribuo tal permanência à formação dos profissionais que atuam nesta área que durante seu período de formação na academia recebem mais conhecimentos na área de artes visuais³³ Contudo, essa divisão em modalidade permitiu, por exemplo, que no acesso seriado ao ensino superior da UFMA, o PSG³⁴, o candidato pudesse escolher uma das modalidades na qual tivesse mais domínio e habilidade e não uma ação discricionária da instituição.

E, bem mais próximo, em 2008, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva, através da lei 11.769, determinou a obrigatoriedade da música nas escolas de educação básica. De fato, esta lei constitui-se em um grande avanço, especialmente, porque as duas universidades públicas do Estado, UEMA e UFMA, já oferecem cursos de licenciatura em música a partir de 2004 e 2005, respectivamente. Não obstante, como em tentativas anteriores voltadas para esta temática, esta lei esbarra na questão estrutural. Digo isso, pois, obviamente, a escola pública ludovicense está longe de oferecer as condições ideais para a prática musical ou ensino da música, em grande maioria. Na verdade, muitas vezes até mesmo para a prática da educação

³³ Em conversa com duas colegas de trabalho que ministram a disciplina de arte, em instituições diferentes, e ambas confirmaram que durante as suas respectivas graduações receberam mais formação voltadas às artes visuais que as demais áreas que compõem a grade curricular de arte, a saber, música e teatro. E que isso, obviamente, influencia na prática de ensino delas.

³⁴ Durante algum tempo existiu essa modalidade de acesso ao ensino superior na UFMA. Tratava-se do Programa de Seleção Gradual (PSG), o candidato fazia prova referente à série em que cursava: 1, 2 e 3, quando concluía o ensino médio e também o processo seletivo.

que estamos mais habituados, qual seja, ler e escrever, ela está deficitária. Contudo, nós devemos comemorar este avanço proporcionado pela criação dos cursos de música em nossas duas universidades públicas, especialmente, por vivermos em um Estado no qual a presença cultural é tão pujante com destaque, sem sombra de dúvida, para a música.

Então diante de uma linguagem tão rica e com um largo histórico de utilização na educação, como é caso da música, e, obviamente, vivendo no Estado de cultura tão marcante como é o caso do Maranhão, eu gostaria de fazer uma provocação: “Como é possível que nossos professores, vivendo num país de cultura musical riquíssima, possam desprezá-la? (s professores) Não percebem sua riqueza e a enorme importância que ela pode ter num projeto pedagógico e de construção de uma identidade?” (CARRASQUEIRA, 2018, p.11). Felizmente, alguns autores têm se debruçado sobre a questão já algum tempo, dentre estes está a professora Miriam Hermeto, a autora do livro, *Canção Popular Brasileira e Ensino de História – Palavras, sons e tantos sentidos*. Ela menciona logo no início da referida obra um fato bem curioso no concernente à música e o nosso povo, segundo essa autora no dia a dia, o brasileiro vale-se de vários fragmentos de músicas consagradas no cancionário brasileiro para se comunicar.

Hermeto (2012) ilustra esta afirmativa do parágrafo supracitado transcrevendo algumas das várias expressões retiradas de canções brasileiras que utilizadas no dia a dia pelo povo, tais como: “Vida de negro é difícil”, “Com que roupa eu vou para o samba que você me convidou?”, “Meu caminho pelo mundo, eu mesmo faço”, “Aí que saudades da Amélia”, “O sinal está fechado para nós que somos jovens”, “Pare de tomar a pílula” (HERMETO, 2012). Além destas, nós poderíamos citar tantas outras passagens nessa mesma linha de raciocínio. E, de fato, se observarmos com maior acuidade não somente a realidade maranhense, mas, o Brasil ou mesmo a humanidade, em vários recortes temporais, perceberemos que a música está presente em maior ou menor escala no cotidiano das mais diversas sociedades. Tal presença acontece tanto em momentos de labor ou de gozo, corroboram e ilustram bem essa assertiva, os batuques dos negros nas senzalas ou canto nos campos nos quais trabalhavam compulsoriamente e as festividades por conta das boas colheitas ainda nos primórdios da humanidade.

Dessa forma, por conta desta forte presença da música na humanidade, ou seja, dessa quase onipresença, ela se constitui em uma ferramenta esplêndida para o ensino da história. Como nos diz, Napolitano (2002, p.5):

A música, sobretudo a chamada “música popular”, ocupa no Brasil um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional. Além disso, a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais.

Defendo a ideia de que a música – assim como a comida e os perfumes – goza da prerrogativa de nos “transportar” no tempo, ou seja, ela nos traz à memória acontecimentos, cheiros e sabores vivenciados há muito tempo. Para corroborar essa afirmativa, usaremos como ilustração uma passagem do filme *Ratatouille*³⁵, na qual um crítico gastronômico conseguiu lembrar da comida que a mãe dele fazia para ele na sua infância, ao experimentar um prato típico camponês da França. Foi algo instantâneo, como se ele tivesse voltado à sua infância naquele instante. Assim, por semelhante modo, ao ouvirmos uma música que nos marcou, ainda que tenha transcorrido muitos anos, nós conseguimos reviver a situação ou o sentimento a ela associada. Além disso, a música tem o poder de nos tocar tão profundamente que pode nos fazer rir ou chorar, pode também despertar em nós o desejo de dançar e tantas outras sensações.

Então, por todas estas potencialidades e peculiaridades entendo que a canção seja uma excelente metodologia para o ensino da história, visão essa compartilhada com Hermeto (2012, p.12), afinal para ela:

Na cultura brasileira, a canção popular é arte, diversão, fruição, produto de mercado e, por tudo isso, uma referência cultural bastante presente no dia a dia. Produzida pelo homem e por ele (re)apropriada cotidianamente, objeto multifacetado e polissêmico, é elemento importante na constituição da cultura histórica dos sujeitos. Construtora e veiculadora de representações sociais, apresenta um rol enorme de possibilidades de usos e interpretações. Por todas essas razões, pode ser tomada como um instrumento didático privilegiado no ensino da história.

A utilização da música como o próprio documento histórico e não apenas para “ilustrar” determinado assunto tornou-se possível graças a revolução documental promovida pela Escola dos *Annales* “pois inseriu o interesse por aquela documentação que expressava a vida cotidiana. Também possibilitou considerar como documento outros vestígios da vida em sociedade. Nesse sentido a revolução foi ao mesmo tempo qualitativa e quantitativa.” (PARREÃO, 2017, p.5). Contudo, se esta ampliação trouxe inegáveis ganhos tanto documental quanto de métodos, ela também aumentou a responsabilidade do pesquisador comprometido, impelindo-o a análises mais acuradas das fontes, como bem nos lembra Parreão (2017). Este mesmo autor falando sobre o uso da canção como objeto da história nos afirma que:

Tomar a canção popular como objeto de estudos históricos, significa construir um problema histórico que trate a canção popular como tema central. A canção popular também pode compor diferentes objetos de estudos históricos, organizando sujeitos em tempos diferentes, inclusive nas unidades de ensino da educação básica, seja como projetos ou recortes didáticos. (PARREÃO, 2017, p. 10)

³⁵ Lançado no ano de 2007, a animação *Ratatouille* conta a história de um ratinho que deseja ser cozinheiro em Paris. Algo que realmente começa acontecer quando nesta passagem mencionada o crítico culinário experimenta o prato por ele preparado, ainda que aquele desconhecesse o autor da proeza.

Já Miriam Hermeto sugere a utilização da canção em sala de aula chamando atenção para um aspecto que torna este uso bem instigante pelo fato de envolver a questão da intencionalidade da produção do documento, ou seja, o documento/monumento de que nos fala Le Goff (1990)³⁶, pois segundo ela: “Como elemento de cultura, as produções musicais passam por seleções conscientes e inconscientes. A indústria fonográfica escolhe o que pode ser sucesso” (HERMETO, 2012, p. 65). Assim, logo “Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado.” (Le GOFF, 1990, p.91). E, por fim, Marcos Napolitano, que tal qual Parreão (2017) e Hermeto (2012) advoga a utilização da canção na mesma linha adotada neste trabalho, qual seja, de pensar a música em sua totalidade e não como alguns fazem enfatizando apenas alguns aspectos, notadamente, a letra. Afinal, para ele:

Obviamente, não se trata de menosprezar as fontes escritas não-musicais para o estudo da música, sobretudo a música popular, mas de destacar a importância da incorporação do material musical, em forma de partitura, fonograma ou vídeo pelos historiadores, operação que não é tão simples do ponto de vista metodológico. No caso da música popular, uma mesma canção assume significados culturais e efeitos estético-ideológicos diferenciados, dependendo do suporte analisado: sua partitura original (que muitas vezes nem existe como documento primário, sendo de transcrição posterior ao fonograma), seus registros em fonograma e suas performances registradas em vídeo (NAPOLITANO, 2006, pp. 254-255).

Ora, apesar de utilizar a canção, esta rica e complexa fonte histórica, entendemos tal qual Hermeto (2012) que ela assim como todo e qualquer documento é portadora de intencionalidade, logo, sempre deseja retratar algo ou alguma realidade em específico, como tem nos ensinado Chartier (2002) através de seu conceito de representação social, visto que, este conceito diz respeito ao modo como em diferentes lugares e tempos a realidade social é construída por meio de classificações, divisões e delimitações. Esses esquemas intelectuais criam figuras as quais dotam o presente de sentido, como nos ensina Parreão (2017). E tudo isso ocorre porque “a obra de um compositor não é uma fala isolada socialmente. Ela, apesar de individual, carrega também um sentimento coletivo relativo a um determinado tempo e espaço” (SILVA, 2016, p.26). Logo, a “experiência de um compositor nunca é puramente musical, mas pessoal e social, isto é, condicionada pelo período histórico em que ele vive e que o afeta de muitas maneiras”. (apud SILVA, 2016, p.26)

³⁶O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

A despeito das múltiplas possibilidades que esta linguagem potencializa, inclusive, algumas delas já foram elencadas aqui, ela também apresenta muitas dificuldades aos pesquisadores que se propõem a estudá-la. A explicação para isso reside no fato que, em sua maioria, os estudiosos costumam realçar apenas um de seus aspectos, mormente, a letra e negligenciam outros elementos constituintes igualmente relevantes para uma percepção mais ampla da música e da mensagem nela contida. Este não açambarcamento da música por parte dos pesquisadores e/ou professores mencionados aqui não se configura como uma crítica, mas apenas uma constatação até porque entendemos que o motivo das lacunas, quase sempre, é provocado pela não formação na área musical. Não estou afirmando com isso que irei esgotar todas as possibilidades da música documento, não tenho essa presunção e tão pouco tempo hábil para um empreendimento de tamanha envergadura.

No concernente à utilização da canção como documento, é necessário dizer ainda que:

Se o compositor é o microfone do povo e suas letras dão voz a um determinado tempo e espaço, não podemos utilizar o texto musical na aula de História sem uma profunda problematização, apenas como mera ilustração que somente reafirma o que o texto do livro já disse. (SILVA, 2016, p.26).

Ora, mesmo que a utilização da canção na aula de história não seja algo novo e eu não estou aqui me apresentando como o inventor da pólvora³⁷, sei que ainda existe um olhar reticente na academia quanto a utilização da canção nas aulas de história. Entendo que, longe disso servir de embaraço, tal fato, deve impelir o professor a realizar uma rigorosa problematização desta fonte histórica, levantando questionamentos e provocações à turma em torno da música, Silva (2016). Até porque “Trata-se de um produto cultural que usa o passado como tema, mas com finalidade específica, diferente, por exemplo, dos materiais didáticos.” (SILVA, 2016, p.25), neste caso, mais do que nunca, o professor deve ser igual àquele maestro bem rígido que ao reger a orquestra extrai o máximo dos músicos que estão sob a sua batuta.

E, por fim, um conselho, pois, “se tu não quer, tem quem queira”:

A música certamente é uma linguagem privilegiada para se trabalhar esses temas³⁸, justamente pela sua relação com o emocional e com a sensibilidade do aluno. Nada melhor do que usar uma linguagem de tamanho poder para tratar de assuntos tão sensíveis, mas é preciso que se utilize a música com critérios e que ela tenha um sentido problematizador dentro de sala. Caso contrário, ela vira mera perfumaria contribuindo muito pouco ou nada para que o aluno vença as barreiras que o preconceito e a desinformação que o senso comum impõe. (SILVA, 2016, p.34)

³⁷ Existe dezenas de canais do Youtube que usam a música para ensinar história, tais como: História Cantada, História Com Música, História Chico Hits, este último tem quase 71 mil inscritos.

³⁸ O foco desta dissertação é trabalhar com os excluídos da história, ou seja, a massa, o povo, destacando a participação deste segmento na luta por melhores condições de vida.

Existe um adágio popular bastante utilizado no interior do Maranhão que é mais ou menos assim: “se conselho fosse bom não se dava, se vendia”, não obstante, eu considero relevante observar este supracitado, haja vista que, ele versa sobre algo fundamental àquele que trabalha com música em sala de aula, a saber, é que ao manipular este tipo de fonte, de fato, privilegiada, ela foi composta por alguém que não teve nenhuma preocupação didática e na maioria dos casos não viveram naquele tempo. Sendo assim, “como todo material didático não está pronto e carece sempre da mediação do professor, a música como recurso didático também.” (SILVA, 2016, p.27). E como diz a citação por relacionar-se com o emocional e a sensibilidade dos alunos, caberá ao professor problematizar em torno dela, do contrário, será mera perfumaria ou adorno que passado o impacto imediato da aquisição e uso, logo, perderá o encanto e/ou sentido de seu uso e tudo permanece como era antes.

3.2 “Escutando o passado”³⁹: a história da música e a música na história do Maranhão

Se a História do Maranhão tem vivenciado um processo de esquecimento/silenciamento nos livros didáticos e nos sistemas de ensino adotados por escolas públicas e particulares e hoje, praticamente, reduziu-se a episódios isolados que são citados na chamada História do Brasil e que talvez tenha como ponto mais alarmante o fato de ser uma disciplina que não compõe a grade estadual de ensino. Não obstante, acontece algo que extrapola essa lógica e caminha na direção oposta, pois, ao mesmo tempo, tem aflorado uma história viva, empolgante e apaixonante⁴⁰, que tem encontrado vazão na chamada música maranhense. Ainda que algumas dessas canções não sejam produzidas aqui, a exemplo de: Catulo da Paixão Cearense, João do Vale, Alcione, Claudio Fontana, Zeca Baleiro, Ana Torres, Rita Benedito, Flávia Bittencourt, entre outros.

Essa história, embora não esteja registrada nos livros didáticos e muito menos nos sistemas de ensino como no adotado no Colégio Batista Ludovicense, constitui-se, talvez, no retrato mais fiel de nosso povo e Estado e, por isso, é tão importante e é tão urgente que nossos alunos tenham acesso a este universo, por ora, paralelo e desconectado da história do Brasil, América e Geral. Recentemente, quando já empreendia esta pesquisa, duas situações em sala de aula, acabaram confirmando a importância e urgência

³⁹ Em alusão ao texto de Juan Pablo González e Claudio Rolle, Revista de História 157, 2007.

⁴⁰ Sob o ponto de vista do pesquisador, como fonte histórica. Pois, não há nada de apaixonante ou mesmo empolgante sobreviver em meio a uma carência eterna e total.

de nosso trabalho e foram dois alunos quem fizeram e sem saber o que faziam, na verdade, eles são de séries diferentes e de instituições diferentes e tudo que fizeram foi externar de forma bem espontânea o seu descontentamento com o fato de a abordagem historiográfica privilegiar basicamente a história europeia em sua essência.

Pois bem, vamos às situações citadas no parágrafo anterior, uma moça do 8º ano, enquanto eu lecionava sobre a Marcha para o Oeste (EUA), ela disse que nós sabíamos tudo sobre a história deles e em contrapartida eles não sabem e nem querem saber da nossa e no final disparou: “E quem se importa conosco, afinal?”. Já um rapaz do 7º ano, enquanto eu falava das Grandes Navegações e de suas consequências para o mundo atual, ele me disse em verdadeiro tom de lamento que não conhecia quase nada de sua cidade natal. Confesso que meu coração foi inundado por um sentimento que mesclava tristeza e alegria ao ouvir isso destes dois adolescentes. A tristeza, obviamente, advinha do fato de ambos não conhecerem a sua própria história, já a alegria estava ancorada na certeza que tive de que este trabalho que ora desenvolvemos não era só necessário, mas, é urgentíssimo.

Obviamente, em um Estado tão rico culturalmente como Maranhão, como amiúde temos afirmado, é inegável a presença da música no dia a dia de seu povo. Relembrando a minha infância, eu pude vislumbrar situações do cotidiano em que a música sempre estava presente. Me refiro aqui às chamadas “farinhadas”, momento de produção de um dos mais apreciados alimentos do maranhense, a farinha. Mas também ao trabalho dos vaqueiros quase sempre regado a “aboios”, um tipo de canto solo e sem acompanhamento instrumental que retrata a labuta daqueles que lidam com o gado. Situação semelhante à das quebradeiras de coco que cantam enquanto executavam seu árduo trabalho e de uma cena ainda comum no interior do Estado, qual seja, das lavadeiras que entoam canções enquanto esfregam e batem suas roupas em riachos e córregos que cortam nossa terra.

Sendo assim, em minha percepção, a inserção da música maranhense nas aulas de história do Maranhão, mais do que uma opção, constitui-se em um imperativo, visto que, “Está presente nos fones de ouvido que tanto são motivos de tensão entre professor e aluno, estão nas novelas, nas propagandas e muitos momentos do cotidiano dos jovens.” (SILVA, 2016, pp.25-26). Entendo que ela congrega simultaneamente aquilo que eu chamaria de quase onipresença da música no cotidiano do maranhense⁴¹, descrita no breve relato do parágrafo anterior; a patente carência do ensino de História do Maranhão, configurada aqui na fala dos dois alunos citados; e a pulsante história escrita e inscrita nas músicas maranhenses que insiste em emergir

⁴¹ Não estou afirmando que este aspecto é privativo do povo maranhense e tão pouco que se aplica a todos os conterrâneos indistintamente.

na direção contrária à difundida história tradicional e, por isso, mais do que cumprir a sua principal função, a saber, ser ouvida e dançada em casas, salões e praças, ela precisa também ser sentida, discutida e ensinada, especialmente, no ambiente privilegiado do ensino que são nossas escolas.

Considero salutar o esclarecimento a respeito do título desta seção ser: A HISTÓRIA DA MÚSICA E A MÚSICA NA HISTÓRIA DO MARANHÃO, a proposta que norteou esta parte da dissertação é a de perscrutar a história que a canção quer nos apresentar, ou dito de outra forma, é entender com quem ela e seu autor dialogam ou o quê seu autor defende ou combate na canção? Afinal, foi Chico Maranhão, compositor maranhense quem afirmou: “Se queres saber como um povo está sendo governado, conheça sua música” (NASCIMENTO, 2019, p.85). Para isso, no entanto, é fundamental perguntar: afinal, quem é este compositor? Ou como essa música foi recebida na época em que foi lançada? Tais questionamentos são necessários, pois, temos aprendido com Chartier (2002) através de seu conceito de representação social que a realidade social é resultante de clivagens e que essas, por sua vez, são geradoras de estruturas que dão significado ao presente das sociedades ao longo do tempo. A fala do cantor e compositor maranhense, Erasmo Dibell, corrobora o que acabamos de afirmar quando em uma entrevista foi perguntado sobre o que era mais importante em uma música, ele respondeu “Que você consiga imprimir nela a sua verdade.⁴²”

Além disso, como já foi citado aqui, o foco desta dissertação deu-se sobre aquelas canções que tratam dos chamados “marginalizados da história” e de como esta música pode fazer aflorar aquela memória silenciada ou subterrânea que conflita e concorre com a oficialmente aceita. Segundo Polak (1989) apesar de dominadas “essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados.” (POLAK, 1989, p.4). E por se tratar de uma memória ligada ao povo, tais memórias, são repassadas de forma oral e apesar de confinadas ao silêncio pela história oficial, elas permanecem vivas e muitas vezes servem de inspiração para compositores inseridos nesta realidade. Erasmo Dibell afirma isso ao dizer que “(o)compositor é ser agraciado com a dádiva da captura dos sentimentos que povoam o mundo”, e ainda segundo ele, o compositor tem como missão “trazer os questionamentos sociais pra que a gente melhore como pessoa.⁴³” E nessa ciranda de memórias

⁴² <https://portaldoguigui.com.br/2021/01/23/entrevista-erasmo-dibell-o-artista-tem-de-imprimir-a-verdade/> acesso em 01/05/2022 às 01:06.

⁴³ <https://portaldoguigui.com.br/2021/01/23/entrevista-erasmo-dibell-o-artista-tem-de-imprimir-a-verdade/> acesso em 01/05/2022 às 01:06.

concorrentes não podemos perder de vista, é claro, que sendo a música um documento, ela é carregada de intencionalidade, ou seja, deve ser enquadrada na categoria documento-monumento e como tal deve receber o tratamento prescrito por Le Goff (1990) pois, afinal: “Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado.” (Le GOFF, 1990, p.91).

Foi, pois, imbuído deste sentimento, qual seja, de prescrutar a canção popular maranhense, fazendo dela aflorar a chamada *memória subterrânea*, (POLAK, 1989), mas também entendendo que ela é portadora de uma intencionalidade, ou seja, trata-se de uma *representação social*, (CHARTIER, 2002) e que, por isso, é um *documento-monumento*, (LE GOFF, 1990), ou seja, “assim como todo material didático não está pronto e carece sempre da mediação do professor, a música como recurso didático também.” (SILVA, 2016, p.25) E foi com essa concepção que foi construído o próximo capítulo intitulado de: *EU VOU CANTAR NUM BAIÃO MINHA HISTÓRIA PRÁ O SENHOR, SEU MOÇO, PRESTA ATENÇÃO*”: *A COMPOSIÇÃO DO BLOG: “O SOM NOSSO DE CADA DIA”*.

4 “🎵 EU VOU CANTAR NUM BAIÃO MINHA HISTÓRIA PRÁ O SENHOR, SEU MOÇO, PRESTA ATENÇÃO⁴⁴🎵”: DA COMPOSIÇÃO À APLICAÇÃO DO BLOG “O SOM NOSSO DE CADA DIA”.

Este último capítulo foi dedicado por completo ao produto e apesar de sua posição sugerir que ele seja a *coda*⁴⁵ por ocupar a parte final desta composição é, na verdade, a razão de ser desta dissertação, ou seja, é o *leitmotiv*⁴⁶ como diria Richard Wagner⁴⁷. Nele descrevo o passo a passo da confecção desse produto ou dito em uma linguagem mais musical, transcrevi todos os arranjos que resultaram na composição do Blog **O SOM NOSSO DE CADA DIA**. No presente capítulo discorro ainda como se deu, entre outras coisas, a escolha das músicas e conseqüentemente de seus compositores e como ocorreram as oficinas e quais os impactos ou desdobramentos destes momentos vivenciados em sala de aula.

4.1 “Se tu não quer tem quem queira⁴⁸”: um blog em tempos de *Instagram*⁴⁹?

O Som Nosso de Cada Dia constitui-se em um blog educativo composto por propostas de atividades que utilizam a canção maranhense como metodologia para o ensino da história do Maranhão, ou seja, a canção é o documento, a fonte histórica, sendo a partir dela que o conteúdo será ministrado. O tipo ou teor destas canções escolhidas para o cumprimento dessa empreitada foram aquelas de viés mais contestatário ou de denúncia social. Quanto ao produto, a ideia inicial, seria a confecção de um algo que fosse físico, como por exemplo, uma cartilha ou um paradidático, tendo em vista, as dificuldades deste pesquisador que vos escreve com a leitura em materiais digitais sendo, por isso, um confesso apaixonado e adepto do livro em formato impresso. Mas, as dificuldades com custos, tipo: elaboração, designer e reprodução, entre outras coisas, fizeram-no desistir deste formato.

⁴⁴ Minha História, de João do Vale. Álbum: João do Vale - O Poeta do Povo, 1965.

⁴⁵ Termo italiano que significa cauda, isto é, fim de um trecho musical, de um andamento de uma sonata ou sinfonia. <https://musicaeadoracao.com.br/25541/glossario-de-termos-musicais/> acesso em 01/05/2022 às 01:38.

⁴⁶ Em suas óperas, Richard Wagner começou a criar um tema musical que se repetia toda vez que entrasse em cena um personagem específico ou quando determinado assunto aparecia. Isto é Leitmotiv: um motivo condutor, uma frase musical recorrente. <https://musicalidades.com.br/o-que-e-leitmotif-entenda-esse-recurso-musical-no-cinema/> acesso em 03/06/2022 às 05:17

⁴⁷ Richard Wagner (1813-1883) foi um músico erudito alemão. Entre suas obras destacam-se as óperas “Tristão e Isolda”, “As Fadas”, “O Navio Fantasma” e “O Crepúsculo dos Deuses”. https://www.ebiografia.com/richard_wagner/ acesso em 01/05/2022 às 01:26.

⁴⁸ Tem Quem Queira, Antônio Vieira. Foi tema da novela global Da Cor do Pecado, de 2004.

⁴⁹ Inspirado no texto de João Gilberto Neves Saraiva. Por que ainda criar um blog em tempos de Instagram? revendo possibilidades numa experiência de ensino de história na “galáxia dos celulares.

Além disso, no decorrer do processo de composição e confecção deste produto, percebi que esta proposta da cartilha ou do paradidático trazia em si algo que chocava-se com a concepção deste trabalho que é divulgar e promover o ensino da história do Maranhão, pois, este poderia ser apenas mais um livro esquecido e/ou armazenado em algumas bibliotecas ou simulacros de bibliotecas nas quais eu conseguisse distribuí-lo. Considero importante mencionar ainda que a própria forma como o mestrado aconteceu acabou chancelando esta opção do formato *on-line* do produto, isto porque, a pandemia transformou um mestrado que seria completamente presencial em totalmente remoto e até mesmo a orientação deu-se de forma *on-line*, a minha orientadora, por exemplo, é da UFMA/Grajaú- MA e eu da UFMA/São Luís- MA, nunca nos encontramos de forma presencial. Por tudo isso, me convenci, na prática, que o alcance deste trabalho seria muito maior se o fizesse no formato digital e *on-line*.

E, por fim, mas não menos importante, algo que talvez tenha sido o fiel da balança desta escolha, qual seja, um desejo de poder continuar atualizando o produto mesmo após a defesa desta dissertação e isso só será possível neste formato digital e *on line*, pois, basta ir alimentando o blog e, dessa forma, este trabalho possa continuar a expandir-se neste inesgotável universo de possibilidades que é a internet. É claro que para este desejo venha a concretizar-se ele não dependerá somente de mim, com certeza, será necessário a valiosa contribuição dos que vierem fazer uso do blog e mediante o *feedback* destes, ou seja, por meio das sugestões que possam surgir e, principalmente, das críticas, visto que, entendo que elas são uma oportunidade de crescimento e assim o blog O Som Nosso de Cada Dia continue a ser melhorado e expandido continuamente.

Além destas motivações que classifico como sendo de ordem mais pessoal, é necessário dizer ainda que no início do século XXI, o sociólogo Manuel Castells já aventava sobre a passagem da Galáxia de Gutemberg para a Galáxia da Internet, como nos lembra Saraiva (2020). E, como bem sabemos, é inegável que esta mudança impactou profundamente as relações sociais, econômicas e também educacionais, afinal, “é comum nas escolas relatos de que o uso indiscriminado dos telefones celulares afetou o sono, o interesse, a capacidade de escrita, a concentração e outros aspectos da vida dos alunos.” (SARAIVA, 2020, p.254). É relevante mencionar ainda que:

[...] essas transformações tornaram-se ainda mais agudas a partir dos anos 2010 com o barateamento e a massificação de aparelhos celulares e das redes Wi-Fi e 3G/4G. A realização de chamadas passou a ser uma função secundária de celulares que ano a ano foram se espalhando pelas escolas, na mão de gestores, professores e alunos. Mesmo em escolas públicas de periferia, hoje são abundantes os aparelhos conectados em tempo real em redes sociais, aplicativos de chat, vídeos e jogos online. (SARAIVA, 2020, p.254.)

Sendo assim, partindo desta perspectiva defendo que a forma mais apropriada de materializar este produto seja o blog, por mais paradoxal que possa parecer, materializar algo sem efetivamente materializá-lo, visto que, é digital e on-line. E, dessa forma, a escolha do blog foi a opção, na verdade, que mais se adequou à minha proposta de intervenção, senão vejamos: os blogs existem desde 1990, mas só se tornaram populares no Brasil a partir do ano 2000. E segundo Saraiva (2020); “Desde os primeiros anos de popularização os blogs foram utilizados para fins educacionais.”; é uma ferramenta relativamente fácil “já que não exige conhecimentos técnicos avançados de programação – e que são gratuitos.” Além disso, apresenta ainda vantagens como:

o incentivo a criatividade, a autoria e a coautoria; incentivo a colaboração e compartilhamento de informações e aprendizagem extraclasse; desenvolvimento de habilidade de pesquisa e seleção de informações na internet a partir do pensamento crítico; potencialização das relações de ensino e aprendizagem e aumento da interação entre alunos e profissionais da educação. (SARAIVA, 2020, p.255)

Contudo, por pertencer também à rede pública de ensino do município de São Luís, eu tenho conhecimento de causa acerca das dificuldades enfrentadas pelos professores que atuam nessa rede de ensino e sei muito bem o que passamos nestes últimos dois anos em que ficamos totalmente *on-line*. A situação é tão grave que durante todo esse período, eu lecionava para uma média de quinze a vinte alunos, o que equivale, praticamente, a metade de uma turma normal, sendo que tinha quatro turmas no total e aproximadamente cento e vinte alunos. Entre as razões para a baixa frequência nas aulas, os alunos alegavam que os seus dados móveis não eram suficientes para acompanhar as aulas ou que o celular que usavam era da mãe e ela precisava trabalhar ou ainda que só tinham um único celular e na casa deles tinha mais de um aluno, entre outras coisas.

Infelizmente, a realidade das escolas públicas de São Luís ainda está muito distante da escola que desejamos. Os problemas que as afetam são de várias ordens, passando, inclusive, pela parte física. A escola na qual sou lotado desde 2018, ainda oferece risco de desabamento sobre a comunidade escolar em alguns locais. Existe também a questão da insegurança, logo, professores, alunos e gestão convivem com a perniciosidade do ambiente escolar, tanto dentro como fora dele, visto que, não raramente, alguns alunos “resolvem” suas diferenças brigando na saída da aula. A situação das escolas públicas é tão caótica e tão abrangente que a sua descrição extrapola à proposta deste trabalho e por conta de situações como estas, a questão da conexão à rede mundial de computadores acaba ficando em segundo plano e a escola pública

vai ficando cada vez mais distante da realidade dos alunos e das comunidades nas quais estão inseridas.

Então, diante do exposto acima, surge um questionamento muito pertinente que é: e se eu não trabalhar em uma instituição na qual disponho de uma boa estrutura como aplicarei então O SOM NOSSO DE CADA DIA, uma vez que, em sua maioria as escolas que não dispõem de acesso à rede mundial de computadores regularmente⁵⁰? Ou seja, como o professor poderá inovar⁵¹ em sua aula se ele dispõe apenas de pincéis de péssima qualidade que são distribuídos poucas vezes por ano e quadros que via de regra não conseguimos escrever por conta de seu péssimo estado de conservação? A minha sugestão, neste caso, é que o professor que deseja aplicar essa metodologia em suas aulas de história do Maranhão proceda da seguinte forma: acesse às atividades no blog de forma antecipada, faça a impressão das mesmas, tire as cópias e baixe os áudios das músicas e promova a audição na hora de sua aula. Afinal, como diz o César Teixeira na emblemática Oração Latina “com as bandeiras na rua, ninguém pode nos parar”

4.2 “Pois hoje não se consente esperar”⁵²: a escolha do repertório

Ora, como em história sempre o “infinito [é] particular”⁵³, ou seja, “porque não se pode, materialmente, fazer todas as perguntas, descrever todo o porvir, e sim, a história é subjetiva, pois não se pode negar que a escolha de um assunto para um livro de história seja livre.” (VEYNE, 1998, p.18). Sendo assim, faz mister esclarecer acerca de qual caminho trilhei para o desenvolvimento e aplicação da metodologia proposta pela presente dissertação, desde a escolha do repertório e conseqüentemente dos autores destas canções que foram abordadas neste estudo e que foram aplicadas em sala de aula, bem como, à razão pela qual elas foram escolhidas. A escolha do repertório deu-se a partir daquela visão dos excluídos da história, a

⁵⁰ Estou lotado em uma escola de São Luís desde 2018, mas, somente no corrente ano e no segundo semestre tivemos internet por pouco mais de um mês. Já entramos para o terceiro mês sem internet e isso dificulta bastante o nosso trabalho, visto que, temos que lançar a frequência e registrar aula em um sistema *on line*.

⁵¹ Quando fiz este questionamento, eu estava falando das limitações impostas aos professores que realmente já fazem uso de tecnologia em suas aulas nos locais nos quais dispõem de estrutura, mas não conseguem implementar em alguns locais, especialmente, nas escolas públicas devido às precárias condições de funcionamento desses estabelecimentos, pois, sei que uma aula pode ser extremamente inovadora somente com pincel e quadro, ao passo que, outra pode ser profundamente conservadora mesmo que o docente esteja usando o que há mais novo aparato tecnológico voltado para escola e sala de aula.

⁵² Oração Latina, César Teixeira. Composta no ano de 1982. Já foi interpretada por artistas como Gabriel Melônio, Cláudio Pinheiro, Glad e Alcione.

⁵³ Infinito Particular, Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown. Álbum: Infinito Particular, de Marisa Monte, 2006.

ideia é fazer aflorar através das canções maranhenses a história silenciada/esquecida, aquela que foi e tem sido, deliberadamente, excluída dos livros didáticos ou sistemas de ensino adotados nas escolas do Maranhão quer sejam elas públicas ou privadas.

Como amiúde tenho repetido será, pois, a partir desta concepção histórica dos marginalizados da história que pretendo dar voz à própria história do Maranhão que hoje sequer figura entre as disciplinas que compõem a grade curricular maranhense. Ocasionalmente, como tenho discutido, prejuízos de várias ordens, que vão desde o total desconhecimento de nossa própria história, passando pela dificuldade de aprovação no certame da UEMA e assim ingressar em algum curso superior daquela instituição e pela dependência do professor inserir ou não no *hall* do conteúdo as aulas de história do Maranhão, uma vez que não é mais obrigatório e a demanda do conteúdo já é alta para a quantidade de hora/aula dos professores. E, tudo isso, sem sombra de dúvidas, tem influenciado e tem deixado marcas indeléveis em nossos educandos, principalmente, no que se refere à conformação da identidade maranhense.

Enquanto historiador, mas, especialmente, na condição de cidadão maranhense e educador que sou, defendo a urgência da implementação e/ou reabilitação da disciplina história do Maranhão. Visto que tenho apontado ao longo desta dissertação os imensos malefícios provocados pela exclusão dessa disciplina da grade escolar do Estado. Por isso, neste instante, eu quero demonstrar através de duas situações bem simples vivenciadas recentemente que reforçam a necessidade do ensino da história local, ou seja, daquela história que contempla o cotidiano das pequenas comunidades locais, que engloba a vida das pessoas comuns ou que conta a história do bairro no qual a escola está inserida e, principalmente, aquele tipo de ensino que faz o aluno se sentir incluso na aula de história e não somente o relato dos grandes feitos, dos grandes homens, em geral, brancos e ricos.

Vamos então aos relatos mencionados no parágrafo supracitado: na segunda feira, dia 26 de abril de 2022, os cuidadores de São Luís, conseguiram depois de muita luta, a tão sonhada redução da jornada de trabalho da categoria para trinta horas semanais, de fato, uma grande vitória. Contudo, me chamou a atenção a fala de uma cuidadora no grupo⁵⁴ do *WhatsApp*, segundo a cuidadora citada, apesar dessa grande vitória era como se ainda tivesse faltando alguma coisa para ser votado ou que ela tivesse apenas sonhando⁵⁵. Ela estava em total êxtase e mal conseguia acreditar que a categoria havia conseguido a redução. Na terça feira, dia

⁵⁴ A minha esposa era cuidadora neste período, ela veio ouvindo os áudios do grupo dos cuidadores em nossa volta para casa.

⁵⁵ O pressentimento dela estava certo, o projeto de lei acabou não sendo assinado pelo prefeito que alegou inconstitucionalidade do mesmo.

27/04/2022, foi a vez deste que vos fala participar da panfletagem referente à greve dos professores de São Luís. A atividade com os demais professores foi muito marcante, afinal, não nos conhecíamos até aquele momento e de repente estávamos ali juntos e lutando por nossos direitos. Devo confessar que durante o longo trajeto de minha volta para casa, eu estava tal qual o trecho de *O Primo Basílio* citado em AMOR I LOVE, de Marisa Monte:

o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido; sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo condizia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações!⁵⁶

Fiz todo o trajeto lembrando desta citação associando-a ao momento grevista dos professores e também à vitória dos cuidadores, dizendo a mim mesmo: “ora, se em mim, um homem feito, com formação em história e de meia idade e também nos cuidadores, um grupo heterogêneo no que se refere a perfil socioeconômico e idade, saindo dos mais jovens e chegando a pessoas da terceira idade, esses acontecimentos causaram tudo isso, agora, imagine em um menino, negro, pobre, nordestino, maranhense, da periferia e/ou zona rural estudando uma história da qual ele faz parte, a qual ele consegue se ver e se perceber, na qual ele tem existência e tem voz ?” Foi, pois, a partir desta visão que escolhi as três canções que, inicialmente, compunham o blog O SOM NOSSO DE CADA DIA.

As três canções iniciais às quais me referi anteriormente foram: Balaio das Balaiadas, de Antônio Vieira, versão do George Gomes; Senzalas, de Nicéas Drumont, versão de Rosa Reis; e Filhos da Precisão, de Erasmo Dibell, interpretada pelo próprio autor. Mas, acontece que já na etapa final da escrita, a partir da audição do programa Santo de Casa, da Rádio Universidade FM, me foram apresentadas mais quatro canções, a saber, Negra Consciência, da banda Antídotos Sociológicos; Nos azulejos da cidade, da banda Filtro de Barro; Maria de Jesus, de Beto Ehong e O peso da desigualdade, da Banda Guetos. Todas essas canções mencionadas por questões de representatividade, ou seja, por abordarem a temática norteadora e geradora deste trabalho precisaram ser incluídas, embora, o tempo já se apresentasse bastante exíguo para operar tal inclusão.

Contudo, é salutar dizer que, apesar de estas canções merecidamente terem sido incluídas neste estudo, infelizmente, por conta da falta de tempo e, principalmente, das limitações impostas pela pandemia ainda em curso, a maioria delas não puderam ser aplicadas imediatamente e figuram entre as sugestões de novas atividades que serão acrescidas na

⁵⁶ <https://www.pensador.com/frase/NTM1MTMw/> acesso em 01/05/2022 às 3:26.

atualização do blog, exceção, de Negra Consciência, que se somou à atividade que originalmente seria aplicada à canção, Senzalas. E, dito isso, sem mais delongas segue a lista das canções que neste momento figuram entre as escolhidas, pois, por repetidas vezes, eu tenho dito que o desejo deste que vos escreve é que por conta da necessidade de promover a História do Maranhão e fazer dela uma disciplina que os alunos que tenham prazer em estudá-la é que esta lista seja atualizada de modo contínuo mesmo após a defesa desta dissertação, especialmente, a partir da colaboração dos que fizerem uso do *blog*/produto O Som Nosso de Cada Dia.

Tabela 1⁵⁷ - Lista das músicas de O SOM NOSSO DE CADA DIA

Título	Compositor(es)	Intérprete(s)	Disco/Ano	Gravadora
Balaio das Balaiadas	Antônio Vieira	George Gomes	_____/2020	_____
Senzalas	Nicéas Drumont e Cecílio Nena	Rosa Reis	Pajelança/1997	Laborarte
Negra Consciência		Antídotos Sociológicos	Fenda dos Desesperados/2019	_____
Nos azulejos da cidade	_____	Filtro de Barro	_____	_____
Maria de Jesus	Beto Ehong	Beto Ehong	_____	_____
Filhos da Precisão	Erasmio Dibell	Erasmio Dibell	Sarará/1993	Saravá Discos
O peso da desigualdade	Edy Cândido	Banda Guetos	_____	_____

⁵⁷ Quadro inspirado na dissertação de Carlos Eduardo Valdez da Silva. E a música nessa História? A música no ensino de História da África e da cultura afro-brasileira.

Entendo que todas essas canções apresentadas no quadro acima, mas não somente elas, se usadas nas aulas de história como fontes históricas podem promover o alargamento do conhecimento dos alunos acerca da História do Maranhão. E mediante o contato com estas canções de cunho mais social que compõem o cancioneiro maranhense, creio que seja possível trilhar pelo viés da desconstrução de visões cristalizadas sobre a nossa secular história. E, assim, por meio deste contato mais lúdico com o conhecimento histórico possa levá-los a refletir a respeito da participação e do envolvimento de pessoas comuns, ou seja, o povo, nas lutas que marcaram a nossa história. De modo que, eles possam perceber que a história é feita não somente por personagens famosos e por seus grandes feitos, mas, também por pessoas comuns, pessoas assim como eles e da comunidade deles, que atuaram e continuam atuando no processo de formação e transformação de nosso Estado, o Maranhão.

E, agindo desta forma, entendo que seja possível ir alterando, ainda que paulatinamente, o acentuado estado de precarização vivenciado pela História do Maranhão, ocasionado, entre outras coisas, pela ausência de livros didáticos que versem sobre a História do Maranhão que atendam às normas do programa nacional do livro didático; passando pela ausência da disciplina História do Maranhão na grade curricular do Estado e culminando na adoção do ENEM como forma de acesso ao ensino superior, no caso da UFMA, o que certamente serviu para acelerar o silenciamento/esquecimento da História do Maranhão, visto que, o formato deste certame privilegia o geral em detrimento do local/regional. E que por conta disso, os professores com a grande demanda que é finalizar o conteúdo, são forçados a deixar de lado a História do Maranhão, afinal, não é mesmo obrigatório e alunos, em sua maioria, não fazem o PAES.

E como consequência de tudo isso, nós, professores, temos ajudado a formar um tipo de estudante que não conhece a sua própria história ou conhece muito pouco. E por conta deste conhecimento perfunctório quando este aluno vai prestar o vestibular da UEMA termina ficando reprovado, pois, lá continua-se a exigir História do Maranhão, especialmente, nos cursos mais concorridos que são os ligados à Polícia Militar e aos Bombeiros. Neste caso, especificamente, a tragédia é pelo menos dupla, qual seja, o aluno é privado da História de seu Estado e, por conta disso, é reprovado no vestibular da Universidade Estadual do Maranhão. E, além disso, como não estuda ou conhece “quase nada” de sua história, como diria o poeta, este estudante/cidadão maranhense não valoriza as coisas do Maranhão ou acha que é feio e como valoriza mais a cultura europeia que é incutida durante toda a vida escolar dele, muitas vezes, ele tem até vergonha de nossa rica e fabulosa cultura.

E como se tudo isso relatado acima ainda fosse pouco, diante do silenciamento/esquecimento que assola a História do Maranhão e que tenho falado ao longo

desta dissertação, a porção que tende a emergir da história maranhense é exatamente aquela de viés mais tradicional, ou seja, aquela pautada nos grandes feitos e nos grandes homens. Aquela que enaltece, via de regra, o chamado “homem bom⁵⁸”, os seus feitos e os representantes destes e, de forma deliberada, silencia, escamoteia e/ou menospreza a participação política de pessoas do povo, a saber, os escravos, os alforriados, os mestiços, os vaqueiros, artesãos, como por exemplo, acontece com a Balaiada e seus líderes, considerada por alguns historiadores como o maior levante ocorrido no Maranhão.

É por vivenciar situações como as já relatadas ao longo deste trabalho é que, além de almejar a promoção e/ou reabilitação da disciplina História do Maranhão, a razão de ser desta dissertação como tenho dito, obviamente, eu igualmente objetivo combater esta visão estreita, uniformizadora e segregacionista da sociedade maranhense veiculada pela historiografia tradicional que, de forma alguma, representa a multifacetada e colorida realidade maranhense, especialmente, por excluir o povo do processo de construção da nossa história. Mas, por esta visão estar cristalizada é amplamente reafirmada por nossa historiografia de viés mais tradicional como sendo a única verdade e de forma acrítica é aceita e reproduzida por nossa sociedade e se não for tenazmente combatida acabará prevalecendo definitivamente.

4.3 “E diga sim a quem nos quer acolher”⁵⁹: as propostas de atividades

Nesse tópico faço uma descrição pormenorizada de cada uma das atividades propostas aqui no produto que se encontra totalmente disponível gratuitamente em: somnossodecadadiaa.blogspot.com As partes que compõem todas as atividades estão dispostas da seguinte forma: objetivo, justificativa, letra da música, biografia, análise das músicas e a atividade propriamente dita. No blog constam as seguintes atividades, a atividade 1, intitulada EITA POVO INVOCADO: A PARTICIPAÇÃO POPULAR NA BALAIADA; a atividade 2, intitulada TEM CHICOTE NA FEIRA: O DESAFIO DE SER NEGRO NO MARANHÃO 134 DEPOIS DO “FIM” DA ESCRAVIDÃO; e menção à atividade 3, intitulada NOS AZULEJOS DA CIDADE REPOUSAM A MISÉRIA E A CRUELDADE e à atividade 4, intitulada OS FILHOS DA PRECISÃO: O PESO DA DESIGUALDADE AUMENTA TODO SANTO DIA. A seguir, faço a descrição de cada uma das atividades propostas pelo blog O SOM NOSSO DE CADA DIA.

⁵⁸ Expressão usada, especialmente, no período colonial para referir-se àquele homem branco, católico, dono de terra e escravos.

⁵⁹ Oração Latina, música de César Teixeira, composta no ano de 1982.

4.3.1 ATIVIDADE 1- EITA POVO “INVOCADO⁶⁰”: A PARTICIPAÇÃO POPULAR NA BALAIADA

OBJETIVO

Esta atividade foi concebida e executada a partir da música Balaio das Balaiadas, de Antônia Vieira, interpretada por George Gomes. Tem como objetivo mostrar aos alunos que existe sim uma história do Maranhão e que é importante estudá-la e, acima de tudo, que essa história também é composta por pessoas do povo, pessoas comuns e não somente por grandes homens e seus grandes feitos. A ideia é que os alunos percebam que pessoas comuns, assim como eles, têm sonhos, projetos e que lutam todos os dias para sobreviver apesar de serem deliberadamente esquecidos/silenciados pela historiografia conservadora. Almejo ainda levá-los a perceber que tais pessoas comuns foram protagonistas de várias revoltas ou movimentos revolucionários não somente aqui no Maranhão, mas no Brasil e mundo a fora. De modo que, atuaram e continuam atuando no presente momento em prol de uma vida com mais qualidade e oportunidades, especialmente, para os “esquecidos” da história, o povo.

JUSTIFICATIVA

Bem, como já foi mencionado repetidas vezes, por conta da proposta que norteia este trabalho, qual seja, fazer aflorar os esquecidos, os marginalizados da história a partir das músicas maranhenses, bem como a própria história do Maranhão que vem sofrendo um acelerado processo de silenciamento/esquecimento. Escolhi a Balaiada, um dos episódios mais emblemáticos da historiografia maranhense para dar início a esta etapa de intervenção na escola que foi a aplicação do produto com os alunos. Ora, segundo Mateus (2018), os dois primeiros autores a escreverem sobre a Balaiada foram, Domingos Magalhães⁶¹ e Ribeiro do Amaral⁶², respectivamente, 1848 e 1898. Apesar da distância temporal e das distinções nas funções exercidas por eles, ambos concordam que os revoltosos são “bandidos, bando de sediciosos, salteadores, vindos da mais baixa ralé da sociedade, pessoas brutas e ignorantes.” (MATEUS,

⁶⁰ Expressão usada para descrever quando o maranhense está zangado, bravo ou irado.

⁶¹ Na obra *A Revolução da Província do Maranhão desde 1838 até 1840*, Domingo Magalhães, que à época ocupava o cargo de secretário de Estado, apresenta a sua visão sobre a Balaiada e de seus participantes, como sendo um movimento de desordeiros, bandidos e rebeldes. Graças ao lugar privilegiado da fala dele, o relato por ele produzido se reveste de a mais genuína verdade. E, de certa forma, reflete a imagem que a própria elite tinha da revolta e de seus integrantes. Mateus (2018)

⁶² Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e também da Academia Maranhense de Letras, em sua obra, *Apontamentos para a História da Revolução da Balaiada na Província do Maranhão*, escrita sessenta anos depois, 1898, defende em outras coisas, a ideia de que a revolta não teve o apoio dos bem-te-vis, tratando-se apenas, de movimento de bandidos e desordeiros. Mateus (2018).

2018, p.77). E, curiosamente, esta visão profundamente negativa a respeito da revolta e de seus líderes cunhada por estes dois autores pioneiros concorreu para a construção e consolidação de uma narrativa oficial, na qual, os balaios são, por natureza, delinquentes, facínoras e vadios, segundo Mateus (2018).

É interessante notar como a narrativa conservadora muda radicalmente quando se trata de outro personagem também ligado à Balaiada, mas representante de outro segmento social, obviamente, estou me referindo a Luiz Alves de Lima e Silva, mais conhecido como o Duque de Caxias. Neste caso, a construção em torno desta figura está alicerçada em características e atributos que somente os mais distintos cidadãos, na visão dos arquitetos, podem tê-los, senão vejamos: em 1990, o cientista político, Eloy Coelho Netto, publicou *Caxias e o Maranhão Sesquicentenário*, obra que enaltece a passagem de Caxias pelo Maranhão, pois, graças a lealdade e competência dele ao império, o distinto cidadão foi capaz de defender com a bravura a unidade do império ameaçada por aquela sedição, Mateus (2018). Na verdade, segundo este autor, Coelho Netto, a heroica ação de Caxias correspondia a:

Um clamor geral era pedido para que houvesse pacificação dos rebelados juntamente com as lutas políticas entre cabanos e bem-te-vis. A sua administração trouxe a São Luís benefícios como calçamento da Rua Grande, melhoria das Fontes, dentre outros melhoramentos. (MATEUS, 2018, p.84).

Vejamos o que diz uma eminente figura da política e literatura maranhense, José Sarney. Em artigo publicado em 2003, intitulado de *Caxias e a Balaiada*, apesar de não citar as fontes, ele chancelou o que a historiografia conservadora imprimiu como sendo a verdade sobre este evento, Mateus (2018). Ou seja,

Sua ênfase dada a Luiz Alves de Lima e Silva é de que o mesmo veio ao Maranhão tencionado a trazer paz sobre essa província que se encontrava sob guerra civil. Embasado nos relatos tendenciosos do conservador Domingos Magalhães, afirma o episódio de libertação dos presos na cadeia da Vila da Manga, em 13 de dezembro de 1838, por Raimundo Gomes, sem levar em consideração as condições e reivindicações dos rebelados, por outro lado, chama Manuel Francisco Ferreira dos Anjos, um dos líderes do movimento, de “cruel”, mesmo em seguida relatando que suas filhas foram defloradas por soldados, apenas reproduzindo o que a historiografia oficial já faz. (MATEUS, 2018, p.83).

Ora, por conta de seu lugar social e falando norteado por esta concepção conservadora da história, que valoriza sempre os grandes homens e seus feitos, a escrita de Sarney (2003) destaca a grande atuação de Caxias no Maranhão e, entre outras coisas, tece críticas aos governadores do Maranhão Vicente Tomaz Pires Camargo e Manoel Felizardo de Sousa Melo por não relatarem com fidelidade a real situação do Estado. E voltando-se para descrever o

eminente militar este autor o apresenta como sendo um herói, logo, ele é alguém acima das paixões dos homens comuns, um ser apartidário, um homem dotado de grande capacidade e inteligência, especialmente, na arte da guerra, pois, apesar dos escassos recursos que dispunha para cumprir mais uma honrosa missão, ele conseguiu debelar mais uma revolta, esta, em solo maranhense, garantindo assim, a manutenção da unidade territorial ameaçada por levantes como estes.

Por repetidas vezes tenho afirmado que esta dissertação parte da concepção de que a História do Maranhão passa por um processo acelerado de silenciamento/esquecimento, ou seja, ela vem desaparecendo dos livros didáticos e também dos sistemas de ensino e sequer existe como disciplina na grade curricular estadual e isso, por si só, já é bem assustador e atrelado a esta dificuldade, as cada vez mais raras referências de nossa história tendem a emergir pelo viés mais conservador e tradicional da história como estes que acabei de vos apresentar. Por isso, como forma de pleitear melhores dias para a História do Maranhão e, além disso, dar voz àquele que geralmente tem sido silenciado na silenciada História do Maranhão, o povo, optei por trabalhar assuntos emblemáticos dessa história, como, por exemplo, a Balaiada, a partir de uma canção popular, de um compositor maranhense e negro, interpretada por um cantor também negro, no ritmo que geralmente é associado aos negros, o samba.

Foi assim que cheguei à canção Balaio das Balaiadas, do cantor e compositor ludovicense, Antônio Vieira. A versão escolhida está disponível no *Youtube*, nela George Gomes, cantor e ex-baterista da Banda Legenda, banda de *reggae* de São Luís, mostra toda a sua versatilidade ao interpretar um gênero “irmão” do ritmo jamaicano, o samba. Essa música foi a fonte histórica que usei para trabalhar a primeira oficina do blog O SOM NOSSO DE CADA DIA, intitulada de EITA POVO “INVOCADO”: A PARTICIPAÇÃO POPULAR NA BALAIADA. A razão para escolha dessa canção, ainda que eu não tivesse apontado anteriormente, já seria patente, pelo fato de se tratar de um samba, este, composto por um compositor negro, ludovicense, interpretado por um cantor igualmente negro. Além disso, a canção tem como protagonista um homem do povo, o artesão, Francisco dos Anjos. E como já tenho dito, é, exatamente, por meio de personagens como estes e de suas histórias que esta dissertação almeja fazer aflorar a História do Maranhão.

LETRA DA MÚSICA

BALAIIO DAS BALAIADAS (ANTÔNIO VIEIRA)⁶³

Balaio, Balaio forte, Balaio das Balaiadas

⁶³ Disponível em: <https://youtu.be/NauhRYPHdDc>.

Que lutou com seus princípios sem temer a morte ou nada 2x
 Carregava os seus balaio, balaio de guarimã
 E atacava os inimigos com a clara da manhã

Balaio, balaio macho do meu sertão
 Não aturava exploração
 Pela família tinha respeito e atenção
 Balaio cabra valente, balaio do Maranhão
 Assim conta um episódio das terras do Maranhão
 As guerras das balaiadas que ensanguentou o torrão
 Se você nascer livre tinha opressão odiada
 Você também é balaio e tem luz da Balaiada

Figura 1 - Show em homenagem ao centenário do mestre Antônio Vieira. A música Balaio das Balaiadas na voz do George Gomes.



Fonte: youtube.com.br

BIOGRAFIA DE ANTÔNIO VIEIRA

Antônio Vieira, apesar de compor desde jovem, só veio conhecer o sucesso bem tardiamente, depois ter se aposentado e mediante a ajuda de um mecenas famoso, o cantor e compositor maranhense, Zeca Baleiro. Mestre Vieira, como era conhecido, nasceu dia nove de maio de 1920, na Rua de São João, centro de São Luís, próximo à Fonte do Ribeirão. Por conta dos vários filhos que tinham e das poucas condições financeiras que dispunham para sustentá-los, seus pais biológicos, Wilson Vieira e Itamar Farias, deram-no a seus padrinhos, João Batista Alves Lomba e sua filha Odila Alves Lomba, que eram pai e filha, para o criarem. E nessa nova condição agora como filho de uma família abastada, Vieira, teve acesso, entre outras coisas, a uma educação de qualidade. “No primeiro exame de admissão ao ginásio conseguiu aprovação

com destaque no histórico Centro Caixeiral, onde concluiu o ginásio e o científico, bem como a sua formação de nível médio em Técnico de Contabilidade.” (PAVÃO,2005, p.22)

E tudo ia muito bem para o jovem Antônio Vieira até que seu padrinho faleceu e sua madrinha casou-se e foi morar em outra localidade. Nessas circunstâncias, o nosso personagem teve que voltar para a casa dos pais biológicos. E por conta das condições econômicas precárias enfrentadas por sua nova/velha família, ele iniciou-se no mundo do trabalho com apenas dezesseis anos de idade. Ao longo de sua trajetória profissional, ele exerceu várias funções, desde a primeira em um armazém do Pólo Comercial da Praia Grande à última na Rádio Timbira, passando ainda pelo Hospital Tarquínio Lopes Filho, pelo setor automobilístico, pela Companhia Telefônica do Maranhão e mesmo em meio a esta longa trajetória laboral, Vieira, ainda encontrava tempo para compor suas músicas. Estas retratam as coisas do cotidiano e a vida das pessoas comuns, tais como, o vendedor de banana, a mulher do pirulito na Praia Grande, o processo de elaboração da cocada, abordam também as questões sociais, como a música Balaio das Balaiadas, escolhida para começarmos as nossas oficinas, por tratar, como o nome sugere sobre a Balaiada.

Segundo Pavão (2005), podemos afirmar que o mestre Vieira era,

um cantor e compositor de gêneros diversos. Ele não se prende apenas a um estilo musical e quando escreve as suas músicas elas já estão definidas. Dessa forma pode surgir qualquer ritmo, como uma bossa, um samba, uma valsa e assim sucessivamente. O que define Antônio Vieira é o conteúdo, aquilo que ele diz em suas composições. (PAVÃO, 2005, p.29)

Antônio Vieira compôs ao todo 337 músicas “Todas elas possuem características peculiares e sempre se identificam com alguém, com alguma coisa ou algo que está acontecendo naquele momento ou até mesmo que já aconteceu.” (PAVÃO, 2005, p.29). A vasta obra de Antônio Vieira é marcada pela diversidade tanto rítmica quanto de temáticas que vão desde a poesia, passando pelas questões políticas, sociais, históricas e culturais. Sobre essa questão, Pavão (2005) escreveu o seguinte:

Assim, compôs sobre os sentimentos, abordando amor, ciúme, saudade, tristeza, solidão, alegria, esperança; as crianças e suas brincadeiras; as mulatas e os negros; as mazelas da natureza, envolvendo o vento, o mar, os passarinhos, a areia, as dunas, a seca, os rios, o céu, as flores, o luar; as festas de Natal, suas alegrias e contradições; as lendas, credices do Maranhão; as danças, brincadeiras e ritmos maranhenses nas festas juninas, bumba-meu-boi, tambor-de-mina, antigos carnavais, baralho, blocos tradicionais; os personagens que povoam a nossa história, com seus pregões: o amolador, a doceira, o verdureiro, o garrafeiro, o vassoureiro, o sorveteiro, o carvoeiro; os locais e fatos históricos do Maranhão, a Balaiada, Bequimão, o Boqueirão, Ana Jansen e muitos outros temas. (PAVÃO, 2005, p.32)

Figura 2 - foto de Antônio Vieira



Fonte: youtube.com.br

ANÁLISE DA MÚSICA

Partindo do ponto de vista mais técnico, a música Balaio das Balaiadas é um samba, aspecto relevante por se tratar de um gênero musical oriundo do batuque dos negros, vinculado à cultura popular. O acompanhamento da canção é feito pelos seguintes instrumentos: bateria, bongô, violão, cavaquinho, baixo e uma sanfona, cuja presença, a princípio, estranhei.⁶⁴ Esta versão está na tonalidade de Si Bemol Maior, apresenta uma harmonia relativamente simples, visto que, praticamente é acompanhada seguindo os graus do campo harmônico desta escala. Utiliza seis dos sete graus desta tonalidade, a exceção do sétimo grau, o lá diminuto. Faz uso do dominante secundário em duas situações, o sol maior, para atrair o segundo grau da escala, dó menor e o ré maior para atrair tanto o sol maior quanto sol menor. Apesar de procurar bastante, eu não consegui encontrar essa música na voz de seu autor, Antônio Vieira. Contudo, considero a interpretação de George Gomes boa, apesar de sentir nele a falta do gingado, do samba no pé que o gestual da música exige, mas, nada que comprometa a sua apresentação até porque a seara dele é outra, o *reggae*.

No que se refere ao aspecto histórico, a música descreve o contexto conhecido na historiografia como Período Regencial, que vai da abdicação de Dom Pedro I, em 1831 a 1840, quando acontece o golpe da maioria que conduziu Dom Pedro II ao poder. É um período

⁶⁴ Não estou afirmando que não exista, contudo, eu não conheço nenhum outro registro de um samba que utiliza a sanfona.

relativamente curto de nossa história, apenas nove anos, contudo, marcado por muita instabilidade política. Só para ilustrar a instabilidade à qual me referi, basta dizer que, o Brasil teve oito governantes nestes nove anos, distribuídos em duas regências trinas, a provisória e a permanente e duas unas, a de Feijó e a de Araújo e Lima. E, é óbvio, que este clima de instabilidade política fez aflorar revoltas, literalmente, de norte a sul e, dentre estas, está a Balaiada. Um levante ocorrido aqui no Maranhão, entre os anos de 1838 a 1841, este é o tema gerador da composição Balaio das Balaiadas, de Antônio Vieira.

A música começa enaltecendo a figura de um dos líderes da Balaiada, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, ou simplesmente, Francisco dos Anjos, o artesão que confeccionava balaios⁶⁵. A canção, o apresenta como forte e destemido que, por conta de seus princípios não temia nada, nem mesmo a morte. Apesar de não ser um soldado, visto que, era um artesão, um produtor de “balaios de guarimã”, mas, por ser um defensor da família e contra a exploração e, acima de tudo, por ser um “cabra macho”, ou seja, ele era valente e “atacava os inimigos com a clara da manhã”. Este trecho que fala de um ataque com “a clara da manhã” sugere a utilização da tática de guerrilha, de fato, empreendida pelos balaios por conta do conhecimento do território e também de não dispor de quantitativo suficiente de combatentes e de munição para fazer frente ao exército liderado Luís Alves e Silva, o duque de Caxias.

Seguindo a análise da canção, Vieira, cita a frase que o balaio forte e valente “Pela família tinha respeito e atenção”, ou seja, defendia a família. Entendo que essa citação se refere a uma das causas comumente apontadas para a eclosão da Balaiada, a saber, a defloração das filhas de Francisco dos Anjos por autoridades policiais locais e que teria ficado sem qualquer punição ou reparação. Segundo Mateus (2018), esta vinculação deste acontecimento à eclosão da insurreição é, na verdade, uma cristalização ou um resquício da historiografia tradicional que fundamenta toda a sua análise a partir deste fato para falar das “guerras das balaiadas que ensanguentou o torrão”, como sendo resultado da ação violenta do povo, que se aproveita de episódios quaisquer para dar vazão aos instintos mais bárbaros e grotescos.

Então, apesar do compositor não se pautar por propósitos educativos ao compor uma canção, fato que aumenta a responsabilidade do professor/mediador ao utilizar-se deste tipo de fonte, sendo, portanto, necessário a problematização da música, creio que seja perfeitamente possível abordar a partir dela temas, tais como: a exploração dos mais pobres exercida pelos ricos; o abuso de autoridade, materializada não somente no crime dos policiais contra as filhas de Francisco dos Anjos, mas, também no episódio dos “pegas”, no qual jovens eram levados

⁶⁵ Eis a origem do nome da revolta.

de forma compulsória para compor os quadros da guarda nacional; a defesa da honra e da família, como por exemplo, o caso das filhas de Francisco dos Anjos; a luta do povo por melhores condições de vida e dignidade, entre outras coisas.

Essa atividade foi dividida em três etapas, a primeira composta de apenas um questionamento, qual seja, “Por que é importante estudarmos a História do Maranhão?” Essa pergunta visava saber qual a visão dos alunos com relação à História do Maranhão, uma vez, que eles não têm acesso a este conteúdo voltado para o Maranhão. Lembrando que esta primeira etapa foi realizada já no primeiro dia das oficinas. No segundo encontro veio a etapa dois e três simultaneamente. A etapa dois consistiu na proposição de mais dois questionamentos, o primeiro deles foi “Em sua opinião, o ritmo, os instrumentos musicais e a interpretação do artista se relacionam com o tema Balaiada? Justifique sua resposta.” E o segundo “Onde e como na letra da música aparece a temática Balaiada?”

E, finalmente, a etapa três, pensada a partir do trabalho com música que realizo com essa turma há algum tempo. Eu deixei a canção de Teresina a São Luís, do cantor e compositor João do Vale, como atividade para casa e propus aos alunos que pesquisassem sobre a vida do compositor e sobre o que a música tratava e pedi que levasse para nosso terceiro e último dia de atividades relativas ao tema Balaiada. A ideia norteadora desta terceira etapa era perceber como os alunos manipulariam sozinhos a fonte histórica documento-canção e ainda que percepções ou sentimentos a música de João do Vale provocaria ou despertaria neles ao analisá-la. O resultado dessa etapa foi descrito junto à oficina referente a atividade 1, EITA POVO “INVOCADO”: A PARTICIPAÇÃO POPULAR NA BALAIADA.

ATIVIDADE 1 – “EITA POVO INVOCADO: A PARTICIPAÇÃO POPULAR NA BALAIADA

- 1- Por que é importante estudarmos a História do Maranhão?
- 2- Em sua opinião, o ritmo, os instrumentos musicais e a interpretação do artista se relacionam com o tema Balaiada? Justifique sua resposta.
- 3- Onde e como na letra da música aparece a temática Balaiada?

4.3.2 ATIVIDADE 2- TEM CHICOTE NA FEIRA: O DESAFIO SER NEGRO NO MARANHÃO 134 ANOS DEPOIS DO “FIM” DA ESCRAVIDÃO

OBJETIVO

Esta atividade foi concebida e executada a partir das músicas Senzalas, de Nicéas Drumont, na interpretação de Rosa Reis e Negra Consciência, da banda Antídotos Sociológicos. Tem como objetivo mostrar aos alunos que apesar de a escravidão não existir mais legalmente em nosso país, ela permanece latente em nossa sociedade, à espera de uma fissura para que possa eclodir e jorrar em toda sua profusão e continuar vitimando aqueles que historicamente trazem na pele a tonalidade da exclusão e do preconceito e carregam no corpo as marcas da violência. Objetiva ainda levar os alunos a perceberem que os resquícios deste nefasto sistema está presente em nosso cotidiano⁶⁶ e é manifestado na forma de “piadas” em rodas de conversas de amigos, parentes e bares ou ainda na dificuldade que a população negra tem de conseguir um bom emprego, uma moradia digna, de não ser cooptado pelo crime, de permanecer na escola, de chegar à universidade e de concluir a graduação e continuar avançando nos estudos e, finalmente, de não virar estatística, ou seja, não ser mais um a morrer de bala perdida, mais um desempregado ou em subemprego, mais um preso, mais um, mais um. E, por fim, fazê-los entender que não basta ser contra, mas, que é preciso combater o preconceito de qualquer ordem veementemente, acabando assim com essa prática criminosa chamada racismo “que insiste nos rodear”⁶⁷ e a nos assombrar hodiernamente.

JUSTIFICATIVA

Recentemente, no dia 13 de maio do corrente ano, comemorou-se 134 anos da abolição da escravidão. Decerto, é uma marca bem significativa e, é claro, que devemos comemorá-la. Contudo, não nos esqueçamos que esse ato que libertou os escravos aconteceu tardiamente, afinal, demoraram quase quatrocentos anos para que tivesse fim esta horrenda prática chamada escravidão. Não obstante, há de se perguntar o que de fato os afrodescendentes têm para comemorar no dia 13 de maio a cada ano? Afinal, seus ancestrais foram postos em “liberdade”, mas, não houve qualquer política de inclusão social ou mesmo de reparação. O sociólogo Florestan Fernandes, corrobora com esta assertiva ao afirmar que “o liberto se viu convertido,

⁶⁶ Infelizmente, de vez em quando, vemos os noticiários denunciando que pessoas continuam sendo encontradas trabalhando em condições análogas à escravidão. E para aumentar mais ainda a dor, quase sempre, o estado do Maranhão está envolvido quando tais denúncias acontecem.

⁶⁷ Tempos Modernos, Lulu Santos. Álbum: Lulu Acústico (Ao Vivo), 2000.

sumária e abruptamente, em senhor de si mesmo, tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva.” (FERNANDES, 2008, p.29)

Outro ponto relevante sobre essa questão é que também não foi oferecido ao agora “negro livre” a possibilidade de acesso à saúde, ao trabalho e tampouco à educação. E se o “negro livre” não tinha acesso a esses pilares da cidadania, a pergunta que não quer calar é, que liberdade é essa que priva do gozo da saúde, do trabalho, do lazer e da educação? E nessa esteira da “liberdade excludente” restou ao “negro livre”, tragicamente, submeter-se a trabalhos mais grosseiros e penosos, como por exemplo, o de estivador, visto que, atendiam às exigências necessárias para exercício da função que eram a força e disposição. Ou então, permanecer nas fazendas nas quais eram escravizados por conta da necessidade da terra para trabalhar e de um local para morar, pois, afinal, quem iria contratar um ex-escravizado recém-libertado em uma sociedade que até os dias atuais ainda apresenta como principais características o racismo e a exclusão social?

Sobre esta questão da inserção do ex-escravizado ao trabalho, Florestan Fernandes, nos afirma que:

A preocupação pelo destino do escravo se manifesta em foco enquanto se ligou a ele o futuro da lavoura. Ele aparece nos vários projetos que visam regular, legalmente, a transição do escravo para o trabalho livre, desde 1823 até a assinatura da Lei Áurea, a 13 de maio de 1888. Como expediente para manter os escravos no trabalho, dissemina-se entre os senhores de 1880 e, de maneira exacerbada, a partir do momento em que as fugas em massa dos escravos se tornaram incontrolláveis. Com a Abolição pura e simples, porém, a atenção dos senhores se volta especialmente para os seus próprios interesses. Os problemas políticos que os absorviam diziam respeito a indenização e auxílios para amparar a “crise da lavoura. A posição do negro no sistema de trabalho e a sua integração à ordem social deixam de ser matérias políticas. Era fatal que isso sucedesse. (FERNANDES, 2008, p.30)

Então, sob este ponto de vista, não é de se estranhar o surgimento da Lei de Terras, de 1850, que previa que a partir daquela data a posse da terra só seria possível mediante o pagamento em dinheiro. E como sabemos que tal exigência, automaticamente, alijava os negros de possuírem um local no qual pudessem plantar o seu sustento e pudesse se sentir verdadeiramente livres; e isso associado a outras leis que vieram antes e depois, como por exemplo, a da vadiagem (1890), a de contravenções penais, de 1942, teve como desdobramento natural a completa marginalização do negro. Pois, a "vadiagem" configurava crime. E, afinal de contas, neste contexto quem habitualmente vivia em ociosidade(vadiagem) por conta da não-inserção no mercado de trabalho e não conseguia prover sua própria subsistência e de seus dependentes? Sendo assim, embora, essa situação seja profundamente desagradável e triste, não

é de causar nenhum espanto quando observamos hoje os números ligados à população negra no Brasil e eles são sempre vergonhosos, assustadores e preocupantes.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) do ano de 2019, cerca de 45,2 milhões de pessoas viviam em casas com algum tipo de problema, deste montante 13,5 milhões eram de pessoas brancas e 31,3 milhões de pessoas pretas ou pardas. E, não para por aí, entre as pessoas que figuram abaixo das linhas de pobreza, as de cor preta e pardas somam 70%. O rendimento hora de uma pessoa com formação superior branca é de R\$: 33,9, já o do negro é de apenas R\$: 23,50. As disparidades continuam, entre aqueles que têm ocupação, os brancos recebiam em média 73,4% mais do que os pretos ou pardos. Quando se refere à questão de ocupações informais, os negros atingem 47,4%, e os brancos 34,5%. E, por fim, quando falamos de mercado de trabalho, aqueles que estão desocupados os números são 9,3% e 13,6%, respectivamente, para brancos e pretos ou pardos.

Em função do longo período de escravidão em que um grande contingente de africanos adentrou o Brasil, alguns Estados apresentam um maior percentual de pessoas negras, pardas ou mestiças, são eles: Maranhão, Pernambuco, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar do grande interesse por essa temática, por questão de delimitação, a minha análise permanece circunscrita ao Estado do Maranhão. Segundo o IBGE, no Estado do Maranhão, os negros representam a grande maioria com cerca de 74% da população.⁶⁸ Somos a terceira maior população negra do país ficando atrás apenas do Rio de Janeiro e da Bahia. No concernente à educação, a despeito dos avanços, os números por aqui não são nada bons, afinal, o analfabetismo é 50% maior entre a população negra e “apenas 28,2% de negros de 18 a 24 anos vão à escola no Maranhão.”⁶⁹

E para abordar a condição atual do negro no Estado do Maranhão transcorridos 134 anos da assinatura da lei Aurea, de 1888, que colocou em “liberdade” os negros escravizados, pondo fim a uma das práticas mais abomináveis da humanidade de todos os tempos, a escravidão, usei a música SENZALAS, do cantor e compositor, Nicéas Drumont, na versão de Rosa Reis. Apesar parecer algo óbvio demais, eu explico a escolha pela gravação de Rosa Reis, esta, se deu além do incontestável talento dela, é claro, pelo fato de ser mulher e negra e de ela está à frente do Laboratório de Expressões Artísticas, LABORARTE. Utilizei também outra música, a NEGRA CONSCIÊNCIA, da banda Antídotos Sociológicos, a escolha desta canção deveu-

⁶⁸<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/11/negros-representam-74-da-populacao-do-maranhao-diz-ibge.html>. Acesso em 17/08/2022, às 02:00.

⁶⁹ <https://www.rumboramarocar.com.br/racismo-estrutural>. Acesso em 17/08/2022, às 02:45.

se ao fato de ela fazer uma abordagem direta à questão da escravidão no Brasil, a audição dessa canção já funciona quase que como uma espécie de aula sobre essa questão.

LETRA DAS MÚSICAS

SENZALAS (Nicéas Drumont e Cecílio Nena)⁷⁰

Nas senzalas, o mesmo grito
 Nas gandaias, o mesmo risco
 Nas baganas, o mesmo vício
 Nas cabanas, a mesma solidão

Nas cidades, os pelourinhos
 Na maldade, os descaminhos
 Na bondade, milhões de espinhos
 Na verdade, a mesma escravidão

Olha o preto e o branco, aflitos
 E o bagaço de cana, no litro
 Faz a farra, hei yei yei

Tem chicote na feira, chibata
 Nem um bom capoeira, escapará
 Das amarras hei, yei yei

Nas semanas, se despenteia
 No domingo, maracaneia
 E os amigos, sugam-lhe as veias
 E as mulheres arrajam confusão

O futuro, a Deus pertence
 No escuro, rezo uma prece
 Que na verdade, se desconhece
 Quem mais erra, mais se enche de razão

Olha o preto e o branco, aflitos
 E o bagaço de cana no litro
 Faz a farra, hei yei yei

Tem chicote na feira, chibata
 Nem um bom capoeira, escapará
 Das amarras hei, yei yei

Nas senzalas, nas baganas
 No domingo, nas gandaias
 Nas senzalas, nos domingos
 Nas senzalas, no domingo
 Nas baganas, no domingo.

⁷⁰ <https://youtu.be/ujNVYyPViEA>

NEGRA CONSCIÊNCIA - ANTÍDOTOS SOCIOLÓGICOS⁷¹

Qual é a cor da humanidade em séculos de exploração nessa nação?
 Abolição de papel, que amassa, rasga, queima e se desfaz sem ter lugar
 Liberdade sem reparação, segregação camuflada “deixai fazer, deixai passar”
 Vidas entre latifúndios, vidas “favelizadas”, “deixai servir ou deixai morrer”

DECLAMADO:

Quase quatro séculos de desumana exploração
 Foram 388 anos de escravidão
 Uma abolição sem reparação, nada.
 Eles disseram liberdade, mas qual o lugar do negro nessa sociedade?
 Nos campos resistimos como comunidades, quilombos
 Sempre cercados de cercas latifundiárias
 Desde de 1850, a Lei de Terras definiu que só se tem terra comprando
 A forma de dizer que nenhuma terra teria os pretos
 Que produziram a riqueza deste país por mais de três séculos com suor e sangue
 Veio a República, no nome a promessa, coisa pública
 Mas os negros não eram o público
 Eram plateia que assistiam a República dos imigrantes europeus trazidos para trabalhar
 Quem que ia contratar preto ex-escravizado?
 Nem no campo nem na cidade, “favelidade”
 E assim foi durante toda a Era Vargas,
 A política de branquear a população, eugenia.
 Foi preciso um hotel em São Paulo barrar a afro-americana Catherine Durant
 Consagrada artista e intelectual para a lei Afonso Arinos proibir a discriminação racial
 Ninguém foi condenado em anos, 1950, irmão.
 Há leis em nosso país que não pegam, mas o racismo pega e mata
 Anos depois, 1964, ditadura militar, todo preto que denunciava a falsa democracia racial era chamado de
 comunista, comunista!
 E vocês até hoje caem nessa pilha
 Quando chega a redemocratização, já eram cem anos sem reparação
 Silêncio, silêncio estatal total e vocês compartilhando vídeo do Morgam Freeman
 Como grande novidade e solução
 O silenciamento sobre o racismo sempre foi a regra
 Resistiremos, continentes negros.

Consciência negra, consciência desigual
 Consciência que não, não há democracia
 Consciência negra, consciência desigual
 Consciência que não, não há democracia racial.

BIOGRAFIA DE NICÉAS DRUMONT

O cantor e compositor, Nicéas Alves Martins, conhecido pelo nome artístico de Nicéas Drumont, nasceu em um povoado chamado de Itaipu, em Rosário, Maranhão, no ano de 1951. Como muitos de sua geração, ele aventurou-se no eixo Rio-São Paulo, em busca de realizar o sonho de viver da música e de se tornar conhecido por sua arte. Apesar das muitas dificuldades enfrentadas, especialmente, por ser do Norte, como se dizia à

⁷¹ <https://youtu.be/1mfSxIuBGDQ>

época, ser negro e contar apenas com seu talento para viver, ele venceu. Além dos três trabalhos gravados por Nicéas, no ano de 1979, *Peregrinação*, *Eu, Você e a Cidade*, de 1982 e *Nicéas Drumont*, de 1984, dos quais resultaram seus grandes hits *Senzalas* e *Gavião Vadio*. Ele teve suas músicas gravadas por vários artistas, dentre os quais figuram, “Sérgio Reis, Fafá de Belém, Sula Miranda, as Irmãs Galvão, Nando Cordel, Ângelo Máximo, Rosa Reis e muitos outros.”⁷²

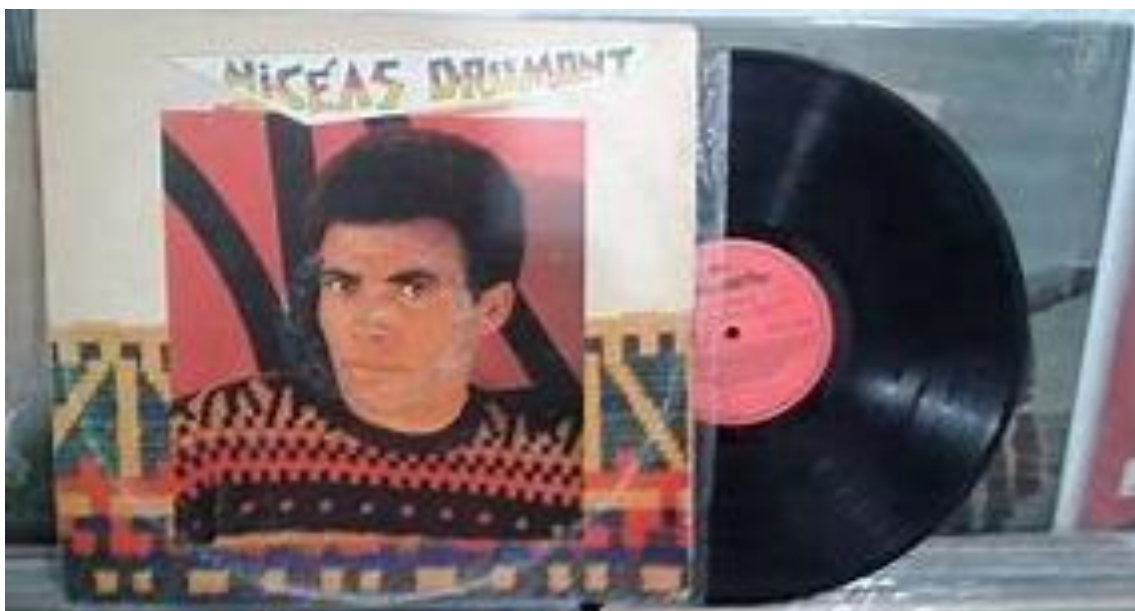
Dotado de grande talento, Nicéas Drumont, não se vinculou a um gênero musical específico, ao contrário, ele transitou livremente “do samba ao sertanejo, passando pela jovem guarda e pelo forró, com letras capazes de despertar sentimentos múltiplos que podem ir da picardia (Caldinho de Mocotó) ou até mesmo a uma reflexão política, como é o caso de “*Peregrinação*”⁷³. Este eclético e talentoso artista fez bastante sucesso, especialmente, na década de 1980, período no qual suas composições interpretadas por ele próprio ou por outros cantores tocavam nas rádios brasileiras. Infelizmente, ele nos deixou precocemente no dia 27 de agosto de 1990, com apenas 39 anos de idade, vítima de assassinato. Por ter vivido e produzido no período anterior à internet que, como sabemos, tem projetado diversos artistas, principalmente, os independentes, a obra de Nicéas tem sido relegada ao esquecimento. A inclusão de *Senzalas* é também no sentido de homenageá-lo, além, é claro, da excelente letra e melodia da canção.

Felizmente, no ano de 2008, o professor Inaldo Lisboa, lançou um livro em homenagem ao cantor e compositor, Nicéas Drumont, intitulado *Nicéas Drumont: o gavião vadio*. Uma excelente oportunidade para quem deseja saber um pouco mais sobre o grande Nicéas, além da história da música popular brasileira. Contudo, por mais paradoxal que possa parecer, especialmente, por já ter mencionado o fato que a produção de Nicéas Drumont é anterior à massificação promovida pela internet, este meio moderno de difusão tem sido um veículo no qual é possível ter contato com as músicas deste artista, especialmente, o Youtube. E caso você tenha ficado curioso e queira conhecer um pouco mais sobre deste grande artista e sua obra, eu deixo alguns nomes de canções compostas por ele e/ou em parceria com outros artistas, são elas: *Gavião Vadio*, *Senzalas*, *No calor dos teus abraços*, *Basta Você Voltar*, *As Avenidas*, *Novilha*, *Primeira Namorada*, *Caldinho de Mocotó*, *Rambo do sertão* e *Ping-pong do amor*, entre outras.

⁷² São Luís, 16 de novembro de 2015. Segunda-feira O Estado do Maranhão.

⁷³ São Luís, 16 de novembro de 2015. Segunda-feira O Estado do Maranhão.

Figura 3 - Capa do LP de Nicéas Drumont



Fonte: youtube.com.br

RELEASE DA BANDA ANTÍDOTOS SOCIOLÓGICOS

A banda *Antídotos Sociológicos* foi criada no ano de 2018. Apesar da espinha dorsal da banda, os músicos Sérgio Muniz (voz e violão) e Leandro Costa (guitarra) se conhecem desde 2009 quando ainda cursavam ciências sociais na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Alguns anos depois da graduação, os dois retornam à UEMA, na condição de professores, ocasião em que “conheceram o baterista Richardson (Rick) e o baixista Thiago, ambos estudantes de graduação de ciências sociais da UEMA.”⁷⁴. Estava formada então a “banda dos doutores”, como eu os chamo, visto que, os integrantes são doutorandos em ciências sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). No transcorrer do tempo, a banda tem sofrido reformulação, passando a ser composta hoje por Sérgio Muniz (voz e violão), Leandro Costa (guitarra), Tonny Araújo (bateria/percussão), de forma fixa, e Adriano Santos (contrabaixo) como contratado.

Por conta da particularidade de ser uma banda que reúne músicos com formação superior, a *Antídotos Sociológicos* é descrita como sendo:

(...) um ponto de travessia entre os saberes populares e acadêmicos para a produção de uma retórica musical que sirva de denúncia contra os problemas sociais que atingem as minorias em contexto nacional. Por isso, a banda não

⁷⁴<https://www.sobreatame.com/critica-social-marca-estreia-da-antidotos-sociologicos-ouca-o-single-ver-o-peso/>. Acesso em 25/09/2022 às 02:10.

apenas trabalha com variados estilos sonoros como não abre mão das experiências de militância entre os movimentos quilombola, indígena e também no contexto urbano.⁷⁵

A banda *Antídotos Sociológicos* gravou seu primeiro cd no ano de 2019, composto por nove canções, todas de autoria da banda. O nome deste trabalho é *Fenda dos Desesperados*, a obra “leva esse nome por se tratar de uma expressão que, do ponto de vista de seus integrantes, representa a abertura no tecido social, por onde aqueles que foram historicamente colocados às margens se rebelarão.”⁷⁶. Um trabalho muito interessante da primeira à última canção, sem exceção, dono de uma sonoridade única, eclético e cativante e, é claro, repleto de músicas com letras profundamente questionadoras. Canções que são, de fato, antídotos sociológicos, especialmente, contra o preconceito, o racismo e a exclusão social ainda reinantes nas sociedades brasileira e maranhense atualmente. É deste cd que foi selecionada a emblemática canção *Negra Consciência* que ora abordamos neste estudo.

Figura 4 - Banda Antídotos Sociológicos



Foto: Reprodução/Facebook

⁷⁵ <https://musicamaranhense.blogspot.com/search/label/Ant%C3%ADdotos%20Sociol%C3%B3gicos>. Acesso em 19/09/2022 às 02:55.

⁷⁶ <https://musicamaranhense.blogspot.com/search/label/Ant%C3%ADdotos%20Sociol%C3%B3gicos>. Acesso em 25/09/2022 às 03:18.

ANÁLISE DAS MÚSICAS

SENZALAS

Sob ponto de vista musical, a canção *Senzalas* é um *reggae*, um gênero musical vindo de fora, assim como os negros que foram trazidos para as Américas apenas para trabalhar como escravos, contudo, sabemos que além do trabalho, eles contribuíram com a formação de uma cultura riquíssima e bela. Pois bem, com o *reggae* não foi diferente, embora não seja um ritmo autóctone do Maranhão e sim da Jamaica, ele adequou-se muito bem ao Maranhão, em especial, a São Luís, a ponto de esta cidade ser chamada de a “Jamaica Brasileira” ou a “capital brasileira do reggae”. A adequação foi tamanha que ela foi geradora de peculiaridades, dentre as quais, figuram o fato de se ter desenvolvido uma forma única e exclusiva de se dançar o *reggae* que é o agarrado ou a dois e também de ter gerado as famosas radiolas de *reggae*,⁷⁷ entidades tão poderosas a ponto de o dono de uma das mais aclamadas ter conseguido eleger-se deputado federal⁷⁸, basicamente, a partir do voto da *massa regueira*.⁷⁹

De volta à análise da canção *Senzalas*, ela é, como já disse, um *reggae*. Este fato já é bastante relevante, pois, em si tratando de São Luís já estabelece uma poderosa conexão com as pessoas comuns que habitam a periferia da cidade. Além disso, a levada alegre e envolvente já é um convite para “quebrar a pedra”⁸⁰. Quanto aos instrumentos que fizeram o seu acompanhamento foram os que usualmente são empregados neste gênero, a saber: guitarra, baixo, teclado e bateria. Nessa versão escolhida para a atividade que foi a de Rosa Reis, a tonalidade é mi maior e a harmonia é basicamente: I, IV e V graus desde a introdução até às estrofes, sofrendo uma alteração a partir da frase “olha o preto e o branco” na qual usa-se os graus I e V, duas vezes e depois a sequência VI, V, II e V para voltar para o I grau e refazer toda esta última sequência.

A marcante interpretação de Rosa Reis foi decisiva para ela fosse a versão escolhida, afinal, desde os meus tempos de liceísta⁸¹ lá pelos idos dos anos 90, nas extintas apresentações musicais de sexta-feira à noite em frente à Biblioteca Benedito Leite e Maria Aragão, eu já cantarolava esta canção com a Rosa. Contudo, além desta

⁷⁷ São equipamentos de som grandiosos, em geral, com muitas caixas de som que formam os chamados “paredões” (colunas de caixas) para que possam propagar as “pedras de resposta” (o *reggae*) o mais longe possível.

⁷⁸ Pinto da Itamaraty.

⁷⁹ É como a comunidade envolvida com o *reggae* é denominada e também como ela própria se declara.

⁸⁰ Ato de dançar o *reggae*.

⁸¹ Os alunos e ex-alunos do colégio Liceu Maranhense auto denominam-se de liceístas.

escolha mais pautada pela afetividade citada no parágrafo anterior para a inclusão da cantora Rosa Reis, acima de tudo, essa cantora constitui-se em uma emblemática figura por congregar aspectos relevantes para este trabalho, a saber, o incontestado talento, somado ao fato de mulher negra e coordenar o fundamental espaço fomentador da cultura e da arte em São Luís, o Laboratório de Expressões Artísticas, (LABORARTE). O jornalista Ribamar Corrêa em matéria sobre aquele que ele acredita ser um dos discos mais importantes da chamada música popular maranhense, o *Pajelança*, lançado em 1997, o qual contém a faixa *Senzalas*, ele faz a seguinte afirmativa sobre Rosa Reis e sua obra:

(...) o seu diferencial é o canto centrado, incisivo, suave ou agressivo quando o gênero, o ritmo e o poema exigem. Com esse arsenal de recursos, consegue dar a uma música personalidade própria, com a sua marca sonora, que é inconfundível, pois quem a ouve dificilmente esquece o que ouviu e facilmente a reconhece em outra audição⁸².

A seguir, a análise do jornalista é sobre o cd *Pajelança*, em especial, a faixa *Senzalas*, que segundo ele constitui-se em:

(...) o belo e contagiante reggae de Nicéas Drumont e Cecílio Nena, pode ser encarado como o ponto alto do disco. Primeiro porque é uma pedra musical preciosa e bem lapidada, com discurso forte e variações sonoras contagiantes. Rosa Reis usa todos os seus recursos de voz para dar a dimensão exata a essa “pedra de resposta”, que reúne com perfeição um discurso forte e uma boa estrutura melódica. Chega ao ponto máximo quando diz, em primeira e segunda voz, que “o preto e o branco aflito e o bagaço de cana no litro faz a farra...” e logo em seguida dispara, com forte carga dramática, que “tem chicote na feira, chibata, e nem bom capoeira escapará traz amarras...” Uma interpretação magistral.⁸³

Enquanto documento histórico, não custa lembrar, a música *Senzalas* foi composta por um artista e não por um historiador e foi lançada quase cem anos depois do fim da escravidão, no disco *Eu, Você e a Cidade*, de 1982, de Nicéas Drumont e que foi relançada 109 anos depois da abolição, por Rosa Reis, no disco *Pajelança*, no ano de 1997. E apesar de a canção não ter sido produzida segundo os cânones historiográficos, como advogam os mais ortodoxos, ela constitui-se em um documento por demais revelador, uma vez que, a sua letra aponta para permanências do sistema escravista que durou quase quatrocentos

⁸² <http://reportertempo.com.br/especial-com-sua-voz-forte-e-apurada-rosa-reis-fez-de-pajelanca-um-marco-da-musica-e-da-cultura-popular-do-maranhao/#:~:text=Uma%20bela%20exibi%C3%A7%C3%A3o%20de%20potencial,forte%20e%20varia%C3%A7%C3%B5es%20sonoras%20contagiantes>. Acesso em 19/09/2022, às 00:55

⁸³ <http://reportertempo.com.br/especial-com-sua-voz-forte-e-apurada-rosa-reis-fez-de-pajelanca-um-marco-da-musica-e-da-cultura-popular-do-maranhao/#:~:text=Uma%20bela%20exibi%C3%A7%C3%A3o%20de%20potencial,forte%20e%20varia%C3%A7%C3%B5es%20sonoras%20contagiantes>. Acesso em 19/09/2022, às 00:55.

anos e que ainda insiste em nos assombrar, é possível perceber isso a partir de frases como: “*Nas senzalas, o mesmo grito*” ou “*Nas cabanas, a mesma solidão*” ou ainda “*Nas cidades, os pelourinhos*” ou então “*Na verdade, a mesma escravidão*”.

Outra passagem bem marcante da música é o trecho “*Tem chicote na feira, chibata/ Nem um bom capoeira, escapará/Das amarras hei, yei yei*”. O que se sobressai neste trecho em destaque é um forte clima de tensão, pois, fala em chicote e chibata e diz que nem mesmo o bom capoeira escapará das amarras. De quem será que Nicéas Drumont por intermédio de Rosa Reis está falando? Será que é do escravo fugitivo que apesar de exímio capoeirista algumas vezes não conseguia se desvencilhar das amarras do capitão do mato? Ou quem sabe o chicote e a chibata faça menção às duras condições de vida enfrentadas atualmente pela população negra maranhense remanescente deste período que, apesar de lutar muito, não tem conseguido escapar das amarras impostas por esta sociedade ainda excludente e preconceituosa?

Contudo, por mais que a situação do negro seja bastante complicada e, de fato é, ele não está sozinho, o branco pobre também sofre, visto que, a canção menciona que “o preto e o branco estão aflitos” e, ao que tudo parece, ambos encontram a solução para os seus problemas consumindo bebida alcoólica, vide os versos que corroboram esta afirmativa: “E o bagaço de cana, no litro/ Faz a farra.” Apesar de tudo que foi dito sobre a música *senzalas*, em minha visão a genialidade da canção repousa no fato de seu compositor conseguir estabelecer uma analogia extremamente interessante e inteligente, entre a cidade e a senzala, ou seja, de a cidade ter se tornado a nova senzala, visto que, especialmente, para com a população negra, ela é aquela que oprime, chicoteia, exclui, escraviza e que induz ao vício da bebida alcoólica como forma de resistir ou de fugir da dura realidade, assim como ocorria no tempo da escravidão como estratégia de resistência.

E, assim, a cidade ou pelo menos a parte dela dedicada aos afrodescendentes, a saber, os bairros periféricos, os morros ou as invasões, no caso do Maranhão, de fato, apresenta-se quase sempre como sendo o algoz destas populações, visto que, os vários estudos e números da violência confirmam que a bala nunca é perdida, ela sempre acerta o alvo e suas vítimas têm sempre “a cor que da segregação”. Ilustra bem essa situação o caso do cantor e compositor maranhense negro, Jeremias Pereira da Silva, o Gerô, que foi confundido com um assaltante e por conta disso, foi espancado e torturado até a morte por policiais, em março de 2007. Talvez, por isso, uma forma de sobreviver seja fazendo “uma prece” para Deus, pois, afinal “Quem mais erra, mais se enche de razão”, segundo

Nicéas. Mas, apesar de todas as agruras, ela, a cidade, é também o local, no qual nos finais de semanas, se extravasa como os amigos, é claro, acompanhados por mulheres, como nos afirma Nicéas Drumont, no trecho: “No domingo, maracaneia/ E os amigos, sugam-lhe as veias/ E as mulheres arrajam confusão”.

NEGRA CONSCIÊNCIA

A primeira a coisa a dizer sobre a canção *Negra Consciência* é que ela é um *blues*, um ritmo surgido em fins do século XIX, no sul dos Estados Unidos que compreende área do Alabama, Mississippi, Louisiana e Geórgia. Apesar de sabermos que a colonização da América do Norte ter sido predominantemente de povoamento, nessa região citada, assim como o Brasil, foi receptora de escravizados africanos. Sendo assim, já podemos dizer que este ritmo fora forjado por negros estadunidenses descendentes de escravizados e que, provavelmente, ele tem sua gênese nas canções de trabalho entoadas por negros durante as longas e exaustivas jornadas de plantação e colheita do algodão ou do fumo. Partindo deste ponto, a canção já se torna muito interessante por conta da proposta de abordagem deste trabalho, a saber, dos marginalizados da história. Contudo, não para por aí, a canção é interpretada duas mulheres que não fazem parte da banda, são elas: Mila Simões, na voz, e, Débora Mello, no restante da canção que é declamada.

A canção é acompanhada pelos seguintes instrumentos: bateria, guitarra, baixo e teclados. Nessa versão que escolhi não aparece a gaita, um instrumento bem marcante do blues, visto que, introduz e acentua a tristeza e o sofrimento, sentimentos bem característicos deste gênero musical. Em vez do piano usado no blues mais raiz, aqui usa-se o teclado e nisso não há surpresa, visto que, é ele quem vem sendo empregado no blues mais moderno. Apesar de não usar o *slide* na guitarra, a técnica que talvez seja a mais característica do músico do blues que consiste na utilização de um pequeno tubo oco cilíndrico que pode ser feito de metal, vidro ou de cerâmica, nos dedos médio, anular ou no mínimo. Tal técnica visa alterar o som trazendo para a música aquele sentimento de dor pungente característico do blues. Não obstante, o guitarrista Leandro Costa compensa a ausência dessa técnica com um belo e marcante solo de guitarra que fica na memória de quem ouve desde a primeira vez e jamais some, pelo menos, comigo foi assim.

Analisando a letra da canção, ela começa com questionamento: qual é a cor da humanidade? A seguir descreve a abolição enquanto um mero pedaço de papel que pode ser amassado, rasgado ou até mesmo queimado, uma vez que, a chamada liberdade dos negros que emanou do documento assinado por Isabel não veio acompanhado de uma

política de reparação, visto que, faltou entre outras coisas, o acesso à terra e, esta, como bem sabemos permaneceu nas mãos dos homens ricos. Sendo assim, na prática, tal lei nada mais é do que aquilo que se chamou de “lei para inglês ver”, ou seja, a lei surgiu mais como uma resposta à Inglaterra que pressionava pelo fim da escravidão do que de um sentimento de empatia para com os negros. E antes que alguém possa querer enaltecer a participação da coroa inglesa nesse processo todo, é bom que se diga que ela estava preocupada unicamente com a conquista de novos mercados consumidores pautada pela lógica do liberalismo econômico cuja máxima é “deixai fazer, deixai passar”, como a canção nos diz.

Seguindo na análise, os autores estabelecem uma analogia entre a condição de vida do negro no período da escravidão e a vida nas cidades atualmente quando dizem “Vidas entre latifúndios, vidas “favelizadas” e guardadas as devidas proporções não há como negar que essas duas realidades claramente dialogam, visto que, a vida do negro nas fazendas(latifúndios) era marcada pelo medo constante, desrespeito, exploração e preconceito racial, tal qual, ainda acontece com os negros atualmente, infelizmente, uma dura realidade que continua a nos assombrar. Um pouco adiante, os compositores cravam a sentença dessa condição de vida do negro fazendo um trocadilho com o já citado lema do liberalismo ao afirmarem “deixai servir ou deixai morrer” que tanto pode ser associada à lei dos sexagenários⁸⁴, sancionada em 1885 que previa que o negro que atingisse sessenta e cinco anos seria posto em liberdade ao atingir essa idade, como também à condição atual do negro ainda vítima da exclusão que parece lhe dizer sempre que se ele não serve, se não se encaixa, então, deixa morrer.

Nesse momento, a canção passa a ser declamada por Débora Mello, uma verdadeira aula de história na qual é feito um grande passeio pela história da escravidão no Brasil. Ela começa dizendo que foram quase quatrocentos anos de escravidão e que o fim deste nefasto sistema não significou a inclusão do negro na sociedade, visto que, não houve qualquer reparação e que, por conta disso, os negros resistem nas comunidades e quilombos sempre “cercados de cercas latifundiárias”. Cita também a lei de terras (1850) que foi uma forma de impedir o acesso do negro à terra, pois, vinculava a posse desta à compra e mesmo depois da abolição como os negros iriam comprar terra sem ter dinheiro?

⁸⁴ Tal lei, a princípio, foi vista como algo danoso aos senhores, mas, com o tempo estes perceberam que se um escravo atingisse essa idade, o que era bem difícil por conta das péssimas condições, ele estaria velho e doente e, em vez de gerar lucros, necessitaria de cuidados e assim era melhor que fosse morrer longe de sua fazenda.

Na sequência, a música diz que mesmo com a chegada da República, os negros não eram o público, eram apenas plateia e, por isso, não foram assistidos pelo Estado. E quando chegou a Era Vargas para piorar ainda veio a política da eugenia, afinal, era preciso branquear a população. Já durante a ditadura militar, a canção diz que o negro que ousasse denunciar a discriminação era chamado de comunista.⁸⁵

E, por fim, a canção chega ao período da redemocratização, aí segundo os autores “já eram cem anos sem reparação” e no que se refere ao racismo o “silêncio estatal (foi) total”, ninguém disse nada, afinal, a regra sobre o racismo é silenciar, pois, vivemos em um país no qual não há racismo ou preconceito de qualquer ordem, então, silêncio! E, por favor, não atrapalhe. Neste instante, os autores fazem uma dura crítica ao compartilhamento do vídeo do Morgan Freeman como forma de combater o racismo e propõem a estratégia de lutar: “Resistiremos, continentes negros”. Neste instante, encerra-se então a parte declamada e a canção termina com um forte, impactante e dramático refrão afirmando que: “Consciência negra, consciência desigual / Consciência que não, não há democracia racial.”

Este refrão, em meu entendimento, é um verdadeiro chute no estômago de nossa sociedade ou um choque de realidade nesse país que se orgulha de ser “Abençoado por Deus e bonito por natureza⁸⁶”, afinal, temos belezas infinitas e estamos livres de terremotos e tsunamis, como alguns dizem, pois, estamos no meio da placa tectônica e temos rios perenes e caudalosos, entre tantas outras riquezas. E que por aqui reina o respeito, pois, “lá em casa todos meus amigos, meus camaradinhas me respeitam⁸⁷” e para as bandas de cá do Maranhão, nós costumamos cantarolar com muita frequência: “A natureza me falando que o amor nasceu aqui”.⁸⁸ E sendo assim, alguns costumam propagar que nós vivemos uma verdadeira democracia racial, que o preconceito não existe por aqui. Por isso, Negra Consciência, é uma daquelas raras canções do tempo presente que precisa ser ouvida, vivida e, acima de tudo, discutida abundantemente, visto que, o Brasil/Maranhão retratado por ela é uma tela que continua a ser pintada usando-se cores e práticas que já deveriam ter sido abolidas há pelo menos 134 anos ou que, na verdade, nem deveriam ter existido.

⁸⁵ O tratamento destinado aos “comunistas” durante a ditadura militar não era nada agradável e imagine se esse inimigo além da pecha de “comunista” trouxesse na pele a tonalidade da exclusão social?

⁸⁶ País Tropical, Jorge Bem Jor. Álbum: Jorge Bem, 1969.

⁸⁷ País Tropical, Jorge Bem Jor. Álbum: Jorge Bem, 1969.

⁸⁸ Ilha Magnética, César Nascimento. Álbum: Ilha Magnética, 1989.

ATIVIDADE 2 – TEM CHICOTE NA FEIRA: O DESAFIO SER NEGRO NO MARANHÃO 134 ANOS DEPOIS DO “FIM” DA ESCRAVIDÃO

1- Como você se identifica?

- a) Branco
- b) Negro
- c) Índio
- d) Pardo
- e) Outros _____

2- O que é o racismo e como ele pode se manifestar?

3- Você já ouviu algumas destas expressões: *amanhã é dia de branco, a coisa tá preta, inveja branca, preto de alma branca, “nigriagem”, não sou tuas “negas”*? Caso tenha respondido sim ao questionamento, como você as entende?

4- Você já ouviu ou conhece alguma “piada” que pode ser considerada racista? Em qual ambiente você a ouviu pela primeira vez?

5- Alguém que você conhece já foi vítima de racismo alguma vez? Caso a sua resposta seja sim, você pode relatar rapidamente como aconteceu?

6- Qual é a formação acadêmica de seus pais? Qual é a ocupação deles?

7- Como é a infraestrutura do bairro no qual você mora? (esgoto, asfalto, abastecimento de água, transporte público, etc)

8- Alguém que você conhece já enveredou pelo mundo do crime? Caso a sua resposta seja sim, você pode relatar como a pessoa se envolveu?

9- Você conhece algum caso de violência ligado à população negra? Caso a sua resposta seja sim, descreva-o, por favor.

10- Você conhece pessoas negras com formação superior? Sabe dizer se elas exercem a profissão na qual se formaram?

11- Qual é a pessoa negra mais importante que você conhece? Qual é a profissão dela?

12- O que você pensa sobre a população negra?

13- Em quais trechos das duas canções apresentadas é possível dizer que estamos falando da questão da escravidão e/ou de suas consequências? Por que?

14- Qual é a sua opinião quanto a uso da canção em sala de aula como metodologia para ensinar história?

15- Você acha que o fato de saber sobre o contexto histórico do qual as músicas tratavam, da biografia do compositor ou release da banda de cada uma das músicas facilitou o seu entendimento sobre as canções e sobre o conteúdo estudado? Por quê?

4.3.3 ATIVIDADE 3- NOS AZULEJOS DA CIDADE REPOUSAM A MISÉRIA E A CRUELDADADE

Esta atividade foi desenvolvida a partir das canções *Nos azulejos da cidade*, da banda Filtro de Barro e *Maria de Jesus*, de Beto Ehong. A canção *Nos azulejos da Cidade* foi escolhida por estabelecer um contraste entre a miséria e a crueldade reinante em São Luís e os seculares casarões vinculados a uma elite escravocrata, presunçosa por habitar na “Atenas brasileira”, na qual, além de outras benesses, se fala o melhor português do país. A canção faz ainda alusão ao título de patrimônio da humanidade de São Luís afirmando que “O pôr do sol em cada mirante faz cada um se sentir mais importante” ao mesmo tempo em que critica esse sentimento de empáfia por ele estar calcado nos frágeis “sobrados fantasmas” que ameaçam desabar e que em seus telhados cresce mato e termina fazendo uma crítica à nossa postura soberba em um inteligente trocadilho com a lenda da serpente encantada afirmando que “Em cada beco uma serpente kamikaze/Aqui na ilha naufragamos em vontade/E só nos restam os azulejos da cidade/ E só nos restam os azulejos da cidade”.

Já a canção *Maria de Jesus*, do Beto Ehong, por sua vez, foi escolhida por se constituir em uma grave denúncia de uma miséria que é tanto material quanto humana, pois, a canção relata a situação de várias mães (Marias de Jesus) que estão todos os dias nas feiras da cidade catando lixo e enchendo as suas sacolas de frutas podres para poder alimentar seus filhos. Além disso, a canção também denuncia a falta de moradia “Maria de Jesus não tem onde more” e também a situação dos meninos de rua que coletam dinheiro nos sinais de trânsito da cidade para se drogar “Os moleques na calçada/Os sinais de olhos vermelhos” denuncia ainda a violência contra esses “moleques” quando afirma que “a mão que acende a brasa/É a mesma que apaga”, ou seja, a sociedade que acende a brasa do *crack* dando o dinheiro nos sinais para aquisição da droga é a mesma que os “apaga”, ou seja, mata os tais “moleques”. E, por fim, tenho a sensação que Beto Ehong dialoga com o poeta Manuel Bandeira e o seu poema *O Bicho*⁸⁹, visto que, ele começa

⁸⁹ <https://blogdospoetas.com.br/poemas/o-bicho/>

assim “Maria de Jesus tá virando bicho/No meio da feira tá catando lixo” e Bandeira ao longo de seu poema denuncia, estupefato, a miséria humana que se alimenta do lixo que coleta.

4.3.4 ATIVIDADE 4- OS FILHOS DA PRECISÃO: O PREÇO DA DESIGUALDADE AUMENTA TODO SANTO DIA NO MARANHÃO

Esta atividade foi desenvolvida a partir de duas canções: a *Filhos da Precisão*, de Erasmo Dibell e *O Peso da Desigualdade*, da Banda Guetos. A escolha de Filhos da Precisão, do cantor e compositor Erasmo Dibell, deu-se, além dos motivos afetivos com a canção, pelo fato de ela abordar, de forma direta, parte dos chamados marginalizados da história, neste caso, os meninos de rua. A canção começa logo com um “Pelas marginais, passarão meninos /Guardando o país por quem batem os sinos”, creio que “marginais” não se reporte apenas a vias pelas quais circulam veículos, mas, também à própria condição do público decantado pelo compositor na canção, os meninos de rua. Erasmo Dibell, em uma entrevista concedida a mim⁹⁰, ele fala em tom melancólico que apesar da canção ser de 1988, “infelizmente continua atual” e que isso é “uma lástima”, pois, as “Nossas crianças são o futuro da nação” e qual futuro terão se ao invés de estarem nas escolas aprendendo, elas estão “guardando” carros e limpando vidros em sinais de nossas cidades? E, sendo assim, tudo que nos resta é pedir a Deus “por outro destino” para elas.

Por sua vez, *O Peso da Desigualdade*, da Banda Guetos, me foi apresentada já na etapa final da dissertação como já mencionei. Não obstante, ao ouvi-la não tive dúvidas de que precisava incluí-la pelo fato de tratar-se de uma grave denúncia social, do começo ao fim, senão vejamos: o compositor Edy Cândido começa afirmando que “Nos quatro cantos do mundo/Essa política sem regras é sempre tão vazia/Nunca prima em prol do bem comum” e que, por conta disso, cabe à sociedade lutar contra toda a “desigualdade”, a “hipocrisia”, o “babilonismo” e “sua vã filosofia”. Denuncia também que apesar do transcorrer do tempo, existe uma crise que é provocada e alimentada pela incoerência humana que “nunca tem fim”. Sendo assim, nos resta “contra-atacar esse sistema” que impera nessa “selva de pedra” onde ninguém é de ninguém. Cândido não nega a existência das pedras no caminho, mas, diz que apesar delas tem “uma vida prá viver” e que ainda

⁹⁰ Entrevista gentilmente concedida em 17 de setembro de 2022.

“temos muito que aprender”. Afinal, na vida “Existem rosas e espinhos”, um desses espinhos é que “O peso da desigualdade aumenta todo santo dia”, mas longe de aceitar essa triste realidade, ele termina afirmando que jamais “ninguém pode viver às margens da cidadania”.

4.4 “E tudo então se faz canção às cordas de um violão⁹¹”: as oficinas no colégio batista ludovicense

Antes do relato das oficinas propriamente dito, julgo ser necessário tecer um breve comentário acerca da dinâmica das mesmas. Ora, em função da distribuição dos conteúdos e do formato contínuo de avaliação do sistema PH, os já mencionados Ph's que acontecem invariavelmente toda semana ao longo do ano letivo, só foi possível promover a intervenção na forma de oficinas no Colégio Batista Ludovicense já quase no final do ano, somente a partir dos dias 09, 10 e 11 de novembro de 2021. Por conta da impossibilidade de replicar a atividade na instituição pública, já mencionado anteriormente, foi necessário aplicar a atividade número dois com a turma do 8º ano de 2022, também do CBL, entre agosto e setembro de 2022. Se menciono este fato é porque entendo que essa restrição em relação à aplicação do produto, sem sombra de dúvidas, afetou o desenvolvimento desta pesquisa. E dito isso passemos às oficinas, então.

As oficinas referentes à atividade 1, “*Eita” povo invocado: a participação popular na Balaiada*, foram distribuídas da seguinte forma: no dia 9 de novembro, ocorreu o primeiro encontro⁹², a preocupação inicial foi de sensibilizar os alunos para a temática e o viés da abordagem, para tanto, fiz uma exposição do conteúdo de forma bastante minuciosa através de um *powerpoint*, começando pelo contexto, as causas do movimento e o desfecho da sedição e, associado a este desfecho, enfatizei a composição social da Balaiada, partindo do conceito de a grande *massa* (RUDÉ, 1991)⁹³. Obviamente, chamando a atenção para segmentos mais populares, tais como, vaqueiros, escravos, alforriados, artesãos, homens pobres, geralmente, “esquecidos”⁹⁴, na verdade, os

⁹¹ Imperador Tocantins, Carlinhos Veloz. CD bela Mocidade, de Papete, 1991.

⁹² Primeiro contato para a realização das oficinas, pois, estes já são meus alunos desde 2019, no 6º ano.

⁹³ Segmento popular, o povo, segundo Rudé (1991) este infelizmente, quase nunca deixam registro próprio na forma de memórias, folhetos ou cartas.

⁹⁴ Não estamos afirmando que estes grupos não são citados quando se aborda a Balaiada, contudo, a ênfase, sempre recai sobre o temido e competente Duque de Caxias, o dissipador de revoltas.

menosprezados na maioria das abordagens⁹⁵, ou seja, tirei o foco das figuras sempre enaltecidas, qual seja, os bem-te-vis⁹⁶ e Caxias⁹⁷ e me voltei para a grande massa anônima⁹⁸.

A seguir, dividi a turma em grupos e passei para uma parte que chamo de prática, pois, visava estabelecer uma comparação entre o havíamos acabado de estudar na aula ministrada por mim e como isso aparecia no livro deles. E qual foi a reação dos alunos ao se deparem com o conteúdo da apostila? A reação foi de surpresa geral, pois, simplesmente não havia nada além de uma nota na qual menciona as revoltas regenciais e lá juntamente com Sabinada constava a Balaiada e pronto. Eis a citação completa: “Entretanto, essas medidas não resolveram o clima de insegurança. Novas insatisfações surgiram por meio de revoltas como a Sabinada e a Balaiada, e a unidade do Império ainda não estava preservada.” (PH, 2020, p.12). No parágrafo seguinte, os autores do texto já passam a falar sobre a Lei Interpretativa do Ato Adicional de 1840 e da antecipação da maioria de Dom Pedro II. Então, diante deste cenário de silenciamento/esquecimento do Maranhão e de sua história experimentado por aqueles alunos, eu lhes fiz o seguinte questionamento: Por que é importante estudarmos a História do Maranhão? Uma moça afirmou que: *“um povo que não conhece a sua própria história, desconhece a si próprio, pois, não consegue entender as razões que as trouxeram até aqui”* esta mesma aluna⁹⁹ finalizou a sua participação dizendo que *“A história ajuda a entender os erros do passado para não repeti-los e a ter orgulho dos acontecimentos históricos.”*

Um rapaz disse que a *“história investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais”* sendo assim *“uma pessoa que não estuda a história de*

⁹⁵ Um dos grandes expoentes da historiografia maranhense, Mário Meireles, desprezava a Balaiada acerbada Balaiada, Meireles não aprovava o levante, fazia duras críticas quanto a sua composição, dizia que não havia liderança, era um momento de vingança, expansão desenfreada de anseios e que não se admiraria, caso a irracionalidade os dominasse, segundo nos informa Mateus (2018).

⁹⁶ Os bem-te-vis – vindos, em sua grande maioria, da população das vilas e povoados, abrangiam oficiais e soldados desertores da Guarda Nacional, políticos do Ceará e Piauí, membros do partido liberal, juízes de paz, etc, segundo nos informa Mateus (2018)

⁹⁷ Aclamado militar, Luís Alves de Lima e Silva (virou o Duque de Caxias) assumiu o comando de todas as tropas do Maranhão, Piauí e Ceará, cerca de 8 mil homens, o dia 7 de fevereiro de 1840. <https://www.todamateria.com.br/balaiada/>. Acesso em 28/05/2022, às 23:45 horas.

⁹⁸ Aqueles que sempre estão lutando por melhores condições de vida em grandes ou pequenas revoluções ou simplesmente fazem seu trabalho, mas são sistematicamente negados nos moldes de PERGUNTAS DE UM OPERÁRIO LETRADO, de BERTOLT BRECHT, vide em <https://www.revistasolo.com.br/2021/05/perguntas-de-um-operario-letrado.html>

⁹⁹ Esta aluna é paraibana, mas, reside no Maranhão há três anos. Nesta mesma aula, ela afirmou que nós maranhenses não valorizamos a nossa história e citou como exemplo a situação de abandono da maioria de nossos casarões do centro histórico. Ela relatou ainda que a pequena cidade dela, Sousa-PB, “orgulha dos rastros deixados pelos dinossauros” e que este passado “é superexplorado pelo turismo.”

seu Estado não consegue entender a si próprio”. Um outro afirmou que somente se estudarmos a história de nosso Estado nós *“conseguiremos entender o que houve antes daquilo que é hoje e qual foi o processo de formação pelo qual passamos”*. Uma moça afirmou que *“É importante saber nossas raízes do passado, sobre nossos erros, acertos, lutas, etc”*. Uma outra argumentou que *“estudar história do Maranhão é muito importante, pois algumas pessoas podem pensar que a história do Brasil se resume ao Sudeste, mas também temos nossas raízes. E estudando a história do Maranhão, sabemos (da) nossa.”* E, por fim, um rapaz sem muitos floreios afirmou que *“um dos motivos que nós precisamos estudar (história do Maranhão) é de ela cair em vários vestibulares e concursos públicos.”*

Depois desse frenesi do primeiro encontro, foi a vez de apresentar a música para a turma, no dia 10. Comecei a aula com a biografia do compositor escolhido para começar o projeto, Antônio Vieira. Depois exibi o vídeo mostrando a canção BALAIO DAS BALAIADAS, do mestre Vieira, interpretada por George Gomes. A seguir exibi a letra no Datashow e pedi que os alunos refizessem os grupos do dia anterior e levantei questionamentos, o primeiro foi este: o ritmo, os instrumentos e a interpretação do artista se relacionam com o tema? Justifique sua resposta para evitar o famoso sim ou não que eles prontamente respondem a todas as questões propostas. As respostas a este primeiro questionamento foram as seguintes: uma aluna afirmou que a música *“É uma espécie de samba, com instrumentos simples. Acredito que a vida do autor tem relação direta com o tema, Balaiada, por sua origem.”* Um aluno, por sua vez, disse que *“Ritmo, instrumentos e interpretação do artista têm relação com o tema. O ritmo da música é muito tradicional com músicas que são daqui do Maranhão, batida bem forte com tambores, baterias. O artista fala sobre o que aconteceu no Maranhão na Balaiada.”*

O segundo questionamento feito aos alunos foi o seguinte: Onde e como na letra da música aparece a temática Balaiada? Todos os grupos afirmaram que não havia dúvida nenhuma de que a música tratava sobre a Balaiada e citaram os trechos que confirmam esta visão. Um fragmento citado por vários grupos foi o *“lutou com seus princípios sem temer a morte ou nada”*; outros citaram o *“não aturava exploração”*; outros mencionaram o *“assim conta um episódio das terras do Maranhão, a guerra das Balaiadas que ensanguentou o torrão”*; um grupo afirmou que *“a música em si, fala da Balaiada, que houve sangue, morte, luta, etc”*; outro grupo disse ainda que *“no primeiro refrão, ele fala sobre a luta da Balaiada e da falta de medo da morte, também fala um pouco sobre a*

exploração dos escravos e que nessa guerra, eles lutaram com todas as forças.”; e, praticamente, todos os grupos afirmaram que o refrão trata abertamente sobre a Balaiada.

E, finalmente, o terceiro encontro, ocorrido dia 11 de novembro, nele nós experimentamos um momento muito enriquecedor para este trabalho, na verdade, eu diria fundamental, pois, foi possível ouvir os alunos acerca da proposta aplicada a eles, ou seja, qual era a opinião deles a respeito da metodologia empregada nas oficinas. É sobre este último momento que passarei a descrever agora. Todos os grupos, sem exceção, se posicionaram positivamente quanto a utilização da música em sala de aula. Segundo eles *“a música ajuda na atenção e conseqüentemente o aluno irá aprender o conteúdo passado.”*; outro afirmou que *“a música auxilia no entendimento do conteúdo, porque ajuda na retenção do mesmo.”* Um outro grupo disse que *“Achamos as aulas com música legais, até na hora da prova é mais fácil de lembrar de um conteúdo mais difícil.”* Outro grupo disse ainda que *“achamos a relação (música-aula) interessante, poderia aparecer mais vezes.”* E, por fim, um grupo cravou *“Achamos importante porque podemos aprender com a música de nossa região.”*

No final deste último encontro, os alunos me entregaram a tarefa que havia sido passada para casa que consistia na análise da música *“De Teresina a São Luís”*, de João do Vale. O resultado está dentro do esperado, visto que, as análises giram em torno do autor e da letra da canção como a maioria faz, inclusive, pesquisadores. Uma moça, por exemplo, apresentou a letra da canção, produziu um pequeno texto biográfico e um segundo sobre a morte de João do Vale e pronto, não conseguiu fazer a análise da letra da canção, muito menos, contextualizá-la. Uma outra, apesar de não apresentar a letra da canção, produziu um pequeno texto sobre a vida do compositor e fez uma análise da letra da canção bem coerente. Outra aluna, por sua vez, em pouquíssimas linhas disse que a canção falava de uma viagem entre Teresina e São Luís e que tal música valorizava a cultura do nordeste e mencionou quem era o autor e disse quando este havia nascido. Entretanto, dois alunos atribuíram a canção a Luiz Gonzaga, sendo assim, com exceção destes dois últimos, a maioria dos conseguiu realizar a atividade proposta, fazendo uma pequena biografia e analisando a letra da canção.

Figura 5 - Atividade 1- Oficina “Eita povo invocado: a participação popular na Balaiada”



Fonte: autor, 2021.

Assim, encerrei a descrição da primeira atividade, passarei agora à segunda. Esta, apesar de não dispor de muito tempo, foi aplicada de forma mais alargada que a anterior. Ela aconteceu ao longo de quatro etapas e cada uma destas etapas foram fundamentais para o sucesso da mesma, pois, foi possível ir consolidando ideias e conceitos necessários para o momento em que finalmente ocorreu a aplicação da atividade *Tem chicote na feira: o desafio ser negro no maranhão 134 anos depois do “fim” da escravidão*, que compõe o blog O SOM NOSSO DE CADA DIA que é o meu produto. A primeira etapa ocorreu já no dia 1 de agosto de 2022, no retorno do segundo semestre. Na ocasião, eu expliquei para os alunos do 8º ano de 2022 que aplicaria uma atividade referente ao mestrado que eu estava fazendo. Eles, é claro, ficaram eufóricos, pois, essa turma em si já é muito participativa e ainda mais sabendo que iriam fazer parte de algo maior. Por isso, entendo que este primeiro momento foi muito importante, pois, serviu para mobilizá-los em torno do meu projeto.

A etapa dois aconteceu nos dias 8 e 15 de agosto do mesmo ano, ocasião, em que eu estava trabalhando o conteúdo segundo reinado, mais especificamente, economia e sociedade deste período. E visando a realização da oficina de meu produto, eu abordei o processo de construção da identidade da nação brasileira como sendo uma estratégia necessária naquele momento para evitar a fragmentação territorial, um fantasma que esteve muito presente e assombrou a elite durante todo período imperial, mas que esteve mais próximo de ocorrer nas várias revoltas regenciais que eclodiram, literalmente, de

norte a sul do Brasil. Expliquei a eles que foi por meio deste viés identitário que surgiram entre os anos de 1837 e 1838 “instituições que tinham como objetivo formular as bases políticas e ideológicas para a construção de uma ideia de nacionalidade brasileira” (PH, 2020, p.131), a saber, o Colégio Pedro II, o Arquivo Público e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IHGB.

Nesta etapa dois, foi necessário explicar ainda como se deu esse processo de formação da identidade brasileira erigido sobre o conceito da mistura das três raças, o famoso mito das três raças fundadoras que concorrem igualmente para a conformação de nossa nação. E embora se afirme que este foi um processo natural e que a tal mistura de brancos, índios e negros tenha ocorrido de forma harmoniosa, na verdade, tratou-se, de uma estratégia deliberada de escamotear o longo e doloroso processo de fabricação de nossa identidade que sempre valorizou o papel do branco, do colonizador, e menosprezou o papel do indígena e, principalmente, do negro. E antes que alguém possa argumentar que o romantismo brasileiro corrigiu essa injustiça no tocante aos índios, visto que, os escolheu como elemento fundador do Brasil, eu vou logo avisando que, de fato, o índio até era o elemento central da construção de brasilidade dos românticos, contudo, o indígena que emerge dos romances destes homens era uma figura idealizada nos moldes de “o bom selvagem” europeu e que, nem de longe, lembrava o selvagem do qual desejavam fugir.

A etapa três foi marcada pela exibição de dois documentários, O caminho da Reportagem: Ecos da Escravidão¹⁰⁰, que foi exibido dia 29 de agosto de 2022. Este documentário foi produzido pela TV Brasil e exibido por ocasião dos 127 anos da abolição da escravidão. Ele traz uma visão sobre como se deu a escravidão, desde a viagem da África ao Brasil, descreve as agruras vividas pela população escravizada até o momento em que a tão desejada abolição aconteceu. Já o segundo documentário foi exibido nos dias 12 e 19 de setembro de 2022, intitulado de A Última Abolição¹⁰¹, disponível no Youtube. É uma produção da TV Escola em parceria com a Globo Filmes, é um documentário extenso e impactante, visto que, durante todo o documentário são exibidos números sobre a escravidão e seus impactos sobre a população negra, inclusive, sobre as suas permanências. A exibição destes documentários tinha por objetivo um engajamento ainda maior, além, é claro, de fornecer um conteúdo relevante e que fosse uma fonte confiável de informação para os alunos.

¹⁰⁰ <https://youtu.be/xR549adx5Go>

¹⁰¹ <https://youtu.be/kL0rrloIjVo>

E, por fim, a quarta e última etapa que ocorreu dia 26 de setembro de 2022. A demora em concluir esta atividade deveu-se a alguns fatores, dentre os quais, a devolução da entrevista enviada à Antídotos Sociológicos, visto que, os integrantes da banda estavam em processo de qualificação do doutorado e, mormente, a dinâmica do colégio abordado neste estudo que vai ficando cada vez mais frenética à medida em que o fim do período letivo se aproxima do fim. Dito isso, passarei a descrever a etapa final ocorrida em 26 de setembro. Finalmente, o grande dia havia chegado, depois de uma longa espera, obviamente, cercada de muita ansiedade, especialmente, parte deste que vos escreve e dos alunos que já me cobravam. Logo que o horário se iniciou distribuí o questionário e pedi a eles que respondessem assim que eu terminasse a apresentação do powerpoint no qual apresento as canções e as letras delas, a biografia e o release dos artistas e o contexto histórico ao qual as canções remetem. Terminada esta parte, eles responderam ao questionário para que na hora do debate, cada um pudesse ler a sua resposta.

Na hora em que respondiam ao questionário, alguns alunos pediram explicação sobre alguma palavra que não sabiam o significado, outros perguntaram sobre o sentido de alguma pergunta, mas, ao final, todos os presentes daquele dia responderam em um tempo relativamente curto. Então, concluída esta etapa, eu comecei perguntando: Como você se identifica? Dos 23 alunos que participaram da atividade: 7 se declararam brancos; 3 se declararam negros; 8 se declararam pardos; nenhum se declarou indígena; e os 5 que restaram se declararam outros tipos: um se disse “dourado”; outro se disse “marrom bombom”; uma moça se disse mestiça; um rapaz se disse de “vários tipos de raças”; e, por fim, uma moça que disse não ter certeza se era parda ou branca. A orientação que dei quanto à resposta desta questão é que eles respondessem como realmente se veem ou se sentem e não como os outros, geralmente, os denominam.

Não sei determinar ao certo qual o impacto de minha orientação no se refere a essa primeira pergunta, digo isso porque algumas respostas chamaram a minha atenção. Como, por exemplo, o fato de dois alunos socialmente identificáveis como negros não terem se declarado como tais, um deles se disse “marrom bombom” e até cantarolou a música¹⁰² dos anos 90 no qual aparece essa expressão que ele usou para se identificar. Já o outro rapaz identificou-se como sendo pertencente “de todas as raças”. Em contrapartida, duas meninas que poderíamos facilmente classificá-las como sendo socialmente brancas, mas elas não se percebem assim. E em uma atitude de orgulho, uma delas, por exemplo,

¹⁰² Marrom Bombom, compositor desconhecido. Álbum: Os Morenos, 1994.

levantou-se e se declarou negra, alegando que a família materna era negra, logo, como ela poderia ser branca? A outra moça que aos olhos de todos é socialmente branca, se declarou como sendo parda. Por sua vez, dois garotos que poderiam ser socialmente identificados como pardos se declararam brancos. Além, é claro, do inusitado caso do rapaz que se vê como “dourado” pelo fato de ser loiro.

A segunda pergunta feita a eles foi: O que é o racismo e como ele pode se manifestar? A resposta a essa pergunta foi bastante variada, muitos responderam que racismo é ter preconceito contra alguém da cor negra; um deles disse falou que é ter preconceito por pessoas da “raça” negra. Dois alunos disseram que era uma agressão contra o preto. Quatro respostas me chamaram a atenção: a primeira foi que racismo é quando alguém se acha superior por conta da cor da pele; a segunda foi pela objetividade da resposta que definiu racismo como “chamar de macaco”; a terceira e a quarta respostas foram respostas mais complexas, um rapaz disse que racismo “*é um conjunto de atos considerados preconceituosos em relação à etnia de alguém*” e uma moça que afirmou que racismo “*é qualquer forma de discriminação direcionado a pessoas negras, é o olhar torto, é o elitismo cultural, é o tabu relacionado a religiões de matrizes africanas*”. Quanto a forma de manifestação, as respostas foram parecidas, eles disseram que através de “piadas”, agressões verbais e físicas, o olhar torto e o tratamento diferenciado.

A terceira pergunta foi: Você já ouviu algumas destas expressões: “amanhã é dia de branco”, “a coisa tá preta”, “inveja branca”, “preto de alma branca”, “*nigriagem*”, “não sou tuas negas”? Caso tenha respondido SIM ao questionamento, como você as entende? Seis alunos disseram que nunca haviam ouvido tais expressões. Os demais conheciam pelo menos uma dessas expressões e disseram que ouvem com bastante frequência nos ambientes em que frequentam. Eles foram unânimes em responder que essas falas são expressões racistas, pois, apontam o branco sempre como sendo o bom, o modelo a ser seguido e o negro como ruim, como negativo, como aquilo que não se deseja. Com relação a essa pergunta, dois alunos manifestaram que mesmo conhecendo as expressões “*nigriagem*” e eu “não sou tuas negas”, nunca haviam associado ao racismo, pois, sempre ouviram no ambiente doméstico e entendiam como sendo algo “carinhoso”, visto que, as suas respectivas mães usavam para se reportar a eles.

A quarta questão foi: Você já ouviu ou conhece alguma “piada” que pode ser considerada racista? Em qual ambiente você a ouviu pela primeira vez? Apenas 4 alunos responderam que nunca ouviram piadas de cunho racistas, os demais sim e disseram que ouviram em casa, na rua, em conversa de adultos, em redes sociais ou ainda em jogos *on*

line. A quinta questão foi: Alguém que você conhece já foi vítima de racismo alguma vez? Caso a sua resposta seja sim, você pode relatar rapidamente como aconteceu? 11 alunos disseram que não conhecem pessoas que foram vítimas do racismo. As demais disseram sim, inclusive, uma aluna disse que ela própria já tinha sido vítima de racismo. Os relatos foram variados, uma aluna disse que uma colega dela entrou em uma loja e para onde ela ia o segurança a acompanhava, detalhe, o segurança também era negro. Um aluno disse que no futebol, um colega dele foi chamado de macaco porque errou o gol; outra aluna disse que não se sentia à vontade para relatar o caso; uma outra aluna disse que pelo fato de ela ser branca e sua mãe negra, toda vez que a mãe saía com ela quando ainda era bebê, a mãe dela era confundida com a empregada que cuidava da filha do patrão.

As questões que vão de seis a nove foram pensadas como forma de conhecer mais a realidade na qual os alunos estão inseridos, são as seguintes: 6- Qual é a formação acadêmica de seus pais? Qual é a ocupação deles? 7- Como é a infraestrutura do bairro no qual você mora? (esgoto, asfalto, abastecimento de água, transporte público, etc.); 8- Alguém que você conhece já enveredou pelo mundo do crime? Caso a sua resposta seja sim, você pode relatar como a pessoa se envolveu? E, finalmente, a 9- Você conhece algum caso de violência ligado à população negra? Caso a sua resposta seja sim, descreva-o, por favor. No que se refere à sexta questão as respostas foram as seguintes: 11 afirmaram os pais têm formação superior; 8 disseram que os pais têm ensino médio; 3 disseram que os pais estudaram até o fundamental; e 1 disse não saber a formação dos pais. Quanto à ocupação temos: professores, policiais, advogados, contadores, fisioterapeutas, agentes de limpeza, radiologistas e turismólogos.

Quanto à infraestrutura do bairro: 16 dos 23 responderam que dispõem de uma boa infraestrutura; 6 disseram que têm uma infraestrutura ruim; 1 disse que tem uma infraestrutura péssima. Já quando perguntados sobre casos de envolvimento de pessoas conhecidas com o mundo do crime, 13 disseram que não conheciam nenhum caso. 10 disseram conhecer casos de envolvimento e apontaram duas formas de como se deu esse tal envolvimento: “amizades ruins” e uso de drogas. Quando perguntados se conheciam casos de violência ligada à população negra, 19 dos 23 responderam que sim. Os casos relatados foram: agressões físicas e verbais presenciados nas ruas e ambientes domésticos; racismo na internet, especialmente, em jogos on-line; muitos citaram o caso de George Floyd, caso ocorrido nos EUA, no qual um policial branco matou um homem

negro pressionando com o joelho o pescoço do acusado até asfixiá-lo. E 4 alunos disseram nunca ter presenciado nenhum caso de agressão contra pessoas negras.

As questões que vão de dez a doze visam perceber como os alunos se relacionam com pessoas negras e o que pensam a respeito dessas pessoas, as perguntas foram as seguintes: 10- Você conhece pessoas negras com formação superior? Sabe dizer se elas exercem a profissão na qual se formaram? 11- Qual é a pessoa negra mais importante que você conhece? Qual é a profissão dela? E, por fim, a 12- O que você pensa sobre a população negra? 15 alunos responderam que conheciam pessoas negras com formação superior. Entre as formações figuram: advogados, farmacêuticos, contadores, médicos, empresários, professores de história e de matemático, que é o professor que trabalha comigo naquela instituição, mencionado por dois alunos. Contudo, 8 alunos disseram não conhecer nenhuma pessoa negra com formação superior e isso chamou a minha atenção, pois, apenas 2 do universo de 23 alunos mencionaram o professor de matemática deles, enquanto aqueles 8 ignoram totalmente o referido professor.

Analisando estes dados referentes à décima questão podemos chegar a uma estarrecedora e ao mesmo tempo esclarecedora conclusão, a saber, que o professor de matemática não existe, é invisível, ainda que seja dos funcionários mais antigos dessa escola. Eu sei que o trocadilho é péssimo, mas a “matemática cruel” é que 21 alunos desta turma não enxergam o professor de matemática deles, apesar de encontrá-lo 5 horários por semana, em 4 dos 5 dias úteis da semana, há exato três anos. Ele está lá sempre a ensiná-los e, embora, o peçam para explicar novamente algum assunto que não tenham entendido, eles não conseguem vê-lo. Especialmente como alguém importante, já entrando na décima primeira questão em que somente os mesmos dois alunos da questão anterior o citaram como alguém importante. A resposta da maioria para a décima primeira questão foi que, os pais são os negros mais importantes que eles conhecem, seguidos de avós, tios e amigos. Além destes, figuram ainda dois estranhos no ninho, o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama e o cantor e compositor, Gilberto Gil, citado por dois alunos.

E, por fim, a décima segunda questão, o questionamento foi o seguinte: o quê você pensa sobre a população negra? As respostas foram todas no sentido de valorização e respeito a este numeroso segmento da população brasileira, senão vejamos: para um deles, é “*a melhor coisa do mundo*”, para outros, “*pessoas muito importantes*”, ou ainda, “*pessoas extremamente fortes*”, para um outro, “*pessoas que deveriam ser respeitadas e ter direitos iguais aos brancos*”. Para uma moça são “*pessoas que deveriam ter um maior*

protagonismo”, para uma outra são “*peçoas que deveriam ter maior representatividade*”, ou ainda, “*peçoas fortes e trabalhadoras*”. Não obstante, para a maioria deles, este é um “*povo que já sofreu muito no passado e ainda continua a sofrer no tempo presente e que deveria ser respeitado por todos*” até porque eles “*são peçoas normais*” e “*iguais às brancas*” e ao longo do tempo foram “*injustiçadas*” e sempre viveram sem qualquer “*apoio*”.

E para encerrar a oficina, eu fiz três questionamentos referentes a música e a história, bem como, de sua utilização em sala de aula como metodologia para o ensino de história. Os questionamentos foram os seguintes: 13- Em que trechos das músicas é possível dizer que os compositores estão falando da questão da escravidão ou de suas consequências? Por quê? 14- Qual é a sua opinião quanto a uso da música em sala de aula como metodologia para ensinar história? E a 15- O fato de saber sobre o contexto histórico do qual a música trata, a biografia do compositor ou release da banda de cada uma das músicas, além de assistir ao vídeo clip das canções, ajudou em seu entendimento sobre o conteúdo? Por quê? No que se refere à 13 questão, apesar de orientados, a maioria dos alunos responderam apenas sobre uma das canções, sendo 18 para *Senzalas* e 4 para *Negra Consciência* e apenas 1 aluno relacionou as duas canções em sua resposta. As respostas ficaram assim: a maioria citou o trecho “*Nas senzalas, o mesmo grito*” e também o “*Tem chicote na feira, chibata*”, este último, eu suspeito que seja por conta do título da atividade.

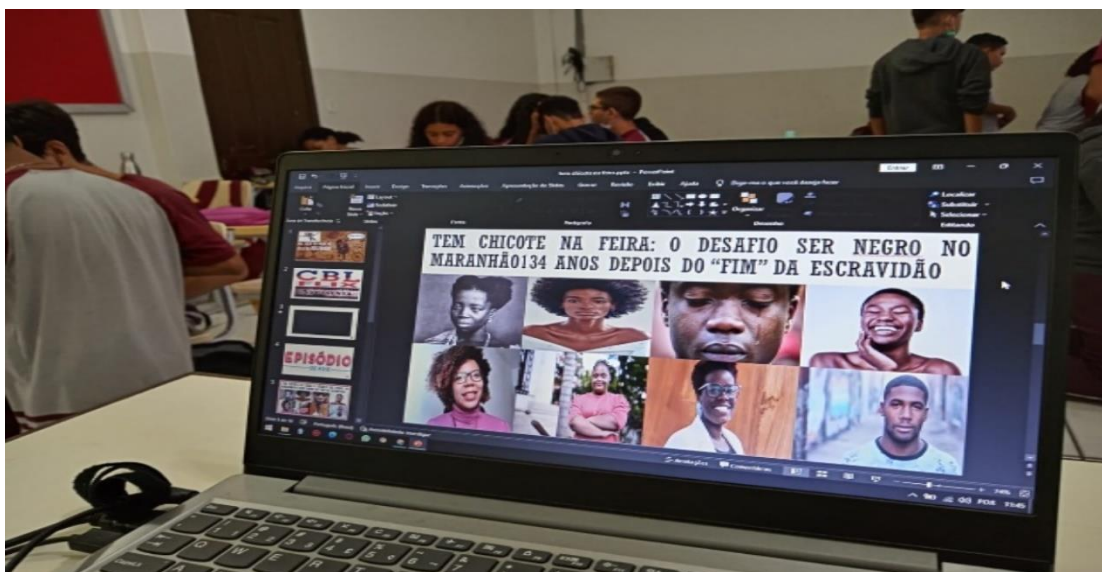
Segundo eles, a razão da escolha do trecho “*nas senzalas, o mesmo grito*” se justifica pelo fato de ser neste local onde os negros ficavam aprisionados e era lá onde se configurava “*o abuso físico que a comunidade sofria, mesmo sabendo lutar*” e também estava exposto “*o sofrimento da população negra*” e, por isso, “*só de ouvir essas palavras dar prá sentir a dor daqui, uma forte imagem da realidade*”. Com relação à canção *Negra Consciência*, os trechos citados foram: “*os negros não eram o público*”, “*Eles disseram liberdade, mas qual é o lugar do negro nessa sociedade?*” “*quem ia contratar preto escravizado?*” e “*foram 4 séculos de desumana exploração, foram 388 anos de escravidão*”. Segundo eles, as razões daqueles que escolheram essa canção são óbvias, visto que, ela aborda a questão de forma clara e contundente. Um dos alunos usou em sua justificativa o trecho “*consciência desigual*” e arrematou afirmando que “*ninguém ia querer contratar eles, pois eles eram negros*”, apontando para a questão da forte desigualdade social. Por fim, a única resposta que abordou as duas canções, segundo o

aluno não precisava destacar um trecho específico, pois, “*as duas fazem menção à escravidão, falam de senzala, quilombos, chicote e amarras*”.

Quanto à 14ª questão, as respostas foram muito positivas e encorajadoras. Um aluno afirmou que o uso de canções nas aulas de história é “*muito importante e proveitoso, espero que outros professores adotem esta metodologia*”. Outro afirmou que “*É muito útil, pois fortalece a história maranhense e acrescenta mais história a ela*”. Para uma moça “*Acho muito boa essa técnica, pois a partir das músicas podemos aprender mais sobre os assuntos de maneira mais leve*”. Uma outra aluna disse que “*Creio que seja uma forma mais evoluída, de certa forma, onde poderá fazer com os alunos prestem mais atenção nas aulas*”. Para uma outra aluna “*é um método de aprendizagem novo e eficiente*”. Segundo um rapaz “*acho que é positivo por estimular a nossa mente a analisar a letra*”. Outro disse que “*acho muito legal, uma forma diferente de aprender*”. Para outro “*muito boa, uma forma divertida de aprendizado*”. Para uma moça “*É bom ensinar a música da cultura negra*”. E, por fim, um rapaz afirmou ter gostado “*pois, fortalece o conhecimento sobre a cultura maranhense*”.

E, finalmente, a última pergunta: O fato de saber sobre o contexto histórico do qual a música trata, a biografia do compositor ou release da banda de cada uma das músicas, além de assistir ao vídeo clip das canções, ajudou em seu entendimento sobre o conteúdo? Por quê? Todos os alunos presentes responderam sim à pergunta e logo que a fiz, uma aluna levantou-se e disse “*sim, pois fortaleceu o meu conhecimento sobre o racismo*”. Outra aproveitou o ensejo e afirmou que “*sim, pois aprimora (reforça) o entendimento sobre o assunto*”. Um rapaz disse que sim, pois “*sem saber o contexto, é muito complicado ter o pleno conhecimento*”. Outro disse que sim “*porque a música busca revelar o que o negro sofreu e sofre*”. Uma moça, por sua vez, disse sim, “*pois, além de trazer fatos verídicos sobre a história brasileira, ainda traz um choque de realidade. Realmente, muito importante*”. E para terminar uma moça afirmou que “*sim, pois, além de ser muito divertido, é também dinâmico e também porque ela ensina a gente aprender*”.

Figura 6 - Atividade 2 - Tem chicote na feira: o desafio de ser negro no Maranhão 134 anos depois do fim da escravidão”.



Fonte: autor, 2022.

5 “♪MEU BEM, EU JÁ VOU ME EMBORA, PEÇO QUE NÃO VÁ CHORAR♪ 103”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral apresentar a canção maranhense como uma metodologia para o ensino da história do Maranhão a partir da experiência da aplicação do produto/blog *O Som Nosso de Cada Dia*, no Colégio Batista ludovicense. Nessa referida aplicação, a canção maranhense foi a própria fonte histórica, ou seja, o documento pelo qual se estabeleceu a relação ensino/aprendizagem mediada pelo professor e não que ela tenha sido usada somente como uma ilustração de alguma temática referente à história do Maranhão. Ou ainda como costumeiramente se faz, que ela tenha sido analisada de forma fragmentada apenas a letra separada da melodia e dos demais elementos que a constitui. Não, tratou-se aqui da canção como um todo, logo, nos interessou: a letra, a melodia, o gênero, os instrumentos, a gravação, mas também o compositor, o intérprete, o meio de divulgação empregado pelo cantor(a) ou banda e, especialmente, o contexto histórico a qual a canção se refere e de que forma este se relaciona com o tempo presente.

Além disso, está na origem deste trabalho uma preocupação que perpassa o âmbito, primeiramente, profissional, visto que, sou professor, mas também o da cidadania, pois, sou maranhense e tenho muito interesse na história do meu Estado. Essa preocupação a qual me referi diz respeito ao fato da disciplina história do Maranhão não compor mais o currículo das escolas maranhenses, quer sejam elas públicas ou particulares, e, como foi demonstrado essa ausência ou esquecimento/silenciamento da história maranhense nos livros e sistemas adotados em nossas escolas tem provocado prejuízos de várias ordens. Em especial, ela prejudica o estudante que deseja ingressar na UEMA, pois, essa instituição continua a exigir um vasto conteúdo a qual ele não teve acesso e isso, com certeza, dificultará a aprovação dele no certame, além, é claro, da privação de conhecer sua própria história e, isso, por si só, já é muito grave.

Essa ausência tem também dificultado o trabalho daquele docente que deseja lecionar a história do seu estado aos seus alunos, pois, entende que é fundamental que eles conheçam a si próprios. Contudo, para que isso venha acontecer, é necessário, antes de tudo, que conheçam a história local, ou seja, qual são as suas origens, seus heróis, as lutas ou revoluções que eventualmente tenham ocorrido em sua terra natal. O

¹⁰³ Rosa Amarela, compositor desconhecido. CD: O Melhor do Papete, 1997.

reconhecimento dessa importância da história local, obviamente, não exclui e nem concorre com a necessidade que os alunos têm de estudar os demais conteúdos da história, a saber, Geral, América, Brasil, Ásia e África. Não é este o sentido da proposição, mas também de possibilitar aos alunos um conhecimento mais amplo, inclusive, de sua própria cidade ou Estado. Todavia, a partir de 2009, com a adoção do ENEM como forma de acesso ao ensino superior pelas universidades brasileiras, especialmente, as federais, a história local, praticamente, sumiu dos livros didáticos.

Contudo, essa ausência não diz respeito somente aos estudantes e professores, ela afeta os demais maranhenses, notadamente, o povo, o maranhense comum, aquele que é esquecido/silenciado pela historiografia tradicional, mas que é tão bem decantado pelo cantor e compositor maranhense, Antônio Vieira, em suas canções que são verdadeiras crônicas, especialmente, de São Luís e de seus habitantes. Eu afirmo isso partindo do seguinte princípio questionador, qual seja, como alguém poderá ter orgulho de pertencer a um local, quer seja, cidade, estado ou país, sem conhecer a sua própria história? Escrevendo acerca dessa questão, o historiador Justo Gonzalez, afirma que:

Em certo sentido, esta história é uma autobiografia. Contudo, em lugar de começar com o meu nascimento, começa séculos antes, e narra toda uma série de acontecimentos que, no final, seriam determinantes na minha vida. Sem esses séculos passados, meu nascimento e toda a minha vida pareceriam flutuar no vazio (...) sem compreendê-la, não compreendo a mim mesmo. (GONZALEZ, 2011, p.7)

Partindo dessa perspectiva apontada por Gonzalez (2011), que o desconhecimento de sua própria história pode levar o indivíduo a não compreensão de si próprio, eu analisei o material usado na instituição na qual apliquei o meu produto por ocasião da aplicação do mesmo. E sem nenhuma surpresa e em total consonância com o que tenho afirmado nesse trabalho, não encontrei quase nada de Maranhão, na verdade, havia uma breve citação acerca da Balaiada juntamente com a Sabinada e uma menção a adesão do Maranhão à independência e só. O que fazer deste cenário? O professor de história tem duas alternativas: ele pode seguir normalmente, afinal, se não há determinado conteúdo, ele não deve nada a ninguém ou então, inconformado, ele irá em busca de soluções. Este trabalho aplica-se ao segundo caso, por isso, que foi pensado e desenvolvido um produto que reunia simultaneamente ludicidade e historicidade, visando o envolvimento e a formação dos alunos.

A aplicação do produto se deu através de oficinas, obviamente, essas oficinas que foram realizadas em novembro de 2021 e setembro de 2022, tratam-se de uma pequena

amostragem. Contudo, devo argumentar que dos meus doze anos em sala de aula, eu já venho utilizando a canção há pelo menos dez anos. E em todas as instituições pelas quais já passei e apliquei a música em minhas aulas, sempre houve boa aceitação e aprovação não somente os alunos aprovam, mas, da comunidade escolar como um todo quanto ao emprego dessa metodologia.

Apesar de mencionar o êxito na aplicação da canção no ensino da história baseado em vivências anteriores, eu não estou aqui garantindo o pleno sucesso dessa metodologia, não, eu não tenho e tão pouco estou oferecendo a panaceia. Afinal, não se trata de uma receita deixada pela avó que vai sendo replicada de geração em geração sempre com sucesso desde que seja seguida à risca. Não obstante, trata-se do relato de uma experiência que pode dar certo ou não se for replicada, apesar da grande propensão ao sucesso. Em função disso, eu considero relevante mencionar que quando afirmo que já emprego a música há, pelo menos, uma década em minhas aulas, estou me referindo à modalidade paródia, ou seja, trata-se de uma música construída partir de uma melodia já existente na qual é posta uma nova letra, que neste caso, o conteúdo que foi ministrado em sala de aula e que se deseja que permaneça vivo na memória dos alunos.

Todavia, a utilização da canção maranhense como metodologia, ou seja, como documento, como a fonte histórica a ser acessada e a partir dela se construir ou desenvolver o conteúdo de história do Maranhão descrita nesta dissertação constitui-se em uma abordagem inédita. E, por conta disso, não somente a produção desta dissertação, mas, do produto e a aplicação do mesmo foi marcada por muita expectativa, especialmente, pelo fato de utilizar a canção maranhense que geralmente é desconhecida por boa parcela dos maranhenses, mesmo pessoas mais idosas. Um outro motivo dessa expectativa residia no público a quem se destinava as oitavas destas canções, não me refiro aos professores, pois, espera-se que estes conheçam e sejam apreciadores da cultura maranhense, mas ao público destes professores, ou seja, os alunos. Que no caso são do 8º ano e têm em média 13 ou 14 anos e, por conta disso, eu receava o estranhamento deles para com a nossa canção.

Afinal, uma coisa é ouvir uma paródia de hits nacionais, já consagrados, tais como: De Repente Califórnia, do Lulu Santos; ou Vou Deixar, da banda mineira, Skank, que já foi, inclusive, tema de novela global. Outra coisa é ouvir Balaio das Balaiadas, do Antônio Vieira, um compositor que muitos maranhenses, infelizmente, ainda não conhecem, inclusive, os adultos. Interpretada por outro igualmente desconhecido em nível nacional e para a grande maioria dos maranhenses, George Gomes. Ou então ouvir

Senzalas, a canção do Nicéas Drumont, cantada pela fantástica Rosa Reis, praticamente, uma desconhecida para maioria e a partir destas duas canções construir o conhecimento histórico. Contudo, antes que alguns achem que desafinei por estabelecer tal analogia entre a música composta por maranhenses, especialmente, a dos compositores residentes aqui e aquela produzida no midiático eixo Rio-São Paulo e antes que isso possa gerar uma dissonância que não desejei criar e gerar certa quebra na harmonia, eu a explicarei.

Ora, tal comparação reside tão somente na questão do alcance ou projeção das músicas citadas, visto que, alguns artistas maranhenses ainda não atingiram a projeção nacional e não está vinculada a qualquer outro aspecto, como por exemplo, a suposta qualidade ou superioridade das últimas canções mencionadas em relação às primeiras. Apesar de saber que muitos maranhenses preferem a música vinda de fora em detrimento da canção composta por seus conterrâneos, uns por julgarem a canção maranhense inferior e indigna de ser ouvida e outros por puro desconhecimento, que em minha visão, é a maior causa da não-audição de nossas canções. Dito isso, passarei então a descrever acerca dos resultados da aplicação das oficinas e de seus impactos, tanto aqueles planejados dentro da ótica da intencionalidade da aula, quanto aqueles que espontaneamente brotaram por ocasião da aplicação da atividade e que se tornaram igualmente importantes quanto os esperados, visto que, representam a visão ou o posicionamento dos alunos diante de situações reais que permeiam a vida deles.

Nas oficinas relacionadas à atividade 1, a saber, *“Eita” povo invocado: a participação popular na Balaiada*, ficou demonstrado, claramente, o silenciamento/esquecimento da história do Maranhão, visto que, no material adotado pelo Colégio Batista Ludovicense a menção ao Maranhão foi mínima, ficou restrita a episódios como a Balaiada e a Adesão à Independência. Quando demonstrei essa ausência, os alunos lamentaram profundamente esse fato e se ressentiram dessa situação, inclusive, uma moça chegou a afirmar algo semelhante à visão de Gonzalez (2011), pois, segundo ela o povo que não conhece sua própria história não conhece a si próprio. E uma outra disse ainda que é muito importante estudar a história do Maranhão, afinal, temos uma história nossa e, via de regra, estuda-se a história do sudeste como se essa fosse a história do Brasil.

Se posso afirmar que houve sucesso quanto ao objetivo de levar os alunos a perceberem que, apesar de não aparecer nos livros, existe sim uma história do Maranhão e que ela tem vivenciado um processo acelerado de silenciamento/esquecimento. Também no tocante ao outro objetivo de fazê-los perceber que não somente homens

importantes, mas que pessoas comuns, assim como eles, lutaram e muitos lideraram movimentos de contestação da ordem excludente que existiu e que ainda persiste no Maranhão, eu acredito ter alcançado relativo sucesso a julgar pelas respostas, senão vejamos: quando aquela aluna disse que um povo que não conhece sua história não conhece a si próprio, ela terminou dizendo que através do estudo da história do Maranhão é possível perceber os erros do passado e não repeti-los, mas, também a ter orgulho dos acontecimentos históricos. Um rapaz afirmou que estudando a história do Maranhão é possível perceber o que houve antes do que é hoje e também compreender por qual processo de formação nós passamos.

Com relação à utilização da canção maranhense como metodologia para o ensino de história do Maranhão, mais uma vez, eu posso afirmar que foi um sucesso tanto na atividade 1 como na 2, senão vejamos: todos os alunos se manifestaram a favor da metodologia, pois, segundo eles ajuda na manutenção da atenção e conseqüentemente dinamiza o aprendizado. Outro argumento favorável a utilização da metodologia foi que além de ser legal, na hora da prova é mais fácil lembrar do conteúdo, é só cantarolar. Eles também apresentaram um argumento que, de certa forma, foi uma espécie de cobrança pelo fato de já ter usado a modalidade paródia, qual seja, que música/história é uma metodologia interessante, por isso, deveria aparecer mais vezes. E, por fim, o argumento que soou como a mais bela melodia que meus ouvidos já sentiram, segundo eles, foi uma experiência muito importante porque aprendemos com música de nossa região.

Na atividade 2, por exemplo, uma moça disse que essa metodologia se tratava de algo muito importante e proveitoso, por isso, esperava que outros professores a adotassem. Segundo um rapaz a aplicação da metodologia era algo útil, pois, fortalecia a cultura maranhense e acrescentava mais história a ela. Uma moça, por sua vez, disse que este era um método novo e eficiente de aprendizagem. Uma outra afirmou que essa era uma boa técnica, visto que através das músicas era possível aprender os assuntos de maneira mais leve. E segundo outra moça essa era uma forma mais evoluída de ensinar e, por conta disso, os alunos poderiam prestar mais atenção no que estava sendo ensinado. Para um rapaz essa metodologia era muito boa, pois, era uma forma divertida de aprendizado. Para outro rapaz, a metodologia era positiva, pois, na visão dele a análise da letra da canção estimula a mente dos alunos. E, por fim, uma moça afirmou ter gostado muito da metodologia pelo fato de fortalecer o conhecimento sobre a cultura maranhense

E, uma vez que já adentramos, continuemos com o relato da atividade 2, a saber, *“Tem chicote na feira: o desafio ser negro no Maranhão 134 anos depois do “fim” da*

escravidão”, cujo objetivo era demonstrar que apesar de não existir mais legalmente a escravidão em nosso país, ela tem resistido em nos assombrar, visto que, com certa frequência aparece notícias de pessoas encontradas trabalhando em condições análogas à escravidão. Além desse objetivo já citado, um outro também norteou essa atividade, qual seja, de levar os alunos a perceberem que os resquícios dessa tenebrosa prática de quase quatro séculos, estão presentes em nosso cotidiano e podem ser percebidos nas piadas racistas, nas várias dificuldades enfrentadas pela população negra de ter uma boa moradia, um bom emprego, avançar nos estudos, não ser vítima de violência policial, entre tantas outras. E, um último objetivo, talvez o mais importante, que fazê-los entender que não basta ser contra o racismo, é preciso combatê-lo veementemente.

Com relação a essa atividade, eu acredito que o sucesso foi total, senão vejamos: desde o primeiro contato com a turma para o engajamento, ficou demonstrado que os alunos estavam dispostos a participar, visto que, foi grande a euforia quando falei acerca da atividade. E, à medida em que atividade avançava, era grande a indignação da turma quando os documentários foram exibidos, os alunos externaram isso através dos gestos e das falas. Depois com a demora para concluir a atividade, eles sempre me perguntavam quando seria o debate. No que tange aos resultados, ficou demonstrado, claramente, a forte presença do racismo estrutural, praticamente, todos relataram casos de violência contra a população negra, casos de racismo, inclusive, uma aluna disse já ter sido vítima algumas vezes. E quando perguntados sobre as “piadas” racistas, em sua maioria, disseram conhecer e muitos ouviram no ambiente familiar. Resultado semelhante quando perguntados sobre o conhecimento de expressões racistas, tipo: “nigriagem”, “a coisa tá preta”, “inveja branca”, “preto de alma branca”, “não sou tuas ‘negas”.

Contudo, a grande demonstração do racismo estrutural foi configurada quando os alunos tiveram a oportunidade de si autodefinirem e quando foi solicitado para eles citassem pessoas negras com formação superior e também qual era o mais importante que eles conheciam. Eu senti uma certa reticência nos alunos em si identificarem como sendo negros, apesar de uma aluna ter se declarado negra, sendo que ela pode facilmente ser classificada como socialmente branca. Os meninos, por exemplo, socialmente classificados como negros, se autodeclararam pardos e aqueles socialmente classificados como pardos, se declararam brancos. O interessante com relação a isso é que todos os alunos quando perguntados sobre o que pensavam sobre a população negra, foram unânimes no sentido de valorização e respeito. Eles responderam que eram “pessoas

importantes”, “a melhor coisa do mundo”, “pessoas que deveriam ser respeitadas e ter direitos iguais aos brancos”, entre outras respostas.

Não obstante, o caso mais emblemático foi com relação às pessoas socialmente classificadas como negras com formação superior e também a mais importante que eles conheciam. Primeiro, porque mesmo que a maioria dos alunos não tenha se identificado socialmente como negro, eles têm os pais que são negros e estes são as pessoas mais importantes e praticamente são as únicas pessoas negras que eles conhecem com o ensino superior. Visto que somente dois alunos fugiram desse padrão ao mencionarem o professor de matemática que é socialmente identificado como negro. Foi exatamente essa situação que mais me impactou, pois, dos 23 alunos, apenas dois se lembraram do professor. O detalhe é que ele é o único professor de matemática da instituição, é um dos funcionários mais antigos da instituição e leciona atualmente do 6º ao 9º ano. E mesmo tendo cinco aulas semanais em cada uma das turmas e apesar do carinho e prestígio que goza junto à comunidade escolar, ele é invisível e, praticamente, não existe, pelo menos para 21 alunos.

Este caso do professor de matemática, é meu entendimento, constitui-se em uma prova do racismo estrutural. Eu fundamento essa afirmativa baseado na análise das respostas do questionário, visto que, todos consideram os socialmente identificados como negros, “pessoas importantes” e ainda que a sociedade “deve tratá-los com todo respeito que eles merecem”. Ainda como fundamento, eu parto da análise do contexto no qual se desenrola a trama, afinal, o conheço muito bem pelo fato de trabalhar lá. E apesar daquele professor lecionar matemática, uma matéria que geralmente provoca o medo, amor e o ódio, ao mesmo tempo, aquele distinto professor é bem quisto, especialmente, pelos alunos. Na verdade, é, praticamente, impossível esquecer essa matéria e seu professor, tanto pela quantidade hora/aula em cada turma e também pelo tempo que já ensina essa turma. Ainda assim, mesmo com tudo isso que foi dito, somente dois alunos de vinte e três mencionaram o professor em suas respostas.

Então, em face disso, eu pergunto: o explica este estado de invisibilidade do professor socialmente identificado como negro? Seria apenas a admiração que eles têm pelos pais a ponto de esquecer do professor ou esse professor tem na pele a tonalidade que o torna invisível sem que os alunos ao menos se deem conta disso? Qual é a parcela de culpa da ausência da matéria história do Maranhão, tendo em vista que, este estado está entre aqueles com o maior percentual de pessoas pretas ou pardas do Brasil, 76,2%

da população¹⁰⁴? E se tivesse a matéria história do Maranhão que retratasse a nossa história e mostrasse as lutas dos menos favorecidos, como por exemplo, da população socialmente identificados como negros, a situação poderia ser diferente? Enquanto professor de história, qual é a sua parcela de culpa pelo estado de esquecimento/silenciamento que a História do Maranhão vivencia hoje? E, finalmente, a ausência da disciplina história do Maranhão é fator de angústia ou é um alívio por ter menos conteúdo para ensinar?

Nesse momento em que me encaminho para os acordes finais desta composição, talvez alguns desejem respostas definitivas, contudo, eu vou logo avisando, não há respostas definitivas, inclusive, para muitos questionamentos levantados por este que vos escreve, pois, como já afirmava um poeta nos idos dos anos 90, “a dúvida é o preço da pureza e é inútil ter certeza¹⁰⁵” e, afinal, se a história é feita de permanências, é, também de mudanças. E, acima de tudo, não era esse o objetivo desta composição, ser definitiva. Na verdade, este trabalho consiste em uma proposta de aplicação da canção maranhense como metodologia para o ensino da história do Maranhão e o meu desejo é que esta seja apenas as primeiras notas ou acordes de uma longa canção de luta em prol do direito de os maranhenses conhecerem a sua própria história. E tão logo que essas incipientes notas alcancem novos ouvidos e sensibilidades, que outros compositores possam se juntar a mim e se acaso não gostarem dessa melodia que ora escrevo, eles podem e devem compor outras e outras mais.

Àqueles que aceitarem o convite e se juntarem a mim, eu vou logo avisando que se trata de uma luta hercúlea, mas que decerto vale a pena. Apesar da historiografia de viés mais tradicional em um processo contínuo de escrita da história do Maranhão insistir no silenciamento/esquecimento da participação do povo nas lutas e do protagonismo deste segmento social. Contudo, a única certeza que tenho é que precisamos continuar travando essa luta! Afinal, se o cantor e compositor, João do Vale, ainda estivesse vivo e me concedesse a honra de assinar comigo estas considerações finais, ele não precisaria de muitas páginas e iria logo avisando: “Eu sou a flor que o vento jogou no chão/Mas ficou um galho prá outra flor brotar/ A minha flor o vento pode levar/Mas o meu perfume fica boiando no ar”¹⁰⁶. E se esse privilégio se estendesse ao cantor e compositor, César

¹⁰⁴ <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/11/para-tem-maior-percentual-dos-que-se-declaram-pretos-ou-pardos-diz-estudo.html>. Acesso em 28/12/2022 às 7:47 hs.

¹⁰⁵ Infinita Highway, artista: Engenheiros do Hawaii. Álbum: A Revolta dos Dândis, 1987.

¹⁰⁶ A voz do povo, de João do Vale, Álbum: João do Vale - O Poeta do Povo, 1965.

Teixeira, também assinando essas considerações comigo, ele, por semelhante modo, conclamaria ao embate afirmando que “hoje não se consente esperar”¹⁰⁷ e arremataria garantindo que “Com as bandeiras na rua, ninguém pode nos calar”¹⁰⁸. Então, lutemos!!!

¹⁰⁷ Oração Latina, César Teixeira. Composta no ano de 1982.

¹⁰⁸ Oração Latina, César Teixeira. Composta no ano de 1982.

REFÊRENCIAS

AGUIAR, Thaís Cardoso Guimarães de. GUISSO, Luana Frigulha. A importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem da Educação Infantil: um estudo de caso em Presidente Kennedy-ES. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 05, Vol. 13, pp. 69-110. Maio de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/ludico-no-processo>

ALENCAR, Fábio Aquiles Martins de. ONDE HÁ FOGO, HÁ MÚSICA: a repressão militar nas décadas de 1960 e 1970 cantada e contada por cantores maranhenses. São Luís, 2006.

BARROS, José D'Assunção. O campo da história: especialidades e abordagens. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. José D'Assunção. O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Identidade nacional e ensino de história do Brasil. In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BOTELHO, Joan. Conhecendo e debatendo a história do Maranhão. São Luís: Gráfica e Editora Impacto, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

CANDÉ, Rolland de. História universal da música: volume 1. Tradução Eduardo Brandão: revisão da tradução Marina Appenzeller. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Rolland de. História universal da música: volume 2. Tradução Eduardo Brandão: revisão da tradução Marina Appenzeller. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARRASQUEIRA, Antônio Carlos Moraes Dias. Considerações sobre o ensino da música no Brasil. https://www.researchgate.net/publication/326885346_Consideracoes_sobre_o_ensino_d_e_musica_no_Brasil. Acesso em 15/11/2022 às 23.

CERRI, Luís Fernando. Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. tradução de Maria de Lourdes Menezes; *revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incerteza e inquietude. Patrícia Chittoni Ramos (Trad.). Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto / John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008, v. 1

GAMBIM, Maria de Cecco; GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. COMPREENSÃO DA HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA SOCIAL DA CRIANÇA. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2016.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Márcio Henrique Baima. ENSINO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO: Limites e possibilidades. IN: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, Florianópolis-SC, 2015.

_____. Márcio Henrique Baima. A História do Maranhão no Currículo do Ensino Médio (1996 – 2016), São Luís, 2017.

GONZALEZ, Justo L. História Ilustrada do Cristianismo: a ERA DOS MÁRTIRES ATÉ A ERA DOS SONHOS FRUSTRADOS/ Justo L. GONZALEZ: TRADUÇÃO Hans Udo Fuchs, Key Yuasa – 2 ED. REV.COM ROTEIRO DE LEITURA. – São Paulo: Vida Nova, 2011.

HERMETO, Miriam. Canção popular e ensino da história: palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. – (Coleção Práticas Docentes, 2)

HOBBSAWM, Eric J. Sobre História; tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JAEGER, W. Paidéia. A formação do homem grego. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KARNAL, Leandro. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LE GOFF, Jacques. História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINS, Dayse Marinho. CURRÍCULO E HISTORICIDADE: A disciplina História do Maranhão no sistema público estadual de ensino (1902 – 2013). – São Luís, 2014.

MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio. A BALAIADA NA SALA DE AULA: ensino de História do Maranhão Imperial e a produção do paradidático “A Guerra da Balaiada”, São Luís, 2018.

MEIRELES, Mário M. História do Maranhão. São Paulo: Siciliano, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. História & música – história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NASCIMENTO, Francisca Maria Lopes Menezes. MÚSICA POPULAR MARANHENSE NO ENSINO MÉDIO: um estudo pré-experimental com estudantes de Arte do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís/MA, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos Ídolos. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de; OLIVEIRA, André Luiz Correia Gonçalves de. A MÚSICA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE AÇÕES MUSICAIS PARA PROFESSORES NÃO ESPECIALISTAS. IN: (In)Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico]: linguística, letras e artes / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

PARREÃO, Lucas Costa. Música no ensino de história: a Canção Popular Brasileira como documento em sala de aula / Lucas Parreão Costa. – São Luís, 2017.

PAVÃO, Zíngara Merice de Castro. Antônio Vieira: arte e expressão da música maranhense / Zíngara Merice de Castro Pavão. - São Luís, 2005.

PH: 8º ano, ensino fundamental, anos finais: caderno 3: história: manual do professor / Fernanda Scherer Neves da Rocha... (et al) - - 2. ed.: São Paulo: SOMOS Sistema de Ensino, 2020.

PINSKY, Carla Bassanezi. Novos temas nas aulas de história. 1ª ed, 2ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

RUDÉ, George. A multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

RÜSEN, Jörn. História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico; tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. Jörn. Contribuições para uma teoria da didática da história/ organizadores: Maria Auxiliadora, Estevão de Rezende Martins – Curitiba: W. A. Editores Ltda., 2016.

SANTOS, Ricarte Almeida. Música Popular Maranhense e a Questão da Identidade Cultural Regional. São Luís, 2012.

São Paulo: Saraiva, 1996. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

SALOMÃO, Kathia. O ENSINO DA MÚSICA NO MARANHÃO (1860-1912): lugares, práticas e livros escolares. São Luís: EDUFMA, 2016.

SARAIVA, João Gilberto Neves. POR QUE AINDA CRIAR UM BLOG EM TEMPOS DE INSTAGRAM? REVENDO POSSIBILIDADES NUMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE HISTÓRIA NA “GALÁXIA DOS CELULARES”. IN: BUENO, André; Neto, José Maria (org.) Ensino de História: Mídias e Tecnologias. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020. ISBN: 978-65-00-02130-1 534pp.

SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2008.

SILVA, Carlos Eduardo Valdez da. E a música nessa História? A música no ensino de História da África e da cultura afro-brasileira / Carlos Eduardo Valdez da Silva. – 2016.89f.

SOBANSKI, Adriane de Quadros. Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções: metodologia, ensino médio. Curitiba: Base Editorial, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese de história da cultura brasileira. 20ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.

SOUSA, Luís Lima de/CABRAL, Geovanni Gomes. HISTÓRIA LOCAL NA BNCC: UMA ABORDAGEM POUCO ESSENCIAL. IN: V Encontro de pós-graduação Ciência, Pandemia e Amazônia: limites e possibilidades da pesquisa na pós-graduação, 16 a 19 de novembro de 2020. UNIFESSPA/PROFIT

TATIT, Luiz. O século da canção. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

VEYNE, Paul Marie. Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiadora Kneipp. 4ª ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.285 p.

VIVEIROS, Jerônimo de. Benedito Leite: um verdadeiro republicano. Rio de Janeiro: Indústrias Gráficas Tavira, 1957.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA APLICADA À BANDA ANTÍDOTOS SOCIOLÓGICOS

Esta entrevista compõe a dissertação de mestrado intitulada HISTÓRIA (EM)CANTO: O CACIONEIRO MARANHENSE COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO, autoria de Misael Rodrigues Oliveira, sob a orientação da professora Mônica Ribeiro Moraes de Almeida. Assim, pode ser que vocês estranhem algumas perguntas, contudo, todas são fundamentais na composição dessa dissertação. A justificativa para as tais perguntas reside no fato que a proposta deste trabalho é rechaçar a tradicional abordagem sobre música e história que, via de regra, fixa sua análise na letra da música.

- 1- Em ano a Banda foi fundada?
- 2- Qual é a formação original da Banda? É a mesma de hoje?
- 3- Qual é a origem(significado) do nome da Banda?
- 4- Quais são as principais influências da Banda?
- 5- De que maneira as novas canções diferem das primeiras composições?
- 6- O que vocês pensam sobre a venda de música on-line(downloads)? E os downloads ilegais? Vocês acham que o formato digital pode superar totalmente o físico?
- 7- Como geralmente é o processo de composição da Banda?
- 8- Quais são os planos da Banda para o futuro? Previsão para um próximo trabalho?

SOBRE A MÚSICA CONSCIÊNCIA NEGRA EM ESPECIAL:

- 9- Qual o ano da composição desta canção?
- 10- A qual disco ela pertence?
- 11- Quem são os compositores?
- 12- Qual é a tonalidade?
- 12- Qual é a harmonia da música(cifra)?
- 13- Por que o blues para esta canção?
- 14- Por que as vozes femininas?
- 15- Por que a Mila Camões e Débora Melo?

13- Vocês podem explicar a letra da canção (do que trata, as partes mais emblemáticas)?

14- E, por fim, vocês podem, por favor, conferir se a letra da música está escrita corretamente?

CONSCIÊNCIA NEGRA

Qual é a cor da humanidade em séculos de exploração nessa nação?

Abolição de papel, que amassa, rasga, queima e se desfaz sem ter lugar

Liberdade sem reparação, segregação camuflada “deixai fazer, deixai passar”

Vidas entre latifúndios, vidas “favelizadas”, “deixai servir ou deixai morrer”

DECLAMADO:

Quase quatro séculos de desumana exploração

Foram 388 anos de escravidão

Uma abolição sem reparação, nada.

Eles disseram liberdade, mas qual o lugar do negro nessa sociedade?

Nos campos resistimos como comunidades, quilombos

Sempre cercados de cercas latifundiárias

Desde de 1850, a Lei de Terras definiu que só se tem terra comprando

A forma de dizer que nenhuma terra teria os pretos

Que produziram a riqueza deste país por mais de três séculos com suor e sangue

Veio a República, no nome a promessa, coisa pública

Mas os negros não eram o público

Eram plateia que assistiam a República dos imigrantes europeus trazidos para trabalhar

Quem que ia contratar preto ex-escravizado?

Nem no campo nem na cidade, “favelidade”

E assim foi durante toda a Era Vargas,

A política de branquear a população, eugenia.

Foi preciso um hotel em São Paulo barrar a afro-americana Catherine Durant

Consagrada artista e intelectual para a lei Afonso Arinos proibir a discriminação racial

Ninguém foi condenado em anos, 1950, irmão.

Há leis em nosso país que não pegam, mas o racismo pega e mata
Anos depois, 1964, ditadura militar, todo preto que denunciava a falsa democracia racial era chamado de comunista, comunista!

E vocês até hoje caem nessa pilha

Quando chega a redemocratização, já eram cem anos sem reparação

Silêncio, silêncio estatal total e vocês compartilhando vídeo do Morgam Freeman

Como grande novidade e solução

O silenciamento sobre o racismo sempre foi a regra

Resistiremos, continentes negros.

Consciência negra, consciência desigual

Consciência que não, não há democracia

Consciência negra, consciência desigual

Consciência que não, não há democracia racial

APÊNDICE B – ENTREVISTA APLICADA À BANDA FILTRO DE BARRO

Esta entrevista compõe a dissertação de mestrado intitulada HISTÓRIA (EM)CANTO: O CACIONEIRO MARANHENSE COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO, autoria de Misael Rodrigues Oliveira, sob a orientação da professora Mônica Ribeiro Moraes de Almeida. Assim, pode ser que vocês estranhem algumas perguntas, contudo, todas são fundamentais na composição dessa dissertação. A justificativa para as tais perguntas reside no fato que a proposta deste trabalho é rechaçar a tradicional abordagem sobre música e história que, via de regra, fixa sua análise na letra da música.

- 1- Em ano a Banda foi fundada?
- 2- Qual é a formação original da Banda? É a mesma de hoje?
- 3- Qual é a origem(significado) do nome da Banda?
- 4- Quais são as principais influências da Banda?
- 5- De que maneira as novas canções diferem das primeiras composições?
- 6- O que vocês pensam sobre a venda de música on-line(downloads)? E os downloads ilegais? Vocês acham que o formato digital pode superar totalmente o físico?
- 7- Como geralmente é o processo de composição da Banda?
- 8- Quais são os planos da Banda para o futuro? Previsão para um próximo trabalho?

SOBRE A MÚSICA OS AZULEJOS DA CIDADE EM ESPECIAL:

- 9- Qual o ano da composição desta canção?
- 10- A qual disco ela pertence?
- 11- Quem são os compositores?
- 12- Qual é a tonalidade?
- 12- Qual é a harmonia da música(cifra)?
- 13- Vocês podem explicar a letra da canção (do que trata, que mensagem desejam levar)?
- 14- Vocês podem, por favor, conferir se a letra da música está escrita corretamente, pois, tive dificuldade em entender uns trechos que estão em

vermelho?

NOS AZULEJOS DA CIDADE

Nos azulejos da cidade repousam a miséria e a crueldade
Escravos que ergueram tudo debaixo do sol (não entendi) da maldade
De uma elite ignorante que se achava demais exuberante
Nos encantou tanta soberba, do melhor português, Atenas brasileira

Nos azulejos da cidade repousam a miséria e a crueldade
A beira-mar tem (não entendi) sobrados fantasmas que moram ali
O pôr do sol em cada mirante faz cada um se sentir mais importante

Em cada beco uma serpente kamikaze
Aqui na ilha naufragamos em vontade
E só nos restam os azulejos da cidade
E só nos restam os azulejos da cidade

APÊNDICE C – ENTREVISTA APLICADA À BANDA GUETOS

Esta entrevista compõe a dissertação de mestrado intitulada HISTÓRIA (EM)CANTO: O CACIONEIRO MARANHENSE COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO, autoria de Misael Rodrigues Oliveira, sob a orientação da professora Mônica Ribeiro Moraes de Almeida. Assim, pode ser que vocês estranhem algumas perguntas, contudo, todas são fundamentais na composição dessa dissertação. A justificativa para as tais perguntas reside no fato que a proposta deste trabalho é rechaçar a tradicional abordagem sobre música e história que, via de regra, fixa sua análise na letra da música.

- 1- Em ano a Banda foi fundada?
- 2- Qual é a formação original da Banda? É a mesma de hoje?
- 3- Qual é a origem(significado) do nome da Banda?
- 4- Quais são as principais influências da Banda?
- 5- De que maneira as novas canções diferem das primeiras composições?
- 6- O que vocês pensam sobre a venda de música on-line(downloads)? E os downloads ilegais? Vocês acham que o formato digital pode superar totalmente o físico?
- 7- Como geralmente é o processo de composição da Banda?
- 8- Quais são os planos da Banda para o futuro? Previsão para um próximo trabalho?

SOBRE A MÚSICA O PESO DA DESIGUALDADE EM ESPECIAL:

- 9- Qual o ano da composição desta canção?
- 10- A qual disco ela pertence?
- 11- Quem são os compositores?
- 12- Qual é a tonalidade?
- 12- Qual é a harmonia da música(cifra)?
- 13- Vocês podem explicar a letra da canção (do que trata, qual é a mensagem que desejam levar)?
- 14- Vocês podem, por favor, conferir se a letra da música está escrita corretamente, pois, tive dificuldade em entender uns trechos que estão em

vermelho?

O PESO DA DESIGUALDADE

Nos quatro cantos do mundo

Essa política sem regras é sempre tão vazia

Nunca prima em prol do bem comum

Mas a sociedade tem que ter brilho e ideologia

Lute contra a desigualdade

Lute contra toda hipocrisia

Lute contra o babilonismo

E sua vã filosofia

Lute contra a desigualdade

Lute contra toda hipocrisia

Lute contra o babilonismo

E sua vã filosofia

Apocalípticamente o tempo e essa crise nunca tem fim

A raça humana e toda a sua incoerência faz o mundo ser assim

No meio da selva de pedra o corpo a corpo que convém

É contra-atacar esse sistema, esse sistema onde ninguém é de ninguém

Existem pedras no caminho e uma vida prá viver

Existem rosas e espinhos, temos muito que aprender

O peso da desigualdade aumenta todo santo dia

Mas ninguém pode viver às margens da cidadania

APÊNDICE D – ENTREVISTA APLICADA A BETO EHONG/BANDA NEGO KA'APOR

Esta entrevista compõe a dissertação de mestrado intitulada HISTÓRIA (EM)CANTO: O CANCIONEIRO MARANHENSE COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO, autoria de Misael Rodrigues Oliveira, sob a orientação da professora Mônica Ribeiro Moraes de Almeida. Assim, pode ser que você estranhe algumas perguntas, contudo, todas são fundamentais na composição dessa dissertação. A justificativa para as tais perguntas reside no fato que a proposta deste trabalho é rechaçar a tradicional abordagem sobre música e história que, via de regra, fixa sua análise na letra da música.

- 1- Em ano a Banda foi fundada e foi extinta?
- 2- Qual era formação original da Banda? (integrantes/instrumentos)
- 3- Qual é a origem(significado) do nome da Banda?
- 4- Quais eram as principais influências da Banda?
- 5- O que você pensa sobre a venda de música on-line(downloads)? E os downloads ilegais? Você acha que o formato digital pode superar totalmente o físico?
- 6- Como geralmente era o processo de composição da Banda?

BETO EHONG

- 7- Em que ano você nasceu?
- 8- Onde você nasceu?
- 9- Qual são as tuas principais influências musicais?
- 10- Você começou a trabalhar com música quando?
- 11- O que você pensa sobre a venda de música on-line(downloads)? E os downloads ilegais? Você acha que o formato digital pode superar totalmente o físico?
- 12- Você acredita que se a banda NEGO KA'APOR tivesse surgido nesses tempos dominados pelas mídias sociais poderia ter tido um outro desfecho?
- 13- Atualmente, você está envolvido em quais projetos?
- 14- Quais são os seus planos para o futuro? Previsão para um próximo trabalho?

SOBRE A MÚSICA MARIA DE JESUS EM ESPECIAL:

15- Qual o ano da composição desta canção?

16- A qual disco ela pertence?

17- Quem são os compositores?

18- Qual é a tonalidade?

19- Qual é a harmonia da música(cifra)?

20- Você pode explicar a letra da canção (do que trata, as partes mais emblemáticas)?

21- Você pode, por favor, conferir se a letra da música está escrita corretamente?

Segue a letra:

MARIA DE JESUS

Maria de Jesus tá virando bicho

No meio da feira tá catando lixo

Maria de Jesus não tem onde more

Na sacola fruta podre para alimentar a prole

Quem viu, quem verá?

Que esse dinheiro não bastava

Que a mão que ascende a brasa

É a mesma que apaga

Quem viu, quem verá?

Os moleques na calçada

Os sinais de olhos vermelhos

Espera na encruzilhada

Quem viu, quem verá?

Tem tomate tem cebola

Um pedaço de cenoura

Por neném não chorar

Quem viu, quem verá?

No peito tem muita mágoa
De uma vida sempre amarga
É suportar e suportar

Maria de Jesus tá virando bicho
No meio da feira tá catando lixo
Maria de Jesus não tem onde more
Na sacola fruta podre para alimentar a prole

APÊNDICE E - ENTREVISTA APLICADA A ERASMO DIBELL

Esta entrevista compõe a dissertação de mestrado intitulada HISTÓRIA (EM)CANTO: O CANCIONEIRO MARANHENSE COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO, autoria de Misael Rodrigues Oliveira, sob a orientação da professora Mônica Ribeiro Moraes de Almeida. Assim, pode ser que você estranhe algumas perguntas, contudo, todas são fundamentais na composição dessa dissertação. A justificativa para as tais perguntas reside no fato que a proposta deste trabalho é rechaçar a tradicional abordagem sobre música e história que, via de regra, fixa sua análise na letra da música.

- 1- Em que ano você nasceu?
- 2- Onde você nasceu?
- 3- Quais eram as principais influências musicais?
- 4- Você começou a trabalhar com música quando?
- 5- Em geral, como é seu o processo de composição?
- 6- Atualmente, você está envolvido em quais projetos?
- 7- Quais são os seus planos para o futuro? Previsão para um próximo trabalho?
- 8- O que você pensa sobre a venda de música on-line(downloads)? E os downloads ilegais? Você acha que o formato digital pode superar totalmente o físico?

SOBRE A MÚSICA FILHOS DA PRECISÃO EM ESPECIAL:

- 9- Qual o ano da composição desta canção?
- 10- A qual disco ela pertence? E em qual ano foi gravada por você?
- 11- Somente você é o compositor?
- 12- Qual é a tonalidade?
- 13- Qual é a harmonia da música(cifra)?
- 14- Você pode explicar a letra da canção (do que trata, as partes mais emblemáticas)?
- 15- E, por fim, você pode, por favor, conferir se a letra da música está escrita corretamente? Segue a letra:

FILHOS DA PRECISÃO

Pelas marginais, passarão meninos
Guardando o país por quem batem os sinos
Se pelas catedrais, os filhos da precisão
Pediram mais por outro destino
Do que por sair da lama
Com pose de dama em carnavais
Pelas marginais, passarão meninos
Guardando o país por quem batem sinos
Se pelas catedrais, os filhos da precisão
Pediram mais por outro destino
Do que por sair da lama
Com pose de dama em carnavais
Esquecerão as dores
Lembrarão de Deus
Num porvir que aflore dor
Pelas marginais, passarão meninos
Guardando o país por quem batem os sinos
Se pelas catedrais, os filhos da precisão
Pediram mais por outro destino
Do que por sair da lama
Com pose de dama em carnavais
Esquecerão as dores
Lembrarão de DEUS
Num porvir que aflore dor

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA**

Produto Educacional

Blog: O SOM NOSSO DE CADA DIA

MISAEEL RODRIGUES OLIVEIRA

Apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHistória/UFMA, na Linha de Pesquisa “Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória”, sob a orientação da prof.^a Dra. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

**São Luís
2023**

Produto Educacional

Blog: “O SOM NOSSO DE CADA DIA”

O SOM NOSSO DE CADA DIA é, na verdade, o produto educacional desenvolvido pela dissertação HISTÓRIA (EM)CANTO: O CANCIONEIRO MARANHENSE COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO MARANHÃO, junto ao Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHistória/UFMA, na Linha de Pesquisa “Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória”, sob a orientação da prof.^a Dra. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida. Este é, pois, um blog educativo composto por propostas de atividades que utilizam a canção maranhense como metodologia para o ensino da história do Maranhão, ou seja, a canção aqui é o documento, a fonte histórica e foi a partir dela que os conteúdos foram ministrados nas duas atividades aplicadas inicialmente. É fundamental dizer ainda que, por conta da proposta deste estudo, qual seja, de dar voz aos silenciados da história ou excluídos, o tipo ou teor das canções escolhidas para o cumprimento dessa empreitada foram exatamente aquelas de viés mais contestatório ou de denúncia social, independente do ritmo ou gênero musical.

No decorrer do processo de composição e confecção deste produto, percebi que uma cartilha ou um paradidático que eram propostas iniciais traziam em si algo que se chocava com a concepção deste trabalho, a saber, que é divulgar e promover o ensino da história do Maranhão, pois, este poderia ser apenas mais um livro esquecido e/ou armazenado em algumas bibliotecas ou simulacros de bibliotecas nas quais eu conseguisse distribuí-lo. Considero importante mencionar ainda que a própria forma como o mestrado aconteceu acabou cancelando esta opção do formato on-line do produto, isto porque, a pandemia transformou um mestrado que seria completamente presencial em totalmente remoto e até mesmo a orientação deu-se de forma on-line, a minha orientadora, por exemplo, é da UFMA/Grajaú- MA e eu da UFMA/São Luís- MA, nunca nos encontramos de forma presencial. Por tudo isso, me convenci, na prática, que o alcance deste trabalho seria muito maior se o fizesse no formato digital e on-line.

E, por fim, mais não menos importante, algo que talvez tenha sido o fiel da balança da escolha por este formato, a saber, um desejo de poder continuar atualizando o produto mesmo após a defesa desta dissertação e isso só será possível neste formato digital e on line, pois, basta ir alimentando o blog e, dessa forma, este trabalho pode continuar a expandir-se neste inesgotável universo de possibilidades que é a internet. É claro que para este desejo venha a concretizar-se ele não dependerá somente de mim, com certeza, será necessário a valiosa contribuição dos que vierem fazer uso do blog e mediante o feedback destes, ou seja, por meio das sugestões que possam surgir e, principalmente, das críticas, visto que, entendemos que elas são uma oportunidade de crescimento e assim o blog O Som Nosso de Cada Dia continue a ser melhorado e expandido continuamente. Eis o endereço de acesso para que você possa dar um colorido ou uma nova sonoridade às suas aulas de história. <https://somnoossodecadadiaa.blogspot.com/>



Figura 1 – Blog página inicial



Figura 2 – Posts do Blog

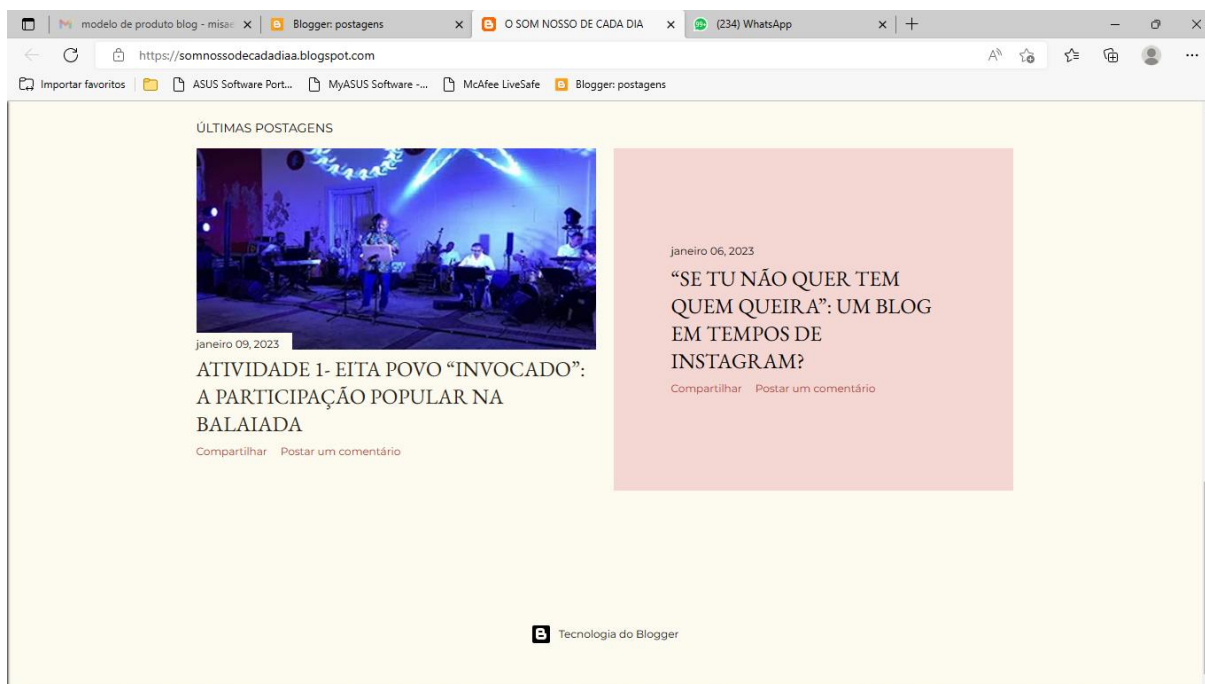


Figura 3 – Posts do Blog